

*"O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo, e os rios cresceram, e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas."*

Cibae Ewororo — ou Lourenço  
Rondon —  
índio Bororo, de Mato Grosso

*Intenção deste livro é divulgar, de forma mais sistemática, conhecimentos sobre a existência de línguas indígenas no Brasil e sobre as relações que se vão descobrindo entre elas. Por seu caráter de divulgação, não se destina apenas aos especialistas no assunto, mas ao público em geral, interessado no descobrimento das nações indígenas deste país. O Autor gostaria especialmente de alcançar com este trabalho os próprios índios que porventura busquem ter uma informação de conjunto sobre a situação da língua de cada um em relação à língua de todos.*

ARYON DALL'IGNA RODRIGUES

LÍNGUAS BRASILEIRAS

# Línguas Brasileiras

Para o conhecimento  
das línguas indígenas

Aryon Dall'Igna Rodrigues



Coleção: Missão aberta — 11

ARYON DALL'IGNA RODRIGUES  
*Universidade Estadual de Campinas*

**COLEÇÃO “MISSÃO ABERTA”**

1. ENTRE OS ÍNDIOS MUNKÚ  
Thomaz A. Lisbôa
2. EDUCAÇÃO INDÍGENA E ALFABETIZAÇÃO  
B. Meliá
3. EM DEFESA DOS POVOS INDÍGENAS  
Paulo Suess
4. PRECISAMOS UM CHÃO  
Elizabeth A. R. Amarante; Verônica Nizzoli
5. CRÔNICA DAS CASAS DE CARIDADE  
Eduardo Hoornaert
6. TEXTOS INDIGENISTAS  
Curt Nimuendajú
7. LEIS E REGIMENTOS DAS MISSÕES  
José Oscar Beozzo
8. DEUS, ESPÍRITOS E MAGIA  
Joseph A. Graf
9. OS ENAUENÉ-NAUÊ — PRIMEIROS CONTATOS  
Thomaz A. Lisbôa
10. CUXIUARA — O PURUS DOS INDÍGENAS  
Gunter Kroemer
11. LÍNGUAS BRASILEIRAS — PARA O CONHECIMENTO  
DAS LÍNGUAS INDÍGENAS  
Aryon Dall'Igna Rodrigues

# Línguas brasileiras

Para o conhecimento  
das línguas indígenas

*Zenato Nicolai*



*Edições Loyola*

## PREFÁCIO

*"O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo, e os rios cresceram, e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas."*

Cibae Eurororo — ou Lourenço Rondon —  
índio Bororo, de Mato Grosso

Em 1966, quando a Lingüística como disciplina em cursos de Letras ainda engatinhava no Brasil, o prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues publicava, em *Estudos Lingüísticos: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n. 1, um artigo intitulado *Tarefas da Lingüística no Brasil*. Esse artigo correu mãos de centenas de estudantes de graduação, naquele ano e nos anos subsequentes. Era então muito atual. Hoje, quase vinte anos depois, continua atual, no que respeita a todas ou quase todas as tarefas nele apontadas. E talvez, mais que todas, continua atual a tarefa de investigação das línguas indígenas do Brasil. O prof. Aryon dizia, textualmente:

"As línguas indígenas constituem (...) um dos pontos para os quais os lingüistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da lingüística no Brasil". Por um lado, "cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à lingüística; cada nova língua é uma outra manifestação de como se realiza a linguagem humana. (...) Cada nova estrutura lingüística que se descobre pode levar-nos a alterar conceitos antes firmados e pode abrir-nos horizontes novos para a visualização geral do fenômeno da linguagem humana". A tarefa da documentação e descrição lingüística segue-se a da comparação: "Desde que se tenham algumas descrições de línguas, aparecerão espíritos curiosos bastante para dedicar-se a comparar essas descrições e daí tirar conclusões, classificando as línguas como relacionadas umas com as outras ou como pertencentes a tipos semelhantes num ou outro particular, e para fazer deduções de ordem mais profunda, no âmbito da lingüística geral e no campo das ciências antropológicas". Por outro lado, "se é lícito falar em responsa-

Capa  
*Francisco Carlos Góngora*

Edições Loyola  
Rua 1822 n. 347  
Caixa Postal 42.335  
04216 — São Paulo — SP (Brasil)  
Tel.: (011) 914-1922

bilidade de uma comunidade com respeito à investigação científica na região em que vive essa comunidade, então os lingüistas brasileiros têm aí uma responsabilidade enorme, que é não deixar que se percam para sempre cento e tantos documentos sobre a linguagem humana".

Qual o saldo dessas palavras, após quase duas décadas? Melancolicamente, não muito positivo. É verdade que houve, nesse permeio, a atuação quase ininterrupta de perto de uma centena de missionários-lingüistas do SIL (Summer Institute of Linguistics) em quase cinqüenta grupos indígenas autóctones. Fruto disso foram várias análises fonológicas, alguns dicionários bilingües, traduções de textos bíblicos em número razoável, esparsas gramáticas pedagógicas. É verdade, também, que paulatinamente, à custa de muita pertinácia, foi-se formando um pequeno grupo de pessoas — de início só no Museu Nacional, agora igualmente na Unicamp, no Museu Emílio Goeldi, na Universidade de Pernambuco — diretamente interessadas na investigação das línguas indígenas brasileiras. Entre professores, pesquisadores e estudantes, segundo recente levantamento efetuado por um lingüista da Unicamp, o Brasil conta atualmente com 34 brasileiros dedicados parcial ou integralmente a esse campo de estudos.

Resumindo: das cerca de 170 línguas indígenas atualmente faladas em território brasileiro, em menos de sessenta foi iniciado algum tipo de estudo de natureza lingüística (aí incluídos os trabalhos do SIL). Quanto a estudos completos ou mais ou menos exaustivos, provavelmente não somam uma dúzia.

"É pouco, é muito pouco, é quase nada...", como diz a música.

Nesse contexto, os trabalhos lingüísticos do prof. Aryon Rodrigues, entre eles o presente, constituem vivo testemunho de sua coerência e fidelidade à tarefa maior da lingüística no Brasil apontada há tanto tempo.

Antes de encerrar, quero chamar a atenção para outro aspecto, talvez não tão evidente em 1966, mas que agora cobra novo relevo, tornando-se, creio, o principal argumento para a importância e urgência do estudo das línguas indígenas brasileiras, exigindo-lhe novos piques quantitativos e qualitativos. Trata-se da *questão indígena*. Não como ques-

tão meramente cultural — ela nunca o foi, mas em certa medida podia ser assim visualizada, enquanto a conquista das últimas fronteiras nacionais para o interior não se colocava com a premência de agora, o que permitia escamotear até certo ponto o problema do recuo dos grupos indígenas pressionados pelas frentes de expansão —, e sim como questão política que interessa à formulação e viabilização de um projeto democrático global para o Brasil. Pois Brasil democrático significa não apenas eleições diretas e Constituinte. Significa também o reconhecimento jurídico, institucional, da pluralidade cultural e lingüística da nação, e a formulação clara dos direitos e deveres que tal reconhecimento implica.

Duplamente significativo, portanto, neste momento, é o trabalho do prof. Aryon Rodrigues: por um lado, constitui importante contribuição para o conhecimento científico das línguas indígenas brasileiras; por outro, representa uma participação concreta, ainda que assim não se coloque explicitamente, na luta maior pela construção do Brasil democrático que todos desejamos.

Rio de Janeiro, janeiro de 1985

Ruth Monserrat

## INTRODUÇÃO

Este livro tem sua origem numa série de artigos publicados em 1982, 1983 e 1984 no jornal mensal *Porantim*, órgão informativo e crítico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). A intenção do livro é a mesma dos artigos: divulgar, de forma sistemática, alguns conhecimentos sobre a existência das línguas indígenas do Brasil e sobre as relações que se vão descobrindo entre elas. Como trabalho de divulgação, não é destinado aos especialistas em línguas indígenas, mas ao público geral interessado no conhecimento das populações indígenas deste país, inclusive aos próprios índios que por ventura gostariam de ter uma informação de conjunto sobre a situação da língua de cada um em relação às línguas de todos.

Para conseguir a comunicação com leitores de diferentes níveis de experiência, procurei evitar a linguagem técnica do lingüista e tentei explicar ou sugerir o significado de alguns termos e conceitos lingüísticos que foi necessário utilizar. Esforcei-me para que a simplificação não acarretasse a descaracterização dos fatos. Também as palavras das línguas indígenas foram escritas de forma simplificada, de modo a dar ao leitor de português uma idéia aproximada da pronúncia de cada língua. Certamente as listas de palavras que ilustram os vários capítulos não se destinam a provar cientificamente as relações entre as línguas, nem devem servir de ponto de partida a estudantes de lingüística que se sintam tentados a explorar um campo de pesquisas tão rico e tão atraente como é o das relações históricas e pré-históricas entre as línguas e os povos que primeiro ocuparam o território brasileiro.

Quem queira desenvolver seus próprios estudos sobre uma língua determinada ou sobre um conjunto de línguas deve procurar as obras que tratam especialmente dessas línguas e dos povos que as falam. Para facilitar essa busca, acrescentei algumas indicações nas notas a cada capítulo. Essas notas, além de fornecer ao leitor essas indicações bibliográficas sem sobrecarregar a leitura do capítulo, permitem que ele perceba como o conhecimento, que pouco a pouco vamos tendo das línguas indígenas e de suas características, resulta da contribuição de muita gente. Lingüistas, antropólogos, naturalistas, missionários têm contribuído para esse conhecimento, e sobretudo índios que falam as diversas línguas, os quais têm sido os colaboradores essenciais de todos os lingüistas e antropólogos e de quem quer que, bem ou mal, faça as vezes do lingüista. Nas indicações bibliográficas limitei-me, entretanto, a salientar apenas os trabalhos mais acessíveis, não só quanto ao nível de complexidade técnica, mas também quanto à disponibilidade no comércio livreiro ou nas bibliotecas. Essas indicações foram feitas em combinação com a Bibliografia oferecida no fim do volume, na qual são listados alfabeticamente, pelos nomes dos autores, todos os livros e artigos referidos no texto e nas notas. Note-se que não se trata, aí, de uma bibliografia completa sobre as línguas indígenas brasileiras, mas de uma lista bastante limitada, em que predominam os trabalhos publicados recentemente no Brasil e em que deixa de aparecer grande parte dos estudos editados no exterior.

Para evitar a estranheza dos leitores que não estão familiarizados com os escritos sobre línguas e culturas dos povos indígenas do Brasil, convém esclarecer que a grafia dos nomes desses povos e de suas línguas utilizada neste livro obedece basicamente a uma convenção promovida há trinta anos (1953) pela Associação Brasileira de Antropologia e desde então adotada não só pela maioria dos antropólogos e lingüistas, mas também por muitos indigenistas e missionários. Os pontos principais dessa convenção são: (a) os nomes de povos (e de línguas) indígenas serão empregados como palavras invariáveis, sem flexão de gênero nem de número: a língua *Boróro* (e não *Boróra*), os índios *Boróro* (e não *Boróros*); (b) para os sons oclusivos serão usadas as letras *p b t d k g*, isto é, não se usarão as letras *c e q* em lugar de *k*, ao passo que *g* será usado no lugar de *gu*: *Karajá* (e não *Carajá*), *Kiriri* (e não *Quiriri*), *Gerén*

(e não *Guerén*); (c) para os sons fricativos serão usadas as letras *f v s z x j*, logo se escreverá *Asuriní* (e não *Assuriní*, nem *Açurini*), *Xavânte* (e não *Chavânte*), *Jê* (e não *Gê*, nem *Gês*); (d) para as semiconsoantes, isto é, *i* e *u* que não fazem sílaba, no início de palavras e entre vogais, serão usadas as letras *y e w*: *Yamináwa* (e não *Iamináua*), *Wayoró* (e não *Uaioró*). Essa convenção não pretendeu ser abusiva com respeito à ortografia portuguesa, mas tão somente regular e eliminar as ambigüidades e confusões no uso técnico desses nomes em estudos antropológicos e lingüísticos.

Também na transcrição de palavras das línguas indígenas empregam-se as letras *k w e y*, além de *s* com o valor de *ç* ou *ss*. Aos que apressadamente se inclinariam a ver nisso influência estrangeira, seja lembrado que a tradição brasileira no uso das letras *k w e y* para transcrever línguas indígenas já conta com trezentos anos. Com efeito, essas três letras foram usadas sistematicamente pelo padre Luís Vincêncio Mamiani para escrever a língua *Kiriri* (p. ex., *yawò* 'gancho', *woroyà* 'espio', *kenkè* 'limpo') em suas duas obras publicadas em Lisboa em 1698 e 1699. Já antes havia sido estabelecida uma ortografia racional para o *Tupinambá* (*Tupí Antigo, Língua Brasílica*) com a utilização do *k* e do *y* (p. ex., *akér* 'eu dormi', *akym* 'molhado', *tykyyra* 'irmão mais velho do varão'), a qual foi utilizada na segunda edição do *Catecismo na Língua Brasílica*, publicada em 1686, e noutras obras publicadas em seguida pelos missionários jesuítas. Esse uso atravessou o século XVIII, nos escritos em *Língua Geral Amazônica*, aparecendo, por exemplo, no *Dicionario Portuguez e Brasiliano* publicado em 1795 (p. ex., *jukyra* 'sal', *iké* 'aqui') estendeu-se ao século XIX, como no *Curso de Língua Geral* do General Couto de Magalhães, de 1876 (p. ex., *kurumí* 'o jovem', *rerekó* 'você tem', *purauké* 'trabalhar', *akânga* 'cabeça') e chegou ao século XX, como nos "Elementos necessários para aprender o *Nheengatú*" (1909) do bispo do Amazonas, D. Frederico Costa (p. ex., *iké* 'aqui', *akaiú* 'ano', *kapoamo* 'ilha') e nas grandes contribuições de Stradelli (1927) e Amorim (1928) (p. ex., Stradelli *kysaua* 'rede de dormir', Amorim *kunhâmukú* 'moça', *opysyka* 'ele pega'). Também Capistrano de Abreu utilizou aquelas letras para escrever as línguas *Bakairí* (1895) e *Kaxináwa* (1914) (p. ex., *Bakairí keli* 'disse', *yamu* 'escuro', *iwiiide* 'mulher casada'; *Kaxináwa kini* 'branco', *nawa* 'gente', *kayawa* 'en-direitar'). Analogamente procedeu Mansur Guérios em seus

*Estudos sobre a língua Caingangue* (1942) (p. ex., *kukrō* ‘panela’, *wí* ‘falar’, *wê* ‘ver’), da mesma maneira que os padres Colbacchini e Albisetti na escrita do Boróro (1942) (p. ex., *ki* ‘anta’, *koiwo* ‘casa de cupim’, *awara* ‘caminho’).

Por aí se vê que não há razão para pensar que a utilização das letras *k*, *y* e *w* seja algo antinacional, devido de certo à atuação de missionários de língua inglesa junto aos povos indígenas (os primeiros missionários-lingüistas começaram a atuar no Brasil no fim da década de 1940 e o Summer Institute of Linguistics chegou aqui em 1956). Pelo contrário, a transcrição das línguas é uma questão técnica, que tem de ser enfrentada com critérios e recursos técnicos, de validade supranacional, como bem entenderam muitos dos espíritos mais críticos que com elas se ocuparam nos séculos passados.

Nas transcrições feitas neste livro, o *k* e o *w* foram empregados com seus valores mais universais: leia-se *ka* como se fosse o Português *cá*, *kis* como se fosse o Português *quis*, *mawá* como se fosse o Português *Mauá*. Mas o *y* foi usado com o mesmo valor que tinha na ortografia do Tupinambá, para representar a vogal alta não arredondada (como o *i*) e central (com a língua mais recuada que na pronúncia do *i*). Foi usado *â* para vogal do mesmo tipo do *y*, mas de altura média, isto é, com a língua menos levantada, como o *â* do Português *âmago* (mas sem a nasalidade que se dá na pronúncia de muitos falantes do Português). Para a semivogal anterior ou *i* assilábico foi usada a letra *i*, como no Português *iaiá*.

Um outro esclarecimento cabe dar ao leitor a respeito dos números de falantes de cada língua indígena, incluídos nos quadros que finalizam os capítulos 2 a 9. Todos os povos indígenas do Brasil têm hoje populações muito pequenas. Quando uma população é tão diminuta que conta só pouco mais ou pouco menos de uma centena de pessoas (situação que vale para um terço das línguas indígenas), qualquer variação nos números dados é importante, não havendo valores numéricos negligenciáveis como nas estatísticas de grandes populações. Por isso não se utilizaram números arredondados a não ser em muito poucos casos de populações de alguns milhares de pessoas. Entretanto, números aparentemente precisos (como 7 ou 49) tendem a ser falseados a todo momento: basta um nascimento ou

um óbito para alterá-los substancialmente. Essa relatividade deve ser tida em mente ao tomar-se conhecimento desses números.

A fonte principal para as populações foram os dados compilados pelo Conselho Indigenista Missionário e incluídos na 2.ª edição do mapa *Povos Indígenas no Brasil e Presença Missionária* (Brasília, 1985). Em poucos casos recorri a fontes alternativas ou suplementares. A principal obra de referência alternativa é outra publicação missionária, a 10.ª edição do *Ethnologue*, o mais amplo catálogo de línguas do mundo, organizado por Barbara Grimes e publicado por Wycliffe Bible Translators (Dallas, 1984).

No registro do número de falantes às vezes foi posto um número entre parênteses, o qual deve ser lido como nos exemplos seguintes: (65) 2 = há apenas 2 falantes da língua numa população total de 65 índios, que agora falam o Português; (411) ? = não sabemos se ainda há falantes de língua indígena numa população total de 411 índios que falam (predominantemente) o Português.

Ao leitor que, além das informações que vai encontrar neste livro sobre as línguas indígenas, queira acrescentar algum conhecimento sobre as respectivas culturas e sobre a situação em que se encontram os povos que as falam, podemos indicar o livro de Júlio César Melatti, *Índios do Brasil*, 4.ª edição, São Paulo, Hucitec, 1983. Duas obras de grande envergadura estão em vias de publicação: *Povos indígenas do Brasil*, coleção prevista para ter 18 volumes, editada em São Paulo pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), sob a coordenação geral de Carlos Alberto Ricardo; e a *Suma Etnológica Brasileira*, prevista para ter sete volumes, sob a coordenação de Darcy Ribeiro e Berta G. Ribeiro, editada em Petrópolis pela Editora Vozes.

Para a localização atual dos povos indígenas o melhor instrumento é o mapa *Povos Indígenas do Brasil e Presença Missionária*, 2.ª edição, Brasília, 1985, publicado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), o qual inclui informação sobre a classificação lingüística, sobre as populações e sobre as missões religiosas que atuam junto a cada povo. Este livro fica intimamente associado a esse mapa, na medida em que utiliza sistematicamente os números com que nele são localizados os povos que falam as línguas aqui referidas. Para a distribuição recente e antiga dos povos indígenas no território brasileiro e em suas vizinhanças, há o exce-

lente *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1981.

Os livros e artigos sobre os povos indígenas do Brasil são registrados sistematicamente na grande *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, cujos dois primeiros volumes foram organizados por Herbert Baldus e cujo terceiro volume teve como responsável Thekla Hartmann (1.º volume, São Paulo, 1954, reimpressão Nendeln/Liechtenstein, 1970; 2.º volume, Hannover, 1968; 3.º volume, Hannover, 1984).

O índice de Línguas no final deste livro apresenta em ordem alfabética todos os nomes de línguas, inclusive sinônimos e variantes, mencionados nos diversos capítulos. Não inclui, entretanto, sinônimos e variantes não citados aqui. Compreende também os nomes das famílias e dos troncos lingüísticos. Para que esse índice, além de remeter às páginas onde cada língua é referida, sirva também de indicação sucinta sobre a classificação genética de cada língua, foi acrescentada a cada nome a designação da respectiva família lingüística, por exemplo: "Apalaí (fam. Karib)"; e aos nomes de famílias dos troncos Tupí e Macro-Jê foi acrescentada a indicação correspondente: "Arikém, família (tronco Tupí)". Sinônimos e variante são indicados pelo sinal de igualdade, por exemplo: "Ajurú (= Wayoró)" ou "Waiká, família (= Yanomámi, família)"; nesses casos as indicações sobre a classificação bem como sobre as páginas do livro são dadas só uma vez, junto ao nome tomado como base de referência e que é aquele colocado após o sinal de igualdade. A abreviatura "v." indica inclusão num grupo de dialetos, por exemplo: "Guajajára (v. Tenetehára)"; mas essa indicação, por razões várias, não é dada sistematicamente, nem consistentemente.

Antes de entregar o livro ao leitor, uma nota sobre as fontes do conhecimento nele transmitido. Como já foi mencionado acima, a ampla e variada contribuição para o conhecimento individual das diversas línguas se reflete nas notas bibliográficas que se seguem a cada capítulo. O conhecimento de conjunto, integrativo, crítico e organizatório ou classificatório se deve a muitos autores, a quem, salvo duas ou três exceções, não foi possível fazer menção nos capítulos que se seguem, os quais têm objetivo meramente informativo, nem histórico, nem teórico. Embora já há mais

de cem anos Carl Friedrich Philipp von Martius tenha feito um primeiro ensaio de apresentação conjunta das línguas indígenas do Brasil (Martius 1867), estas línguas como um todo foram subsequentemente englobadas nos estudos sobre as línguas da América do Sul. Assim, as obras de referência sobre a distribuição e a classificação das línguas brasileiras passaram a ser, sucessivamente, as de Daniel Brinton (*The American Race*, Nova Iorque, 1891), Alexander F. Chamberlain ("Linguistic stocks of South American Indians, with a distribution map" in *American Anthropologist*, vol. 15, 1913), Paul Rivet ("Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles" in A. Meillet e M. Cohen (orgs.), *Les langues du Monde*, Paris, 1924), Wilhelm Schmidt ("Die Sprachen Südamerikas", na obra do mesmo autor: *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*, Heidelberg, 1926), Chestmír Loukotka (*Clasificación de las lenguas sudamericanas*, Praga, 1935, e "Klassifikation der südamerikanischen Sprachen" in *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 74, 1944), Joseph A. Mason ("The languages of South American Indians" in Julian H. Steward (org.), *Handbook of South American Indians*, vol. 6, Washington, 1950), P. Rivet e C. Loukotka ("Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles" in A. Meillet e M. Cohen (org.), *Les langues du Monde*, 2.ª edição, Paris, 1952) e, ainda uma vez, Chestmír Loukotka (*Classification of South American Indian languages*, Los Angeles, 1968). Em 1939 o mesmo Loukotka publicou um extrato de sua classificação referente às línguas brasileiras ("Línguas indígenas do Brasil" in *Revista do Arquivo*, n. LIV, São Paulo, 1939). Nos últimos trinta anos foram publicadas várias apresentações de conjunto das línguas sul-americanas, as quais representam simplesmente reordenações das classificações mencionadas acima, com maior ou menor contribuição crítica. Destacam-se as de Norman A. McQuown ("The indigenous languages of Latin America" in *American Anthropologist*, n. s., vol. 57, 1955), Antonio Tovar (*Catálogo de las lenguas de América del Sur*, Buenos Aires, 1961), Carl e Florence Voegelin ("Languages of the World: native America", fascicle 2, in *Anthropological Linguistics*, vol. 71, n. 7, 1965) e Jorge A. Suárez ("South American Indian languages" in *Encyclopaedia Britannica*, edição de 1974). Em 1970 o autor deste livro publicou uma tabela de classificação consensual das línguas brasileiras no artigo "Línguas ameríndias", que escreveu para a *Grande Encyclopédia Delta-Larousse* (Rio de Janeiro), o qual foi, indevidamente incorpo-

rado a artigo assinado por outras pessoas, reproduzido na *Encyclopédia Mirador Internacional* (São Paulo e Rio de Janeiro, 1982). Todas essas obras de classificação ou de compilação devem muito, no que se refere às línguas do Brasil, às contribuições mais particulares de outros pesquisadores, entre os quais se destacam Lucien Adam, Karl von den Steinen, Paul Ehrenreich, Constant Tastevin, Theodor Koch-Grünberg e, muito especialmente, Curt Nimuendajú.

Por fim, cabe dizer que este livro não duplica nem substitui a *Introdução às línguas indígenas brasileiras* de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Essa obra, cuja leitura sempre é recomendável, foi publicada originalmente em 1965 (Museu Nacional, Rio de Janeiro) e não pôde levar em conta o grande surto de informações de primeira mão produzidas sobre as línguas brasileiras justamente nos últimos vinte anos. A diferença maior está, porém, no fato de que o livro de Mattoso Câmara Jr. foi dedicado especialmente à transmissão de conhecimentos de lingüística geral, necessários a quem queira abordar o estudo das línguas indígenas e a uma revisão crítica da história dos estudos dessas línguas no Brasil. Nenhum desses objetivos teve em vista o autor neste livro, cujo escopo é simplesmente o de informar sobre a existência e a distribuição das línguas hoje faladas no Brasil.

# 1

## AS LÍNGUAS INDÍGENAS

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas.

Como todas as demais, as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos. Embora diferentes, elas compartilham do que todas as quase seis mil línguas do mundo têm em comum: são manifestações da mesma capacidade de comunicar-se pela linguagem. Essa capacidade é uma qualidade desenvolvida pela espécie humana e se caracteriza por princípios e propriedades que, presentes em todo homem, facultam a qualquer criança desenvolver o domínio de qualquer língua, sempre que exposta ao contato com falantes dessa língua. Da mesma forma, permitem a qualquer adulto, com maior ou menor esforço, aprender línguas diferentes da sua própria.

Embora constituídas a partir de princípios e propriedades comuns, as línguas estão sujeitas a grande número de fatores de instabilidade e variação, que determinam nelas forte tendência à constante alteração. Essa tendência é normalmente contrabalançada pela necessidade de mútuo ajuste entre os indivíduos de uma mesma comunidade social, ajuste sem o qual não se cumpriria a finalidade básica

da língua, que é a comunicação explícita e, quanto possível, fácil. Quando as vicissitudes de uma comunidade humana acarretam sua divisão em duas ou mais subcomunidades ou novas comunidades, reduz-se o contato entre as pessoas separadas nessas novas comunidades e, em consequência, diminui a necessidade de ajuste e aumenta a diferenciação lingüística entre os grupos humanos correspondentes. Se as novas comunidades, resultantes da divisão do que foi antes uma só comunidade com uma só língua, distanciam-se no espaço geográfico e perdem de todo o contato entre si, desaparece inteiramente a necessidade de ajuste comunicativo entre elas. Nesse caso, as alterações lingüísticas que ocorrem em cada comunidade não serão mais reajustadas em comum e, por descoincidirem em muitos casos, vão constituir diferenças entre suas falas. Estas se tornarão línguas diferentes, cada vez mais diferentes, na medida em que o correr do tempo expuser uma e outra, independentemente, às circunstâncias mais variadas.

É assim que a história das línguas do mundo tem sido uma história de sucessivas multiplicações, e só assim pode ter sido a história ou pré-história das línguas indígenas brasileiras. Uma consequência dessa história é que algumas línguas, embora substancialmente diferentes, conservam muitos elementos em comum, que permitem reconhecê-las mais ou menos facilmente como descendentes de uma só língua anterior. A presença desses elementos em comum diminui, entretanto, com o decorrer do tempo. Isto faz com que freqüentemente nos encontremos diante de casos em que é extremamente difícil, senão mesmo impossível, demonstrar que duas ou mais línguas atuais provém conjuntamente de uma língua mais antiga. Na medida em que reconhecem origem comum para um conjunto de línguas, os lingüistas constituem uma família lingüística. Assim, na Europa, as línguas oriundas do latim formam a família românica. Analogamente, no Brasil, a família Tupí-Guaraní é um conjunto de línguas que se reconhece descenderem de uma língua anterior, neste caso pré-colombiana e não documentada historicamente (sobre a família Tupí-Guaraní veja-se o capítulo 2).

Falam-se no Brasil, hoje em dia, umas 170 línguas indígenas. Quantas, exatamente, não sabemos, não só porque até hoje não se incluem nos recenseamentos oficiais brasileiros informações lingüísticas, nem informações sobre os povos indígenas, mas também porque línguas são coisas

muito difíceis de contar, mesmo quando são bem conhecidas. É o caso, por exemplo, das línguas românicas da Península Ibérica: São duas — Português e Espanhol? São três — Português, Espanhol e Catalão? São quatro — Português, Galego, Espanhol e Catalão? São cinco ou mais? Quando as línguas são mal conhecidas, como é freqüentemente o caso das línguas indígenas brasileiras, essa situação de indefinibilidade ocorre muitas vezes: há uma língua Tupí-Guaraní? ou uma língua Tupí e uma língua Guarani? ou diversas línguas Tupí e diversas línguas Guarani? Mesmo quando se adquire conhecimento razoável das línguas, ainda restam problemas técnicos, como a definição de língua em contraposição à definição de dialeto, a distinção entre formas antigas e modernas do que pode ser uma mesma língua. Compare-se no caso românico: Francês medieval e Francês moderno são a mesma língua? Latim e Português são a mesma língua?

É provável que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, há quase quinhentos anos, o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje. A redução teve como causa maior o desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou de caça a escravos, movidas pelos europeus e por seus descendentes e prepostos, ou em virtude das epidemias de doenças contagiosas do Velho Mundo, deflagradas involuntariamente (em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos povos indígenas; pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio e, portanto, de seus meios de subsistência, ou pela assimilação, forçada ou induzida, aos usos e costumes dos colonizadores.

Naturalmente, o maior número de línguas indígenas desapareceu nas áreas que foram colonizadas há mais tempo e mais intensamente, constituídas pela região Sueste e pela maior parte das regiões Nordeste e Sul do Brasil. Uma linha imaginária traçada de São Luís do Maranhão, ao norte, até Porto Alegre, ao sul, passando por perto de Brasília, no centro, deixa a oeste a área onde sobrevivem as línguas indígenas e a leste a área onde elas se extinguiram quase sem exceção. As exceções são apenas três: a língua Yaté dos índios Fulniô, ao sul de Pernambuco; a língua dos índios Maxakalí, no nordeste de Minas Gerais; e a língua dos índios Xokleng, no município de Ibirama, a oeste de Blumenau, em Santa Catarina. Uma exceção aparente são os grupos de falantes de Guarani (dialetos Nhandéva e Mbiá) no leste

paulista e no litoral dos estados do Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo, os quais têm migrado durante os últimos cem anos, do vale do rio Paraná para a costa atlântica. Cerca de vinte povos indígenas que ainda sobrevivem a leste da linha São Luís-Porto Alegre falam, hoje, exclusivamente variedades regionais da língua portuguesa: entre outros, os Potiguára na Paraíba, os Pankararú em Pernambuco e Alagoas, os Xokó em Sergipe, os Kirirí e os Pataxó na Bahia, os Tupinikim no Espírito Santo.

Algumas das línguas desaparecidas foram documentadas de forma mais ou menos ampla, às vezes em vários volumes (na verdade, apenas três línguas estão nesse caso), às vezes só mediante o registro de umas poucas palavras avulsas. Grande número delas, entretanto, desapareceu sem que nada ficasse registrado. O Kirirí é uma língua que, embora bem documentada no fim do século XVII, depois desapareceu completamente;<sup>1</sup> hoje os últimos descendentes da grande nação Kirirí, no norte da Bahia, só falam português (algumas pessoas, entre eles, guardam a memória de palavras soltas de sua língua original). O Tupinambá, ou Tupí antigo, foi documentado já no século XVI: em 1575 e 1578 foram publicados os primeiros textos nessa língua pelos franceses André Thevet e Jean de Léry,<sup>2</sup> sendo que este último publicou também as primeiras observações gramaticais sobre a mesma; em 1595 foi editada a gramática que dela fez o padre Anchieta (vejam-se mais detalhes no capítulo 2).<sup>3</sup> Essa língua também deixou de ser falada na forma em que existia nos séculos XVI e XVII, quando era essencialmente o idioma dos índios Tupinambá (conhecidos regionalmente também pelos nomes Tamôio, Tupinikim,

1. As obras sobre a língua Kirirí são indicadas na nota 3 ao capítulo 4.

2. As obras referidas de Thevet e Léry são: André Thevet, *La cosmographie universelle*, 2 vols., Pierre l'Huillier, Paris, 1575 (tudo o que se refere ao Brasil nessa obra foi reproduzido em André Thevet, *Les français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI<sup>e</sup> siècle: le Brésil et les brésiliens*, seleção de textos e notas por Suzanne Lusagnet, Presses Universitaires de France (Les Classiques de la Colonisation, 2, 1953), Paris; Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique*, La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578 (a tradução mais acessível para o português é a de Sérgio Milliet: Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, Livraria Martins [Biblioteca Histórica Brasileira VII], São Paulo, 1951).

3. A gramática de Anchieta foi publicada com o título de *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*, Antonio Mariz, Coimbra, 1595.

Kaeté, Potiguára, Tobajára, etc.), mas pode dizer-se que teve continuidade até hoje, sob forma muito alterada, transfigurada em língua de "civilizados" (veja-se abaixo e também o capítulo 10, sobre a Língua Geral).

A língua indígena tradicionalmente mais conhecida dos brasileiros — quanto esse conhecimento se limite em regra só a um de seus nomes, Tupí — é justamente o Tupinambá. Esta foi a língua predominante nos contatos entre portugueses e índios nos séculos XVI e XVII e tornou-se a língua da expansão bandeirante no sul e da ocupação da Amazônia no norte. Seu uso pela população luso-brasileira, tanto no norte quanto no sul da Colônia, era tão geral no século XVIII, que o governo português chegou a baixar decretos (cartas régias) proibindo esse uso. Uma das consequências da prolongada convivência do Tupinambá com o Português foi a incorporação a este último de considerável número de palavras daquele. Numa amostra de pouco mais de mil nomes brasileiros populares de aves, um terço, cerca de 350 nomes, são oriundos do Tupinambá. Numa outra área da fauna, em que a interação entre portugueses e índios deve ter sido mais intensa, pois uns e outros eram grandes pescadores, a participação do vocabulário do Tupinambá é ainda maior: numa amostra de 550 nomes populares de peixes, quase a metade (225 ou 46%) veio da língua indígena. É notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá, quase sem alteração de pronúncia, muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca viveram índios Tupinambá.<sup>4</sup>

O Quadro 1 apresenta uma amostra do vocabulário do Tupinambá e alguns exemplos de palavras compostas dessa língua que se tornaram nomes geográficos correntes hoje em dia. Nesse quadro, as palavras do Tupinambá são escritas na ortografia estabelecida pelos jesuítas na primeira metade do século XVII, com apenas uma alteração: o trema então usado sobre uma vogal (cää) foi substituído por um apóstrofo após essa vogal (ca'á), ambos sendo marca da presença de uma consoante oclusiva glotal (uma interrupção da voz) entre duas vogais consecutivas.

4. Os exemplos do Tupinambá utilizados neste capítulo são tomados dos estudos do autor sobre essa língua, cf. Rodrigues, 1952, 1953 e também "Morfologia do Tupinambá", manuscrito não publicado.

Quadro 1: Amostra do vocabulário do Tupinambá (Tupí Antigo), na ortografia jesuítica do século XVIII.

ELEMENTOS DA NATUREZA	PLANTAS
cuára, cuáracy: sol jacý: lua ybáca: céu ybý: terra ybytýra: morro, serra ý: água, rio itá: pedra ytú: cachoeira, salto	ýba: árvore ubyrá: pau, madeira capi'i: capim jaçapé: capim-sapé tacuára: taquara ycypó: cipó ca'á: mato nhú: campo
ANIMAIS	PESSOAS
jaguára: onça guyrá: pássaro pirá: peixe mbóia: cobra tejú: lagarto jacaré: jacaré jaboti: cágado jundi'á: bagre	abá: gente, índio apyába: homem cunhã: mulher cunumi, curumí: menino morubixába, tubixába: chefe pajé: pajé, xamã túba: pai sý: mãe
CASA E INSTRUMENTOS	QUALIDADES
óca: casa tába: aldeia ocára: pátio da aldeia urapára: arco u'úba: flecha iý: machado kycé: faca ini: rede de dormir	tíng: branco ún: preto piráng: vermelho poráng: bonito mirí: pequeno -guacu, -uçú: grande tining: seco péb: chato, plano, baixo
NOMES COMPOSTOS	
ý-guaçú: rio grande (cf. Iguaçu, BA, MG, PR, RN) ý-tíng-a: rio branco, água branca (cf. Itinga, BA, MG, PA; Utinga, AL, BA, RN) ý-ún-a: rio preto, água preta (cf. Iúna, ES; Una, BA, CE, PA, PE, RJ, SP) ý-piráng-a: rio vermelho (cf. Ipiranga, ES, SP) ybý-péb-a: terra plana (cf. Ibipeba, BA) ybý-poráng-a: terra bonita (cf. Ibiporanga, BA, SP) ybytýr-ún-a: morro preto, serra negra (cf. Ibituruna, MG; Ibitiruna, SP) ybytý-poráng-a: morro bonito (cf. Ibituporanga, RJ) itá-tíng-a: pedra branca (cf. Itatinga, SP) itá-ún-a: pedra preta (cf. Itaúna, BA, MA, MG; Itaúnas, ES, MG, SE)	

itá-péb-a: pedra chata, laje (cf. Itapeva, MG, SP)  
itá-péb-uçú: laje grande (cf. Itapebuçu, CE)  
itá-pé-miri: laje pequena (cf. Itapemirim, ES)  
itá-pé-tíng-a: laje branca (cf. Itapetinga, BA, MA, SP)  
itá-pé-tining-a: laje seca (cf. Itapetininga, SP)  
itá'-ý: rio das pedras (cf. Itaí, BA, SP; Itaú, MG, PA, RN)  
itá-tíng-ý: rio das pedras brancas (cf. Itatingui, BA)  
itá-péb-ý: rio das lajes (cf. Itapebi, BA; Itapevi, SP)  
itá pé-tíng-ý: rio das lajes brancas (cf. Itapetingui, BA)  
jacaré-ý: rio dos jacarés (cf. Jacareí, PI, SP)  
jundi'á-ý: rio dos bagres (cf. Jundiaí, RN, SP)  
jaguár-ý: rio das onças (cf. Jaguari, MG, SP)  
jaguár-ý-úna: rio preto das onças (cf. Jaguariúna, SP)  
jaguár-ý-pe: no rio das onças (cf. Jaguaribe, BA; Jaguaribe, CE)  
tejú-ý-pe: no rio dos lagartos (cf. Tijuípe, BA)  
tejú-guaçú: lagarto grande (cf. Tijuaçu, BA)

As línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das línguas européias e demais línguas do mundo no conjunto de sons de que se servem (fonética) e nas regras pelas quais combinam esses sons (fonologia), nas regras de formação e variação das palavras (morfologia) e de associação destas na constituição das frases (sintaxe), assim como na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real e imaginário (semântica).

O sistema de sons do Tupinambá comporta quatro consoantes oclusivas (caracterizadas pela completa interrupção da corrente de ar no aparelho fonador), todas surdas (não associadas a vibrações das cordas vocais): uma labial *p* ("pô" "mão"), uma dental *t* ("itá" "pedra"), uma velar *k* ("kó" "roça") e uma glotal ' ('á "fruta"). Nisso o Tupinambá difere do Português, que tem seis consoantes oclusivas, mas distribuídas em duas séries paralelas de surdas e sonoras (estas associadas à vibração das cordas vocais): labial surda *p* e labial sonora *b*, dental surda *t* e dental sonora *d*, velar surda *k* e velar sonora *g*. Difere também de outras línguas indígenas brasileiras, como por exemplo a dos índios Kadiwéu (descendentes dos antigos Guaikurú, hoje vivendo ao norte da Serra de Bodoquena, em Mato Grosso do Sul), que possui dez consoantes oclusivas, também distribuídas nas séries surda e sonora: labiais *p* e *b* (*ilipiteki* "você chupa" *ilibiteki* "ele chupa") dentais *t* e *d* (*idaabititi* "você está em pé", *idaabiditi* "eu estou em pé"), palatais (contato da língua com o palato duro) *tx* e *dj* (*nioGotxegi* "jacaré", *noGodjegi* "peixe"), velares (contato da língua com a porção

anterior ou central do véu palatino) *k* e *g* (*iwileki* "você lava", *iwilegii* "ele lava") e uvulares (contato da língua com a porção posterior do véu palatino, terminada na campainha ou úvula) *q* e *G* (*noqo* "dia", *amoGo* "nevoeiro, poeira", *aqiidi* "rio", *eGiadi* "macaco").<sup>5</sup>

Como se vê, a maior ou menor complexidade dos sistemas de sons não caracteriza as línguas indígenas por oposição às línguas européias: o Tupinambá distingue menos consoantes oclusivas que o Português, mas o Kadiwéu distingue mais que este. O mesmo vale para outras classes de sons: o Kadiwéu tem apenas quatro vogais (todas orais), o Tupinambá tem doze (seis orais e seis nasais), o Português também tem doze (sete orais e cinco nasais), enquanto que o Kaingang do Paraná tem quatorze (nove orais e cinco nasais) e o Apinayé do rio Tocantins tem dezessete (dez orais e sete nasais).

Encontramos a mesma situação com respeito às formas gramaticais das diferentes línguas. Uma forma verbal do Tupinambá pode ser bastante complexa, mas não mais que uma forma do Português. O verbo português *falávamos* é constituído de quatro elementos (morfemas): *fal-*, raiz; *-a*, vogal temática (marcador da classe ou conjugação a que pertence o verbo); *-va*, marcador da combinação de tempo, modo e aspecto (passado, indicativo, incompleto); *-mos*, marcador de sujeito ("nós"). No Tupinambá, (*na*) *pesepiáki* "vocês não o viram", também é formado por quatro elementos: *pe-*, marcador de sujeito ("vocês"); *s-*, marcador de objeto ("o"); *-epiák*, raiz ("ver"); *-i*, marcador de negação verbal (que se usa redundantemente com a partícula negativa *na*, que precede o verbo).

A diferença entre o verbo do Português e o do Tupinambá não está no número de constituintes, mas na natureza destes. Por um lado, o verbo português é formado só por sufixos, elementos que seguem a raiz, ao passo que o verbo do Tupinambá é formado também por prefixos, que antecedem a raiz. Por outro lado, os elementos constituintes do verbo português indicam sistematicamente além da classe ou conjugação (a qual não contribui para o significado da forma verbal), o tempo, modo e/ou aspecto no qual é apresentado o acontecimento referido na frase, e o sujeito

desta frase. Já os constituintes do verbo do Tupinambá indicam sistematicamente o sujeito da frase e o caráter negativo (presença de *-i*) ou afirmativo (ausência de *-i*) desta e, ainda, se o verbo for transitivo, o objeto direto. No exemplo acima não aparece um outro elemento do verbo do Tupinambá, o marcador de modo. *Pesepiáki* está no modo indicativo e a marca deste é zero, em contraste com marcas positivas nos outros modos, como o sufixo *-a* do gerúndio: *pesepiáka* "e vocês o viram"; nesse modo a negação é expressa pelo sufixo *-e'yáma* (em vez de *-i* do indicativo), ao qual se segue o marcador de modo *-a*: *pesepiáke'yáma* "e vocês não o viram". Uma distinção de classe ou conjugação verbal também há em Tupinambá, mas é expressa cumulativamente pelo marcador de objeto, o qual tem duas formas, uma para cada classe: *pe-s-epiák* "vocês o viram", *pe-j-apó* "vocês o fizeram".

O verbo da língua Kadiwéu é mais complexo que o do Português e o do Tupinambá. *DjikanaGatakiketiwadji* é uma forma verbal constituída de sete elementos, que significa "nós o estamos soltando outra vez": *dj-*, marcador de sujeito de 1.<sup>a</sup> pessoa ("eu" ou "nós"); *ika*, raiz ("soltar"); *-n*, marcador da classe verbal (tal como a vogal temática do português, sem nenhum outro significado); *-aGa*, marcador de envolvimento do falante (se o sujeito é de 1.<sup>a</sup> pessoa, indica que outras pessoas estão envolvidas, e o sujeito é "nós" e não "eu"); *-taki*, marcador de aspecto iterativo ("fazer de novo"); *-ke*, marcador de relação espacial ("para fora"); *-tiwadji*, marcador de plural.

Um outro exemplo de diferentes organizações gramaticais pode ser observado nos demonstrativos. O Português tem um sistema relativamente complexo (mais complexo, por exemplo, que o do Francês, o do Inglês, o do Alemão), no qual a escolha de cada demonstrativo pelo falante é condicionada: pela relação de proximidade entre o objeto assinalado e os interlocutores (*este*, perto do falante; *esse*, perto do ouvinte; *aquele*, afastado de ambos); pela especificidade do objeto designado (especificado: *quero este mamão* ou *quero este*; não especificado: *quero isto*); pela classe gramatical (gênero: masculino ou feminino) do nome do objeto (*este mamão*, *esta maçã*); e pelo número (singular ou plural) do mesmo nome (*este mamão*, *estes mamões*).

No Kadiwéu também há, como no Português, dois gêneros e dois números, que determinam a escolha dos de-

5. Os exemplos do Kadiwéu são tomados de Glyn Griffiths; cf. Griffiths, 1975; Griffiths e Griffiths, 1976.

monstrativos, mas não é levada em conta a especificidade do objeto designado, nem sua proximidade aos interlocutores. Fatores adicionais de condicionamento da escolha são, entretanto, a dinamicidade do objeto, distinguindo-se entre objetos em movimento e objetos estáticos; no caso de objetos em movimento, distingue-se a orientação do movimento em relação ao falante: objetos que se aproximam e objetos que se afastam; no caso de objetos estáticos, distingue-se a posição destes: objetos longos em posição vertical ou objetos suspensos, objetos curtos não suspensos e objetos longos em posição horizontal. Exs.: *nGida Goneleegiwa*, "este homem" (masculino, singular, parado, em pé), *nGini Goneleegiwa* "este homem" (masculino, singular, parado, sentado), *nGidi Goneleegiwa* "este homem" (masculino, singular, parado, deitado), *nGada iwaalo* "esta mulher" (feminino, singular, parada, em pé) *nGadi iwaalo* "esta mulher" (feminino, singular, parada, deitada), *nGidiwa Goneleegiwadi* "estes homens" (plural, parado; no plural não se distingue o gênero nem a posição), *nGidjo Goneleegiwa* "este homem" (masculino singular, afastando-se), *nGina Goneleegiwa* "este homem" (masculino, singular, aproximando-se), *nGana iwaalo* "esta mulher" (feminino, singular, aproximando-se), *nGinowa iwaalepodi* "estas mulheres" (plural, aproximando-se). E há ainda um sexto fator que se manifesta nos demonstrativos desta língua, o diminutivo: *nGidi iwooGo* "este pau" (masculino, singular, parado, horizontal), *nGidida iwooGo* "este paizinho" (masculino, singular, parado, horizontal, diminutivo).

O sistema demonstrativo do Tupinambá é caracterizado pelas seguintes distinções: proximidade aos interlocutores: *kó* "este", *kwéi* "aquele"; proximidade ao ouvinte: *ebokwéi* "esse"; visibilidade do objeto: *kwéi* "aquele que nós vemos", *akwéi* "aquele que nós não vemos".

Vejamos, por fim, um caso de diferentes recortes da realidade. Para a noção de "ingerir", isto é, introduzir no organismo animal, pela boca, substâncias diversas, o Tupinambá tem um só verbo simples: *'ú*. Nisto difere do Português, que distingue três verbos de acordo com o estado físico da substância que se ingere: *comer* para sólidos, *beber* para líquidos e *aspirar* para gases. A língua dos índios Xetá (noroeste do Paraná) tem quatro verbos diferentes para a mesma noção, mas distribuídos segundo critério completamente diferente, a saber, segundo a natureza dos animais cuja carne se ingere: *pawáwa* "comer carne de tamanduá

(bandeira ou mirim)", *jurúri* "comer carne de animal agressivo (onça, gato do mato, gavião, cobra venenosa, etc.)", *pókai* "comer carne de animais que vivem na água ou junto à água (peixe, cobra d'água, lontra, capivara, martim-pescador, etc.)", *u* "comer carne de animais não agressivos nem aquáticos (paca, veado, macaco, tucano, pica-pau, larvas, etc.) e comer produtos animais (mel, ovos) e vegetais (frutas, cocos, palmito, etc.), assim como ingerir líquidos". A língua dos Xetá pertence à mesma família lingüística que a dos Tupinambá, a família Tupí-Guaraní. A diferença na maneira como a noção de "ingerir" foi tratada nessas duas línguas tem que ver, possivelmente, com o fato de que os Xetá, quando os conhecemos, eram um povo de caçadores e coletores, sem nenhuma prática agrícola, dependendo, portanto, substancialmente da ingestão de caça; os Tupinambá, porém, eram agricultores de milho e mandioca (além de batata-doce, cará, feijão, amendoim, etc.), em cuja dieta a caça era, naturalmente, menos importante que para os Xetá.<sup>6</sup>

Os exemplos dados acima, além de mostrar diferentes estruturações das palavras, revelam também distintas maneiras de focalizar certos aspectos ou certas propriedades dos objetos ou das situações que envolvem os falantes de uma língua, seja ela indígena ou não. E permitem ver que cada língua tem determinadas finezas de expressão, que podem coincidir parcialmente com o que se dá em outras línguas, mas que, no conjunto, caracterizam uma língua dada como um sistema único de expressão humana, no qual se cristalizaram os efeitos de uma experiência de vida e de análise inteligente do mundo acumulada através das inúmeras gerações de um povo. Cada língua indígena brasileira não só reflete, assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa. As múltiplas visões de mundo dos povos indígenas brasileiros — com todo o complexo cultural, social e emocional a elas associado — têm importância crítica para o conhecimento humano por se terem desenvolvido, durante alguns milhares de anos, com total independência histórica em relação às tradições culturais asiáticas e europeias, que caracterizam a civilização ocidental.

6. Os exemplos do Xetá provêm dos dados colhidos em campo pelo autor em 1960-1962 e 1967.

## 2

### A FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família lingüística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior. As línguas românicas ou neo-latinas — Português, Espanhol, Catalão, Francês, Romanche, Italiano, Rumeno — constituem uma família, cujos membros derivam de uma língua ancestral bem conhecida historicamente — o Latim. Para a maioria das famílias lingüísticas, porém, as línguas ancestrais são pré-históricas, não se tendo delas nenhuma documentação. O conhecimento dessas línguas (ou de, pelo menos, certas características delas) é obtido mediante estudos histórico-comparativos que, partindo da descoberta de correspondências regulares (de sons, de palavras, de formas gramaticais) entre duas ou mais línguas, formulam hipóteses sobre as propriedades que devia ter uma língua ancestral para permitir (e explicar) a derivação diferenciada das línguas atuais.<sup>1</sup>

Tomemos como exemplo elementar desse procedimento um caso simplificado, envolvendo apenas duas línguas, o

1. Sobre a classificação genética das línguas e o conceito de família lingüística, veja Suzette Haden Elgin, *Que é lingüística?* Zahar, Rio de Janeiro, 1974, pp. 66ss.; ou John Lyons, *Introdução à lingüística teórica*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1979, pp. 21-22; veja também J. Mattoso Câmara Jr., *Princípios de Lingüística Geral*, 4.<sup>a</sup> ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1964, pp. 34ss.

Tupí Antigo (Tupinambá) e o Guaraní Antigo (ambos são conhecidos por documentos dos séculos XVI e XVII). Vemos como se correspondem nessas duas línguas as palavras para alguns conceitos:

Conceito	Tupí	Guaraní
pedra	itá	itá
tatu	tatú	tatú
mão dele	ipó	ipó
mão dele mesmo	opó	opó
pé dele	ipý	ipý
pé dele mesmo	opý	opý
eu e ele dormimos	orokér	oroké
eu dormi	akér	aké
eu e ele dissemos	oro'é	oro'é
eu disse	a'é	a'é
eu o quis	aipotár	aipotá
você o quis	ereipotár	ereipotá
eu fiquei	apytá	apytá
você ficou	erepytá	erepytá
eu e ele ficamos	oropytá	oropytá
eu sarei	apweráb	akwerá
eu o ultrapassei	aiopwán	aiokwã
eu corri	aián	aiã
eu o escutei	asenúb	ahenú
eu o experimentei	asa'áng	aha'ã

As correspondências regulares entre detalhes dessas duas línguas são tantas e tais, que sugerem a hipótese de que as duas tenham a mesma origem, como formas alteradas de uma só língua anterior. Em particular, pode-se supor que essa língua anterior teria os sons (fonemas) consonantais *p*, *t*, *k*, já que as línguas derivadas apresentam esses sons com as mesmas qualidades e nas mesmas posições em palavras que exprimem os mesmos conceitos. A mesma conclusão é válida para os sons vocálicos *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*. Já o som *r* teria existido igualmente na língua ancestral, mas teria sido eliminado sistematicamente no Guaraní, quando no fim de palavras. Esta última hipótese, que implica que, nesse detalhe, a língua ancestral fosse mais semelhante ao Tupí que ao Guaraní, é mais provável que uma hipótese alternativa, que propusesse a criação sistemática, em Tupí,

de um *r* no fim de palavras, mas só no fim de certas palavras: por exemplo, nas formas para "dormir" e "querer", mas não nas formas para "dizer" e "ficar". Aliás, não sómente o *r* é eliminado sistematicamente no fim de palavras em Guaraní, mas também o *b* e as consoantes nasais *n* e *ng* (esta igual à do inglês e do alemão *bring*); só que, no caso das consoantes nasais, as vogais que se tornaram finais em Guaraní ficaram nasais. Nem sempre as correspondências sistemáticas entre duas línguas derivadas implicam em identidade dos sons ou em manutenção versus eliminação, como nesses casos. As correspondências podem manifestar-se também como diferenças parciais sistemáticas: sempre que o Tupí tem *p* diante de *w*, o Guaraní tem *k*, como nas formas para "sarar" e "ultrapassar". Além dessas correspondências sonoras (fonológicas) e das óbvias correspondências lexicais (palavras iguais ou semelhantes para os mesmos conceitos), há também correspondências gramaticais, como se nota na existência em ambas as línguas de palavras modificadas da mesma maneira para exprimir diversas associações de significados: em ambas depreende-se um elemento *i*—no início de alguns nomes em oposição a outro elemento *o*—, o primeiro significando "dele" e o segundo "dele mesmo"; nas palavras de natureza verbal são depreensíveis em ambas as línguas um elemento *a*—significando "eu", outro elemento *ere*—significando "você" e um terceiro elemento *oro*—significando "eu e ele". Todos esses detalhes gramaticais podem ser atribuídos à língua ancestral, pois é pouco razoável a hipótese alternativa de que pudessem ter-se desenvolvido independentemente nas duas línguas.

O resultado de um estudo comparativo dessa natureza é o reconhecimento da existência de uma língua anterior às línguas comparadas, com pelo menos propriedades tais que permitem explicar a presença de elementos comuns nessas línguas, da mesma forma como as características do latim explicam a maior parte das características das línguas românicas.

O exemplo acima foi grandemente simplificado não só por ter-se limitado a uma vintena de palavras, mas sobretudo porque ficou restrito a duas línguas. É muito maior o número de idiomas que devem ser comparados para poder-se reconstruir as características da língua pré-histórica ancestral do Tupí Antigo e do Guaraní Antigo. Trata-se de cerca de trinta línguas, que apresentam grande número de

correspondências sistemáticas em seus sons, em suas gramáticas e em seus vocabulários com o Tupí Antigo e o Guaraní Antigo e que integram a família lingüística que se convencionou chamar Tupí-Guaraní.<sup>2</sup>

A família Tupí-Guaraní se destaca entre outras famílias lingüísticas da América do Sul pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas línguas. No século XVI encontraram-se línguas dessa família sendo faladas em praticamente toda a extensão do litoral oriental do Brasil e na bacia do rio Paraná. Hoje falam-se línguas dela no Maranhão, no Pará, no Amapá, no Amazonas, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Goiás, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, assim como, fora do Brasil, na Guiana Francesa, na Venezuela, na Colômbia, no Peru, na Bolívia, no Paraguai e na Argentina.

Apesar dessa enorme dispersão geográfica, as línguas da família Tupí-Guaraní mostram muito pouca diferenciação. Uma pessoa leiga em lingüística, que conheça, por exemplo, um pouco de Guaraní, pode prontamente reconhecer a maioria das outras línguas da família como afins do Guaraní. Observem-se os seguintes exemplos em Guaraní Mbiá do Paraná (M), em Tapirapé do Araguaia (T), em Parintintín do rio Madeira (P), em Wayampí do norte do Amapá (W) e na Língua Geral do alto rio Negro, no noroeste do Amazonas (LG):

	M	T	P	W	LG
pedra	itá	itā	itá	takúru	itá
fogo	tatá	tātā	tatá	tátā	tatá
jacaré	djakaré	txākāré	djakaré	iakáre	iakaré
pássaro	gwyrá	wyrā	gwyrá	wýra	wirá
onça	djagwareté	txāwārā	dja'gwára	iáwa	iawareté
ele morreu	omanō	amānō	omanō	ománo	umanú
mão dele	ipó	ipá	ipó	ípo	ipú

2. Sobre a família lingüística Tupí-Guaraní, veja Aryon D. Rodrigues, "Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní" in *Revista de Antropologia*, vols. 27/28, São Paulo 1984/1985, pp. 33-53. Veja também, na Bibliografia, Lemle, 1971, Leukotka, 1950.

Ao todo, 21 línguas vivas da família Tupí-Guaraní, que identificamos em território brasileiro e que figuram no Quadro 2, são faladas por cerca de 33.000 pessoas. Contam com maior número de falantes o Kaiwá, em Mato Grosso do Sul, e o Tenetehára (Guajajára e Tembé), no Maranhão e Pará, com cerca de 7.000 cada um. O Kaiwá e o Tenetehára são as línguas tupi-guaraní mais populosas do Brasil, mas há outras com maior população fora de nosso país. O próprio Kaiwá é falado no Paraguai também, onde é conhecido pelo nome de Pái ou Pái-Tavyterã, e lá conta com mais de 8.000 falantes. Uma outra língua do grupo Guaraní, o Chiriguano (ou Ava ou Guaraní Boliviano), é falada na Bolívia por cerca de 50.000 pessoas. E a língua mais falada mesmo é ainda outro membro do mesmo grupo, o Guaraní Paraguai, falado no Paraguai por cerca de três milhões de pessoas.<sup>3</sup>

A grande dispersão geográfica das línguas da família Tupí-Guaraní indica que os antepassados dos povos que as falam empreenderam muitas e longas migrações. Essa característica migratória pré-colombiana dos Tupí-Guaraní pode ser observada também depois do início da colonização europeia no Brasil e na América espanhola. Atualmente ela ainda é observável nos Guaraní Mbiá que, em sucessivas levadas, se deslocam do sudoeste do Brasil, do nordeste da Argentina e do Paraguai oriental em direção ao leste, até alcançar o litoral atlântico, o qual passam a acompanhar em direção ao nordeste, refazendo, mais de quinhentos anos mais tarde, as migrações que levaram seus parentes pré-históricos a ocupar a costa do Brasil, onde os encontraram os portugueses em 1500. Em consequência destas migrações mais recentes, a língua Mbiá é hoje o idioma tupi-guaraní mais distribuído geograficamente, encontrando-se nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, assim como no Paraguai e na Argentina.

3. Sobre o número de falantes do Kaiwá, veja Bartomeu Melià, Georg Grünberg e Friedl Grünberg, *Los Pái-Tavyterã*, Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica, Assunção, 1976; foi tomado em consideração também um levantamento dos Guaraní do Sul do Brasil utilizado no Curso de Dourados do Cimi, em 1979. Sobre a população falante de Chiriguano foi considerado o número dado por Barbara Schuchard, *Nane ñé: gramática guaraní para castellano hablantes*, Santa Cruz de la Sierra, 1979. Para o número de falantes de Guaraní Paraguai no Paraguai, veja Barbara Grimes (org.), *Ethnologue*, 10.ª ed., Wycliffe Bible Translators, Dallas (Texas), 1984.

Duas línguas da família Tupí-Guaraní foram documentadas durante o período colonial da América do Sul e adquiriram uma importância histórica especial no contexto da ocupação europeia deste continente: o Tupinambá ou Tupí Antigo e o Guaraní Antigo. Não só pela sua tradição escrita, que remonta a trezentos e quatrocentos anos antes de nós, mas também pelo papel que desempenharam no processo histórico do estabelecimento de estados modernos como o Brasil, o Paraguai e a Argentina, essas duas línguas podem ser consideradas como línguas clássicas da América do Sul, ao lado do Quéchua da região andina.

As primeiras palavras do Tupinambá<sup>4</sup> registradas por escrito datam dos primeiros anos de século XVI, mas só em 1575 foram publicados os primeiros textos escritos nessa língua. Eram traduções para o Tupinambá do *pai-nosso*, da ave-maria e do credo, feitos provavelmente pelos primeiros missionários jesuítas portugueses, mas reproduzidos a partir de informações de um índio catequizado, pelo franciscano francês André Thevet. Logo depois, outro francês, agora o pastor calvinista Jean de Léry, publicou o primeiro texto que procurava reproduzir conversações típicas que os índios Tupinambá mantinham com os europeus e que se destaca justamente por ser a primeira amostra de uma língua indígena brasileira como era falada pelos próprios índios, e não mera tradução de textos europeus, como no caso das orações cristãs. Por essa época, praticamente todos os europeus que vinham viver no Brasil aprendiam a falar, bem ou mal, o Tupinambá. Segundo a oportunidade que tinham de conviver com os índios, muitos o aprendiam muito bem. Mas, entre os portugueses, foram somente os missionários que passaram a escrever em Tupinambá. Além de trabalharem cooperativamente na elaboração de um catecismo católico nessa língua, alguns deles passaram a produzir composições próprias, em verso, na língua indígena. Nessa atividade destacou-se José de Anchieta, que fez mais de trinta composições líricas e dramáticas, totalizando mais de 4.000 versos em Tupinambá. Ao mesmo tempo Anchieta elaborou a primeira descrição gramatical dessa língua, publicada em 1595. Em 1618 publicou-se o grande *Catecismo na Língua Brasílica*, com cerca de 300 páginas de texto na língua indí-

gena. Logo depois (1621) foi impressa uma segunda gramática, de autoria do padre Luís Figueira, e, na segunda metade do século XVII, segundas edições dessa mesma gramática e do *Catecismo na Língua Brasílica*, além de um outro catecismo, o do padre Bettendorf. No século XVII alguns jesuítas, nascidos no Brasil, deviam ser completamente bilíngües desde a infância, como parece ter sido o caso do padre Bartolomeu de Leão, responsável pela preparação da segunda edição do *Catecismo na Língua Brasílica*, e como seriam certamente muitos mestiços, como os mamelecos. Poucos índios, entretanto, devem ter aprendido a escrever sua língua com os missionários, mas com o tempo devem ter-se alfabetizado alguns; um caso conhecido é o de Poti, o Felipe Camarão das guerras holandesas, o qual escrevia mensagens em Tupinambá a outros líderes indígenas.

Quando o Guaraní Antigo foi documentado, as regiões onde ele era falado eram consideradas domínio espanhol e nelas atuaram missionários jesuítas espanhóis ou filiados à província espanhola da Companhia de Jesus.<sup>5</sup> No que interessa imediatamente ao Brasil, tratava-se de duas grandes regiões: a do rio Uruguai, correspondente sobretudo aos territórios missionários do Rio Grande do Sul e da Argentina, e a então chamada Província do Guairá, situada a leste do rio Paraná, entre os rios Paranapanema e Iguaçu, onde é hoje o Estado do Paraná. Quase simultaneamente, por volta de 1625, foram elaboradas duas gramáticas do Guaraní Antigo, uma na área do rio Uruguai pelo missionário italiano Alonso de Aragona e a outra na Província do Guairá pelo missionário espanhol, mas nascido em Lima, no Peru, Antonio Ruiz de Montoya. Este último publicou, em 1639 e 1640, sua gramática, juntamente com dois dicionários, um Espanhol-Guaraní e o outro Guaraní-Espanhol, e mais um catecismo na língua indígena. Todas essas obras são muito importantes para o conhecimento do Guaraní Antigo e para o estudo da família lingüística Tupí-Guaraní; mas o dicionário Guaraní-Espanhol, intitulado com muita propriedade *Tesoro de la lengua Guaraní*, se destaca como trabalho riquíssimo não só no âmbito da família Tupí-Guaraní, mas no quadro geral da documentação das línguas indígenas sul-americanas, e não apenas no passado como

4. Sobre o Tupinambá, veja o que se disse no capítulo 1 e o que se diz no capítulo 10. Veja, na Bibliografia, Anchieta, 1595 e Figueira, 1621.

5. Sobre o Guaraní Antigo veja, na Bibliografia, Ruiz de Montoya, 1639 e 1640.

também em confronto com os dicionários de outras línguas produzidos modernamente. Perto de cem anos após a elaboração dessas obras, em 1722 e 1724, outro missionário italiano, o padre Paulo Restivo, publicou, fazendo imprimir numa das missões (Santa María la Mayor), reedições do dicionário Espanhol-Guaraní e da gramática de Ruiz de Montoya, revistas e anotadas de acordo com a variedade da língua falada então nas missões do rio Uruguai.

O Quadro 2 apresenta as línguas da família Tupí-Guaraní faladas hoje em dia no Brasil,<sup>6</sup> com indicação do

6. De algumas das línguas brasileiras da família Tupí-Guaraní existem gramáticas, dicionários e textos mais ou menos acessíveis:

*Tupinambá ou Tupi Antigo*: A. Lemos Barbosa, *Curso de Tupi Antigo*, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956 (curso prático, baseado em análise um pouco conservadora, mas por isso mesmo bastante acessível ao estudioso não especializado); idem, *Pequeno vocabulário Tupi-Português*, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1951 (3.<sup>a</sup> ed., 1967), e *Pequeno vocabulário Português-Tupi*, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1970 (os únicos dicionários do Tupí Antigo confiáveis, disponíveis no mercado; de consulta relativamente fácil); Joseph Anchieta, *Teatro de Anchieta*, (obras completas, 3.<sup>o</sup> vol.), Edições Loyola, São Paulo, 1977, e *Lírica Portuguesa e Tupi* (obras completas, 5.<sup>o</sup> vol, I), Edições Loyola, São Paulo, 1984 (edições bastante cuidadas da considerável produção poética do Pe. Anchieta em Tupinambá, com traduções em versos portugueses pelo Pe. Armando Cardoso). Veja também, na Bibliografia, Barbosa, 1941, 1947; Edelweiss, 1958; Rodrigues, 1951, 1953, 1955, 1959, 1978.

*Guaraní*: Robert A. Dooley, *Vocabulário do Guaraní*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1982 ( bom dicionário do dialeto Mbiá, com base na variedade falada no Estado do Paraná; Guaraní-Português e Português-Guaraní, precedido de informações sobre a pronúncia e escrita e de notas gramaticais, com cerca de 2.500 verbetes na parte Guaraní-Português); Loraine I. Bridgeman, *O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1981 (estudo da organização dos parágrafos como unidades do discurso no dialeto Kaiwá de Panambi, MS); John e Audrey Taylor, *Statement of Kaiwá grammar from clause to morpheme level*, SIL-AL 44, 1966 (descrição da morfologia e da sintaxe da oração em Kaiwá); idem, "Nove contos contados pelos Kaiwás e Guaranis", in *Revista de Antropologia*, vol. 14, São Paulo, pp. 81-104 (transcrição dos textos indígenas com tradução para o Português); Daniele M. G. Rodrigues, *Fonologia do Guaraní Antigo*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1974; Marymarcia Guedes, *Subsídios para uma análise fonológica do Mbiá*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1983. Veja também, na Bibliografia, Dooley, 1977, 1982b, 1983, 1984; Gudschinsky e Aaron, 1971; Rodrigues, 1979; Taylor, 1984a e 1984b.

*Parintintin*: La Vera Betts, *Dicionário Parintintin-Português, Português-Parintintin*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1981

número de referência para sua localização no mapa *Povos Indígenas e Presença Missionária* publicado pelo Conselho Indigenista Missionário (2.<sup>a</sup> edição, Brasília, 1985), mais in-

(ótimo dicionário, com mais de 3.500 verbetes na parte Parintintin-Português, precedido de instruções sobre a pronúncia e a grafia usada e de um resumo gramatical com as indicações necessárias ao uso do dicionário); Helen Pease, *Parintintin grammar*, SIL-AL 83, 1968; idem, *Morögita: lendas dos Parintintin*, Summer Institute of Linguistics, Rio de Janeiro, 1966 (coleção de 18 lendas em Parintintin com traduções para o Português). Veja também, na Bibliografia, Abrahamson, 1984.

*Akwáwa (Asurini do Tocantins)*: Carl H. Harrison, *Gramática Asurini*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 4), Brasília, 1975 (ensaio de descrição dos principais aspectos da gramática, feito segundo o modelo transformacional; muito rico em detalhes da estrutura da língua, mas muito difícil para o não-lingüista); Velda Nicholson, *Aspectos da língua Asurini*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978 (breve curso prático, com exercícios de conversação, que introduzem pouco a pouco as características gramaticais); idem, *Asurini domains dictionary*, SIL-AL 17, 1976 (dicionário Asurini-Inglês, organizado por assuntos); idem, *Textos Asurini* (25 histórias, 7 mitos), SIL-AL, 1976.

*Asurini do Xingu*: Velda Nicholson, *Breve estudo da língua Asurini do Xingu*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 5), Brasília, 1982 (descreve algumas características do Asurini do Xingu e compara seu vocabulário com o do Asurini do Tocantins).

*Tenetehára (Tembé e Guajajára)*: Max H. Boudin, *Dicionário de Tupí moderno (dialeto tembé-ténêtehar do alto do rio Gurupi)*, 2 vols. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia (Coleção Ciências Humanas), São Paulo, 1978 ( bom dicionário do dialeto Tembé, com cerca de 3.000 palavras e com exemplos de frases; o primeiro volume é Tembé-Português e o segundo é Português-Tembé seguido de um resumo gramatical); David Bendor-Samuel, *Gramática pedagógica da língua Guajajára*, SIL-AL 29, 1969.

*Tapirapé*: Antônio de Almeida, Irmãzinhas de Jesus e Luiz Gouveia de Paula, *A língua Tapirapé*, Xerox (Biblioteca Reprográfica Xerox), Rio de Janeiro, 1983 (ensaio de fonologia e gramática, seguido de vocabulário). Veja também, na Bibliografia, Leite, 1977.

*Kamayurá*: Carl H. Harrison, "A forma lingüística de uma teoria folclórica dos Kamaiurás" in *Arquivos de Antropologia e Antropologia*, vol. 2, Rio de Janeiro, pp. 81-98 (análise de um texto narrativo); Lucy Seki, "O Kamaiurá: língua de estrutura ativa", in *Língua e Literatura* 5, São Paulo (ensaio de caracterização tipológica da língua Kamayurá); Márcio F. Silva, *A fonologia segmental Kamayurá*, dissertação de mestrado, UNICAMP. Veja também, na Bibliografia, Saelzer, 1976.

*Urubú*: James Kakumasu, *Gramática gerativa preliminar da lin-*

dicação dos Estados da Federação em que a língua é falada e informação sobre o número de falantes.

*gua Urubú*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 5), Brasília, 1976.

*Wayampí*: G. Olson, 18 textos *Oiampí*, (dialeto *Jari*), SIL-AL 100, 1976; idem, *Descrição preliminar de orações wajapí*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 3), Brasília, 1978 (ensaio de descrição tagmêmica dos diversos tipos de oração em Wayampí); Roberta Olson, *Dicionário por tópicos nas línguas Ciampí (Wajapí)-Português*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 2), Brasília, 1978, vocabulário por assuntos, bastante incompleto, com menos de 1.000 palavras); Cheryl Joyce S. Jensen, *O desenvolvimento da língua Wayampí*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1984 (estudo da evolução da fonologia e da morfologia da língua Wayampí dentro do contexto mais amplo das outras línguas da família Tupí-Guaraní).

*Língua Geral Amazônica (Nheengatú)*: General Couto de Magalhães, "Curso de língua geral pelo methodo de Ollendorf, textos de lendas indigenas" in *O selvagem*, do mesmo autor, cuja primeira edição é de 1876 e cuja última edição, comemorativa do centenário daquela, foi publicada em Belo Horizonte pela Livraria Itatiaia Editora com a colaboração da Editora da Universidade de São Paulo (Coleção Reconquista do Brasil, vol. 16), em 1975 (curso prático com exercícios graduados, precedido de notas gramaticais e seguido de uma coleção de 23 textos de lendas recolhidas em várias parte da Amazônia — rios Tocantins, Tapajós, Negro, Juruá); João Barbosa Rodrigues, "Poranduba amazonense" in *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XIV, fascículo 2, 1890 (coleção de 57 lendas e 60 cantigas, com tradução interlinear e tradução livre, colhidas em diversas regiões — rios Negro, Branco, Tapajós, Madeira, Solimões, Purus); Antônio Brandão de Amorim, "Lendas em Nheêngatú e em Portuguez" in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 100, volume 154, 1928 (coleção de 32 textos com tradução feita frase por frase, os quais, ou parte deles, segundo Stradelli foram coligidos no rio Uaupés por Maximiano José Roberto e traduzidos por Brandão de Amorim); Ermano Stradelli, "Vocabulários da língua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de grammatica nheêngá-umbuê-sáua mirí e seguidos de contos em língua geral nheêngatú poranduua" in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 104, volume 158, 1929, (dicionário Português-Nheengatú e Nheengatú-Português, com mais de 8.000 palavras na primeira parte e cerca de 7.000 na segunda, mas incluindo bom número de palavras derivadas sistematicamente pelo próprio autor; a segunda parte é particularmente rica em informações culturais; os nove textos que se seguem ao dicionário constituem pequena antologia extraída de diversos autores — Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, D. Lourenço Costa Aguiar, Constant Tastevin e Maximiano José Roberto/Antônio Brandão de Amorim). Veja também, na Bibliografia, Aguiar, 1898; Costa, 1909; Hart, 1938; Tastevin, 1910 e 1922.

Quadro 2: Línguas da família Tupí-Guaraní no Brasil

Línguas	N.º no mapa do Cimi	Estado	Falantes
Akwáwa			
Asuriní do Tocantins (A. do Trocará, Akwáwa)	50a	PA	131
Suruí do Tocantins (Mudjetíre)	44	PA	101
Parakanã	51	PA	297
Amanayé	79	PA	?
Anambé (Turiwára?)	66	PA	61
Apiaká	64	MT	(65) 2
Araweté	49	PA	136
Asuriní do Xingu (A. do Coatema, Awaeté)	50b	PA	53
Avá (Canoeiro)	220	GO	101
Guajá	46	MA	240
Guaraní			
Kaiwá (Kayová)	5	MS	7.000
Mbiá (Mbiúá, Mbyá, Guaraní)	1	RS, SC, PR, SP, RJ, ES	2.248
Nhandéva (Txiripá, Guaraní)	4	PR, SP, MS	4.900
Kamayurá	208	MT	207
Kayabí	63	MT	620
Kokáma	123	AM	(411) ?
Língua Geral Amazônica (Nheengatú, Tupí Moderno)	—	AM	3.000
Omágua (Kambéba)	126	AM	(240) ?
Parintintín			
Diahói	152	AM	13
Júma	154	AM	9
Parintintín (Kagwahív)	159	AM	118
Tenharín	161	AM	256
Tapirapé	217	MT	202
Tenetehára			
Guajajára	36	MA	6.776
Tembé	48	MA, PA	410
Uruewauwáu	169	RO	215
Urubú (Urubú-Kaapór)	47	MA	494
Wayampí (Oyampí)	75	AP	291
Xetá	—	PR	5

# 3

## O TRONCO TUPÍ

No capítulo anterior foi feita alusão às línguas românicas (Português, Espanhol, Catalão, Francês, Romanche, Italiano, Rumeno), como exemplo de um grupo de línguas que têm características comuns por provirem de uma língua anterior, no caso o Latim, e constituírem, por isso, uma família lingüística, a família Românica. E foi mostrado que a família lingüística Tupí-Guaraní é constituída analogamente à família Românica, apenas com a diferença de que o Latim, língua ancestral das línguas românicas, é bem conhecido historicamente, através de documentos escritos na época em que ele se falava (há cerca de 2.000 anos), ao passo que a língua ancestral da família Tupí-Guaraní (a que se convenciona chamar Proto-Tupí-Guaraní) é pré-histórica, sendo sua existência concluída da semelhança observada entre as línguas desta família.

Na Europa e na Ásia há algumas famílias lingüísticas, como, por exemplo, a família Germânica (inglês, alemão, holandês, sueco, etc.) e a família Eslava (polonês, tcheco, russo, etc.), cuja constituição é comparável à da família Românica (e até mais ainda com a família Tupí-Guaraní, já que as respectivas línguas ancestrais também não foram documentadas historicamente) e que revelam parentesco sistemático, mas em grau muito menos marcado, entre si e com a família Românica. Esta situação é entendida como devendo-se a que as línguas ancestrais (ou proto-línguas) dessas famílias constituíram, por sua vez, num passado mais remoto, uma família com seu próprio ancestral comum. Essa família mais antiga é o que convencionamos chamar

tronco lingüístico. No caso das famílias aparentadas com a Romântica trata-se do tronco Indo-europeu, e a respectiva língua ancestral mais antiga é o Proto-Indo-europeu, cuja existência deve ter-se situado há cerca de 5.000 anos.<sup>1</sup>

Além da família Tupí-Guaraní, muitas outras famílias lingüísticas têm sido reconhecidas na América do Sul. Algumas destas revelam parentesco mais remoto com a família Tupí-Guaraní e, junto com esta, constituem um tronco, o tronco Tupí.<sup>2</sup> Enquanto a família Tupí-Guaraní abrange línguas faladas em vários países da América do Sul (além do Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela e Guiana Francesa), as demais famílias do tronco Tupí situam-se exclusivamente dentro dos limites do Brasil, todas ao sul do rio Amazonas e ao norte do paralelo 14° S. Quatro dessas famílias têm suas línguas no Estado de Rondônia: as famílias Arikém, Mondé, Ramaráma e Tupari. A família Mundurukú, que se estendia anos atrás entre as bacias do Xingu e do Madeira, hoje está restrita a alguns afluentes do Tapajós e do Madeira. A família Jurúna, antes no baixo e no médio Xingu e no seu afluente Iriri, está hoje limitada a uma só língua, o Jurúna, no alto Xingu. Além dessas seis (pequenas) famílias e da Tupí-Guaraní, o tronco Tupí abrange ainda algumas línguas isoladas ao nível de família, as quais podem ser consideradas como famílias de um só membro. Nesse caso estão as línguas Awetí, no alto Xingu, e Mawé ou Sateré, entre o baixo Tapajós, o baixo Madeira e o Amazonas. Uma terceira língua isolada ao nível de família é o Puruborá, em Rondônia, do qual talvez ainda haja alguns falantes.<sup>3</sup>

1. Sobre o tronco lingüístico Indo-europeu, veja J. Mattoso Câmara Jr., *Princípios de lingüística geral*, 4.ª ed., Livraria Acadêmica Rio de Janeiro, pp. 290ss.

2. Sobre o tronco Tupí, veja Aryon D. Rodrigues, "A classificação do tronco lingüístico Tupí" in *Revista de Antropologia*, vol. 12, 1964, pp. 99-104. Veja também, na Bibliografia, Rodrigues, 1955, 1958, 1980.

3. Sobre algumas línguas de outras famílias do tronco Tupí, que não a Tupí-Guaraní, existem algumas gramáticas, dicionários e coleções de textos:

*Karitiána*: David Landin, *Dicionário e léxico Karitiána-Português*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1983 (dicionários com cerca de 1.500 verbetes, Karitiána-Português e Português-Karitiána, seguidos de um vocabulário ordenado por assuntos; infelizmente, o dicionário Português-Karitiána saiu truncado na impressão, tendo sido interrompido na letra *t*, após a palavra *tórax*); David e Rachel

De um modo geral, conhecemos menos sobre essas famílias que sobre a família Tupí-Guaraní. A única língua viva da família Jurúna, o Jurúna (duas outras, Manitsawá e Xipáya extinguiram-se na primeira metade deste século), embora falada no Parque Indígena do Xingu, é conhecida só por listas de palavras anotadas por antropólogos ou geógrafos, não tendo sido estudada por nenhum lingüista; o mesmo vale para o conhecimento que temos da família Ramaráma. Entretanto, o que se sabe dessas línguas permite verificar que todas elas devem pertencer a um mesmo tronco, ainda que os detalhes das relações entre as diversas famílias sejam pouco conhecidos. No quadro abaixo damos uma amostra de palavras que fazem parte da evidência que temos do parentesco lingüístico dentro do tronco Tupí. As línguas comparadas são o Tupinambá (Tb), da família Tupí-

Landin, *Textos Karitiána*, SIL-AL 150, 1974. Veja na Bibliografia, Landin, 1984.

*Mundurukú*: Marjorie Crofts, *Gramática Mundurukú*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística, n. 2), Brasília, 1973 (gramática feita segundo o modelo tagmênico, mas muito legível; a exemplificação é escassa); idem, *Aspectos da língua Mundurukú*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1985 (excelente curso de 76 lições, com grande riqueza de informações lingüísticas e culturais e amplamente exemplificado); Martinho Burum (org.), *Aypapayú'um'um ekawén: lendas Mundurukús*, 3 vols., Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, 1978 e 1979 (37 textos narrativos de várias naturezas, com a particularidade de que foram contados, traduzidos, ilustrados graficamente e praticamente editados por índios Mundurukú, tendo a pesquisadora Marjorie Crofts atuado como estimuladora e coordenadora); Cristina Helena R. Comodo, *Concordância em Mundurukú*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1981 (estudo gramatical dos processos cracterísticos de concordância dos determinativos (demotivos e numerais) com os substantivos, dos verbos intransitivos com seus sujeitos e dos verbos transitivos com seus objetos, baseado em dados de Crofts e Burum); *Dicionário bilingüe em Português e Mundurukú*, Fundação Nacional do Índio, Brasília, 1977 (pequeno dicionário escolar Português-Mundurukú, com cerca de 400 palavras, em parte ilustradas com frases e com desenhos). Veja também, na Bibliografia, Crofts, 1967, 1971 e 1984, e Comodo, 1981b.

*Mawé (Sateré)*: Albert e Sue Graham e Carl Harrison, "Prefixos pessoais e numerais da língua Sateré-Mawé" in Robert A. Dooley (org.), *Estudos sobre línguas Tupí do Brasil*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 11), Brasília, s/d, pp. 175-205. Veja também, na Bibliografia, Graham e Graham, 1978.

*Surui (família Mondé)*: Tine H. van der Meer, *Fonologia da língua Surui*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1982. Veja também, na Bibliografia, Bontkes, 1985 e van der Meer, 1981 e 1983.

Para outras línguas, veja na Bibliografia: Emmerich e Montserrat, 1972 (Awetí), Monserrat, 1976 (Awetí), Moore, 1984 (Gavião), Rodrigues, 1966 (Cinta-Larga), Stute, 1985 (Gavião).

-Guaraní; o Mundurukú (Mu), da família Mundurukú; o Karitiâna (Ka), da família Arikém; o Tuparí (Tp), da família Tuparí; o Gavião (Ga), da família Mondé; e o Awetí, língua isolada ao nível familiar. Como esta última tem afinidades maiores com a família Tupí-Guaraní, colocamo-la imediatamente ao lado do Tupinambá:

	Tb	Aw	Mu	Ka	Tp	Ga
1. mão	po	po	by	py	po	pabe
2. pé	py	py	i	pi	tsito	pi
3. caminho	pe, ape	me	e	pa	ape	be
4. eu	ixe	atit, ito	on	yn	on	oot
5. você	ene	en	en	an	en	ëet
6. mãe	sy	ty	xi	ti	tsi	ti
7. pesado	posyi	potyi	poxi	ptyi	potsi	patii
8. marido	men	men	itop	mana	men	met
9. onça	iawar	ta'wat	wida	omaky	ameko	neko
10. árvore	'yb	'yp	'ip	'ep	kyp	'iip
11. cair	'ar	'at	'at	'ot	kat	'al-

Mais importante que a semelhança entre palavras para o mesmo conceito em diferentes línguas, como prova de origem comum, é a regularidade nas correspondências de sons. Note-se como, em Karitiâna, à vogal *o* das demais línguas corresponde sistematicamente a vogal *y* (em 1, 4, 7 e 9); à vogal *e* das outras, corresponde em Karitiâna a vogal *a* (3, 5, 8 e 9); à vogal *y* do Tupinambá e do Awetí corresponde a vogal *i*, não só no Karitiâna, mas também no Mundurukú, no Tuparí e no Gavião (2, 6, 7 e 10; mas o Karitiâna e o Tuparí têm *e* e *y*, respectivamente, depois de consoante posterior, como em 10). O Gavião tem a consoante *t* no fim das palavras que nas outras línguas apresentam *n* (4, 5 e 8). O leitor pode facilmente identificar outras correspondências sistemáticas entre cada par de línguas comparadas.

O quadro acima pode dar a idéia de que as línguas do tronco Tupí são muito mais parecidas entre si do que elas realmente são. Há também palavras que diferem completamente de língua para língua, como, por exemplo, o termo para "homem": Tb *apyab*, Aw *mû'atsu*, Mu *añokat*, Ka *taso*, Tp *okio*, Ga *oi*. Como em outros casos de línguas aparentadas, mesmo quando as raízes têm a mesma origem,

as palavras resultam diferentes em virtude de diferenças que se estabeleceram na maneira de derivá-las. Assim a raiz para "casa" é *ok* em Tupinambá, *yk* em Mundurukú e *ek* em Tuparí (com uma correspondência regular das vogais, que se repete, por exemplo, na raiz para "folha": Tupinambá *ob*, Mundurukú *yp* e Tuparí *ep*); mas a expressão "minha casa" é em Tupinambá *xe róka*, em Mundurukú *odyk'a* e em Tuparí *wek*. A forma do Tuparí resulta simplesmente da prefixação do marcador de primeira pessoa à raiz; este marcador é basicamente *o*— (cf. *opo* "minha mão"), mas fica *w*— diante de vogal. Já o Mundurukú tem o mesmo marcador de primeira pessoa *o*—, mas intercala um elemento consonantal *d*— diante da raiz, o qual pode agora ser analisado como parte desta, mas é originalmente um prefixo relacional (que estabelece uma relação de dependência entre a raiz e o termo que a precede); por outro lado, em Mundurukú acrescenta-se a *yk* uma raiz classificadora referente à forma tradicional da casa: '*a* indica objetos arredondados. No Tupinambá, como nas demais línguas da família Tupí-Guaraní, caiu em desuso o marcador de primeira pessoa, substituído por uma forma abreviada (*xe*) do prenome pessoal correspondente (*ixe* "eu"); mas, como no Mundurukú, há aqui também um prefixo relacional, que é *r*—; e o Tupinambá acrescenta ainda um sufixo —*a*, o qual nada tem a ver com a raiz classificadora '*a* do Mundurukú, mas é um sufixo de caso, indicador da função que a palavra tem na frase (como se dá com os casos da declinação em Latim, em Alemão, em Russo, etc.) e permutable por outros sufixos casuais. Assim, o diferente desenvolvimento de detalhes vários contribui para tornar diferentes e mutuamente incompreensíveis as línguas de diferentes famílias, ainda que tenham origem numa só língua do passado. No caso do tronco Tupí, essa língua ancestral comum é o que convencionamos chamar de Proto-Tupí (ancestral do Proto-Tupí-Guaraní, do Proto-Arikém, do Proto-Mondé, etc.), um idioma pré-histórico, no qual podemos admitir a existência de uma raiz para o conceito de "casa" possivelmente com a forma \**ek*\* (o asterisco indica que isto é uma forma hipotética, com detalhes fonéticos necessários para explicar as diferentes formas encontradas nas línguas derivadas), a existência de um marcador de primeira pessoa \**o*—, assim como de uma raiz \**po* significando "mão", de uma raiz \**py* significando "pé", de uma raiz \**men* significando "marido", etc. Esse idioma pré-histórico, do qual

só se consegue recuperar, pela comparação das línguas atuais, alguns fragmentos, existiu certamente há alguns milhares de anos (lembre-se que o Latim, ancestral das línguas românicas, existiu há 2.000 anos), mas é muito difícil calcular sua antigüidade. De qualquer modo, antes que possamos conhecer detalhes mais significativos do Proto-Tupí, necessitamos desenvolver consideravelmente o conhecimento das línguas atuais nas diversas famílias do tronco Tupí.

Quadro 3: Línguas não Tupí-Guaraní do tronco Tupí

Língua	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
<b>Família Arikém</b>			
Karitiána	167	RO	109
<b>Família Jurúna</b>			
Juruna (Yurúna)	52	MT	126
<b>Família Mondé</b>			
Aruá	173a	RO	?
Cinta-Larga	186	MT, RO	953
Gavião (Ikōrō, Digüt)	189	RO	220
Mekém	179	RO	40
Mondé (Sanamaikā, Salamāi)	185	RO	?
Suruí (Paitér)	187	RO	340
Zoró	188	MT, RO	175
<b>Família Mundurukú</b>			
Kuruáya	61	PA	52
Mundurukú	62	PA, AM	1.460
<b>Família Ramaráma</b>			
Arára (Urukú, Karo)	190	RO	92
Itogapük (Ntogaipid)	165	RO	95
<b>Família Tuparí</b>			
Makuráp	170	RO	215
Túparí	176	RO	56
Wayoró (Ajurú)	180	RO	?
<b>Outras línguas</b>			
Awetí	202	MT	36
Puruborá	—	RO	?
Mawé (Sateré)	65	PA, AM	3.000

## 4

### O TRONCO MACRO-JÊ

As evidências que temos para o reconhecimento de um tronco lingüístico Macro-Jê são menos claras que as que pudemos apresentar para o tronco Tupí. O constituinte maior do tronco Macro-Jê é a família lingüística Jê, que comprehende línguas faladas sobretudo nas regiões de campos cerrados que se estendem do sul do Maranhão e do Pará, em direção ao sul, pelos Estados de Goiás e Mato Grosso, até os campos meridionais dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.<sup>1</sup> Nisto a distribuição geográfica da família Jê contrasta com a da família Tupí-Guaraní, a qual se situa em áreas de floresta tropical e subtropical.

As línguas que hoje conhecemos da família Jê se subdividem nos seguintes grupos: *Timbira*, que comprehende as línguas dos índios Canela (Ramkókamekra e Apâniekra), Krinkatí, Pukobyé (Gavião do Maranhão) e Krenjé (Kreyé), no Estado do Maranhão, assim como dos Parakáteye (Parakatejé ou Gavião do Pará), no Estado do Pará, e dos Krahô, no Estado de Goiás; *Kayapó*, que abrange as línguas dos Kubenkrangnotí, Kubenkrangnotí, Menkrangnotí, Kokraimôro, Gorotíre e Xikrin, no Pará, bem como dos Txukahamãe (Mentuktíre) no Parque Indígena do Xingu,

1. Sobre a família Jê veja Irvine Davis, "Proto-Jê phonology" in *Estudos Lingüísticos, Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n. 2, São Paulo, 1967, pp. 10-24 (estudo comparativo sistemático, que propõe a reconstrução das principais propriedades fonológicas e de pouco mais de uma centena de morfemas do Proto-Jê).

em Mato Grosso; *Akwén*, que inclui a língua dos Xavánte, hoje em Mato Grosso, anos atrás também em Goiás, a dos Xerénte, em Goiás, e a dos Xakriabá, no norte de Minas Gerais, anteriormente também em Goiás; *Kaingáng*, com as línguas dos Kaingáng nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e dos Xokléng, em Santa Catarina. As línguas dos Suyá, Kreen-akarôre e provavelmente também dos Tapayúna (Beiço de Pau), no Alto Xingu, estão aparentadas mais estreitamente com o grupo Kayapó. O mesmo se dá com a língua dos Apinayé (Apinajé), em Goiás, apesar de seus falantes se considerarem descendentes dos Timbira, hoje seus vizinhos mais próximos. É verdade que a diferença entre Timbira e Kayapó não é muito grande, em contraste com o grupo Akwén e, sobretudo, com o Kaingáng. Este é, realmente, o grupo mais diferenciado dentro da família Jê. Há, ainda, mais uma língua muito diferenciada, da qual muito pouco se pode dizer pelas poucas palavras que dela se conhecem; é a língua já extinta dos índios Jaikó, que habitavam no Piauí até o século passado.

Veja-se no quadro abaixo uma amostra comparativa das línguas desta família:

	<i>Canela</i>	<i>Apinayé</i>	<i>Kayapó</i>	<i>Xavánte</i>	<i>Xerénte</i>	<i>Kaingáng</i>
pé	par	par	par	paara	pra	pen
perna	tè	tè	te	te	zda	fa
olho	tò	nò	nò	tò	tò	kanẽ
chuva	taa	na	na	tã	tã	ta
sol	pyt	myt	myt	bââdâ	bdâ	râ
cabeça	k <sup>h</sup> rã	krã	krã	'rã	krã	krĩn
pedra	k <sup>h</sup> èn	kèn	kèn	'eēnē	kné	pò
asa, pena	haaraa	'ara	'ara	djèèrè	sdarbi	fer
semente	hy	'y	'y	djâ	zâ	fy
esposa	prô	prô	prô	mrô	mrô	prô

O tronco Macro-Jê compreende um grande número de famílias, além da família Jê.<sup>2</sup> Em alguns casos, porém, o

2. Sobre o tronco Macro-Jê veja Irvine Davis, "Some Macro-Jê relationships" in *International Journal of American Linguistics*, vol. 34, pp. 42-47 (apresenta algumas evidências de relações entre a fa-

que temos são mais indícios do que evidências da filiação de certas famílias ou línguas a esse tronco. A constituição do tronco Macro-Jê é altamente hipotética ainda. Alguns de seus membros são representados por línguas que ainda se falam, como o Maxakalí, o Boróro, o Karajá, o Guatô, o Ofayé, as quais têm sido estudadas modernamente e cujo conhecimento pode ser aprofundado. Outras, porém, já deixaram de ser faladas e delas só temos conhecimento através de documentos do passado, em geral muito precários. Esse é o caso de todas as línguas da família Kamakã (Kamakã, Mongoyó, Kotoxó, Meniên), as quais se falavam até a primeira metade deste século no sul da Bahia e norte do Espírito Santo; e de todas as línguas da família Purí (Coroado, Purí, Koropó), faladas pelo menos até o fim do século passado no leste de Minas Gerais e no oeste do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Desapareceram também todas as línguas da família Karirí, mas de duas delas temos boa documentação do fim do século XVII e do início do século XVIII; trata-se do Kipeá (ou Kirirí) e do Dzubukuá, aquele do nordeste da Bahia e Sergipe, este das grandes ilhas do rio São Francisco, entre a Bahia e Pernambuco, próximo a Cabrobó. Da família Botocudo tenta-se hoje, com grande dificuldade, obter algum conhecimento da língua dos poucos sobreviventes que restam de dois de seus subgrupos, os Krenak e os Nakrehé, desarticulados e dispersos pela ação violenta dos que ocuparam suas terras e das próprias agências governamentais.

Podemos distinguir nos componentes do tronco Macro-Jê um conjunto a leste da família Jê, formado pelas famílias Purí (Coroado), Botocudo, Maxakalí, Kamakã e Karirí e mais as línguas Masakará e Yatê (Fulniô), e outro conjunto a oeste daquela família, formado pela família Boróro e pelas línguas Ofayé, Guatô e Rikbaktsá. A família Karajá, no Araguaia, situa-se entre dois subgrupos da família Jê, o Kayapó a oeste e o Akwén a leste. Esta é, entretanto, uma distribuição puramente geográfica; não temos

mília Jê e as línguas Maxacalí e Karajá e tece algumas considerações sobre o possível relacionamento dessas com algumas outras línguas ou famílias, como Kamakã, Purí (Coroado), Botocudo, Ofayé, Boróro, Fulniô (Yatê) e também Tupí). Veja também, na Bibliografia, Boswood, 1973; Gudschinsky, 1971; Guérios, 1939.

até agora evidências de que as línguas mais a leste ou mais a oeste apresentem todas maior afinidade entre si.<sup>3</sup>

No quadro abaixo damos algumas evidências do parentesco que une as línguas do tronco Macro-Jê como um conjunto:

	pé	um	braço	flecha	mel	fígado	cinza	marido
Apinayé	par	pitxi	pa	—	mèñ	ma	mrò	mien
Xavánte	paara	—	pano	—	pí	pa	—	—
Kaingáng	pén	pir	pé	(puñ)	mýng	ta-mé	mréi	mèn
Maxakalí	pata	pytxèt	—	pói	pang	—	pytok	pen
Kamaká	wade	weto	—	wāi	—	—	—	—
Purí	txapere	i-páin	—	pun	—	—	—	—
Botocudo	pò	putxik	pò	—	pâng	ku-pagn	—	—
Yaté	fe, fet-	fathowa	—	—	—	—	felowa	(feto)
Kipeá	by, byri-bihe	bo	buiku	—	—	bydi	—	—
Karajá	waa	—	wyhy	bâdi	baa	bry-by	—	—
Boróro	byre	(mito)	—	(boi-)	—	—	—	(imedo)
Ofayé	fara	—	fè	—	fyk	fa	—	—
Guató	bò	—	pò	—	pagwa	pè	—	—
Rikbaktsá	pyry	—	txi-pa	—	mék.	—	—	mari-kta

3. Gramáticas, dicionários e textos mais acessíveis de línguas do tronco Macro-Jê são:

(a) Família Jê:

*Apinayé*: Patricia Ham, Helen Waller e Linda Koopman, *Aspectos da língua Apinayé*, Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1979; M. Smith, *Collection of 18 Apinayé texts*, SIL-AL 2, 1966; H. Waller, 5 *Apinayé texts*, SIL-AL 103, 1976; P. Ham, *Apinayé texts*, SIL-AL 109-111, 1962; P. Ham, *Apinayé grammar*, SIL-AL 108, 1961. Veja também, na Bibliografia, Ham, 1967; Koopman, 1976; Waller, 1976.

*Kaingáng*: Ursula Wiesemann, *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*, Summer Institute of Linguistics, Rio de Janeiro, 1971 (dicionário com cerca de 1.000 verbetes na parte Kaingáng-Português, representando especialmente o dialeto do Paraná, usado entre os rios Iguaçu e Ivaí). Veja também, na Bibliografia, Baracata de Valfloriania, 1920; Guérios, 1942; Rodrigues, 1981a; Wiesemann, 1972, 1978.

*Kayapó*: R. Thomson, 5 textos *Kayapó*, SIL-AL 60, 1976. Veja

Somada a diferenciação maior entre estas línguas à deficiente documentação de muitas delas, torna-se extremamente difícil compor séries completas de palavras provavelmente cognatas (isto é, com a mesma origem). A série

também, na Bibliografia, Stout e Thomson, 1974a, 1974b; Thomson 1982; Thomson e Stout 1974.

*Timbira*: *Lendas e contos Canela-Krahô*, 6 vols., Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1982 (esta série de "estórias dos tempos antigos e outros contos" comprehende 18 textos, alguns míticos, outros narrativos, publicados como material de leitura para os Canelás alfabetizados). Veja também, na Bibliografia, Shell, 1950.

*Xavánte*: Ruth Mc Leod e Valerie Mitchell, *Aspecto da língua Xavánte*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977 (curso prático em 23 lições, com informações gramaticais e notas culturais); Joan Hall, *Os sistemas fonológicos e gráficos Xavánte e Português — análise contrastiva*, Summer Institute of Linguistics (Ensaio Linguístico 4), Brasília, 1979. Veja também, na Bibliografia, Burgess, 1971; McLeod, 1974.

*Xerénte*: Rinaldo de Mattos, "Fonêmica Xerente" in *Série Lingüística 1*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973, pp. 79-100.

(b) Outras línguas:

*Boróro*: Antônio Colbacchini e César Albisetti, *Os Boróros orientais do Planalto Oriental de Mato Grosso*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1942 (monografia etnográfica, cuja terceira parte, pp. 263-321, é um ensaio de "Gramática da língua dos Boróros Orientais Orarimogodogue" e cuja quarta parte, pp. 323-350, é uma coleção de "lendas" com tradução interlinear; a quinta parte, pp. 351-403, apresenta textos de cantos com as respectivas traduções; o volume é encerrado por um "Vocabulário da língua Boróro" bastante extenso, com mais de 1.500 palavras); César Albisetti e Ângelo J. Venturelli, *Encyclopédia Boróro*, vols. 1, 2 e 3, Museu Regional D. Bosco, Campo Grande, 1962, 1969 e 1976 (o primeiro volume é um monumental dicionário lingüístico-cultural com perto de 1.000 páginas em duas colunas, compreendendo cerca de 10.000 palavras ou locuções, seguido de um vocabulário Português-Boróro com uns 4.000 verbetes; o segundo volume consiste numa coleção de 62 textos míticos em língua Boróro e com tradução portuguesa e num dicionário de nomes próprios pessoais dos Boróro com perto de 1.000 nomes; o terceiro volume contém nove cantos com tradução interlinear e tradução livre e um vocabulário de palavras típicas dos textos cantados). Veja também, na Bibliografia, Crowell, 1977, 1979; Rodrigues, 1962; Rondon e Faria, 1948a.

*Guató*: Adair Pimentel Palácio, *Guató, a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*, tese de doutorado, UNICAMP, 1984 (fonologia e gramática).

*Karajá*: David L. Fortune, "Gramática Karajá: um estudo preliminar em forma transformacional", in *Série Lingüística*, n. 1, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973, pp. 101-161 (inclui um vocabulário de cerca de 800 palavras). Veja também, na Bibliografia, Fortune e Fortune, 1975.

*Kiriri*: Luís Vincenzo Mamiani, *Catecismo da doutrina christã na língua brasílica da nação Kiriri*; Miguel Deslandes, Lisboa, 1698,

para "pé" é praticamente a única com palavras cognatas documentadas em todas as línguas consideradas. Essas palavras são tidas como (possivelmente) cognatas porque sua constituição fonética permite supor que sejam todas derivadas por modificações graduais de uma só palavra de uma língua ancestral (neste caso, uma palavra cujo primeiro som fosse uma consoante labial como *p* ou *b*, o segundo som fosse uma vogal central como *a* ou *y* e o terceiro e talvez último som fosse uma consoante dental como *r* ou *d* ou *t*); seu significado é basicamente o mesmo ("pé") em todas as línguas consideradas; as modificações de sons em cada língua

reproduzido facsimilarmente pela Biblioteca Nacional, sob o título *Catecismo Kiriri*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1942 (dialecto Kipeá); idem, *Arte de grammatica da lingua brasiliaca da naçam Kiriri*, Miguel Deslandes, Lisboa, 1699, reeditada pela Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1877, com um estudo introdutório por Batista Caetano d'A. Nogueira (dialecto Kipeá); Aryon D. Rodrigues, "O artigo definido e os numerais na língua Kiriri, vocabulário Português-Kiriri e Kiriri-Português" in *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. II, 1942, pp. 179-212 (dialecto Kipeá); Gilda Maria Corrêa de Azevedo, *Língua Kiriri: descrição do dialecto Kipeá*, dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1965; Bernardo de Nantes, *Katecismo indico da lingua Kariris*, Valentim da Costa Deslandes, Lisboa, 1709, reproduzido facsimilarmente por Júlio Platzmann, B. G. Teubner, Leipzig, 1896 (dialecto Dzubukuá).

Sobre a memória que têm os atuais Kariri de palavras de sua antiga língua, veja-se: Maria de Lurdes Bandeira, *Os Kariris de Mirandela: um grupo indígena integrado*, Universidade Federal da Bahia (Estudos Baianos 6), Salvador, 1972; Robert E. Meader, *Índios do Nordeste: levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste brasileiro*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 8), Brasília, 1978.

*Maxakalí*: Harold Popovich, "The sun and the moon, a Maxakalí text" in *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971, pp. 29-59. Veja-se também, na Bibliografia, Popovich, 1967; Rodrigues, 1981b.

*Ofayé*: Sarah C. Gudschinsky, "Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta" in Série Lingüística 3, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974, pp. 177-249.

*Rikbaktsá*: Joan Boswood, *Quer falar a língua dos Canoeiros? Rikbaktsá em 26 lições*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978; S. Tremaine, *Rikbaktsá narrative discourse*, SIL-AL 162, 1981. Veja também, na Bibliografia, Boswood, 1974a, 1974b.

*Yatê (Fulniô)*: Geraldo Lapenda, *Estrutura da língua Iatê*, Imprensa Universitária, Recife, 1968 (ótima gramática, muito detalhada); D. Meland, *Fulniô grammar*, SIL-AL 26 1968; idem, *Fulniô phonology*, SIL-AL 25, 1967.

*Outras línguas*: Guérios, 1945 (Kamaká); Loukotka, 1939 (Pataxó); Emmerich e Montserrat, 1976 (Botocudo).

gua se repetem regularmente em outras séries (veja-se que as consoantes iniciais de "pé" são as mesmas de "um", de "braço" e de "flecha" em cada língua). Os traços nas demais séries indicam que a respectiva língua não tem palavra cognata com as demais da série; p. ex., para "flecha" o Kaingáng tem *no* e o Yatê tem *ekaa*, palavras cuja constituição fonética não é associável às da série ilustrada. Já os espaços em branco, como nas séries para "fígado" e "cinza", indicam que ignoramos a palavra respectiva e, portanto, não sabemos se seria cognata das demais ou não.

As vezes é possível que a palavra cognata exista na língua, mas com o significado parcialmente mudado, o que é em geral difícil de constatar. Pode ser, por exemplo, que a palavra cognata da palavra "flecha" em Maxakalí e outras línguas (cuja forma na língua ancestral teria uma consoante labial seguida de uma vogal posterior como *u* ou *o*, seguida esta de uma consoante palatal, semelhante ao *i* final do Maxakalí, do Kamaká e da primeira sílaba do Kipeá) seja, no Kaingáng, a palavra *puñ*, que ocorre na expressão *puñ ke* "sair de repente, com pressa", literalmente "fazer (como) *puñ*"; isto poderia ter significado, originalmente, "fazer como flecha" (se verdadeira esta hipótese, o som final de *puñ*, que é uma consoante nasal palatal, concilia-se tão bem com o *i* final do Maxakalí *pói* e do Kamaká *wái*, assim como com o da primeira sílaba do Kipeá *bui-ku*, quanto com a consoante nasal do Purí *pun*). Também é possível que a palavra do Boróro para "arco", *boiga*, seja constituída originalmente de *boi* + *iga* "(de) flecha arco", já que na mesma língua *iga* (alternando com *ika*) é o termo para "arco" em expressões compostas (por exemplo, *djure ika* "arco de sucuri", *okoge e-iga* "arco de dourados (peixes)", nomes de arcos ceremoniais: *boi* se encaixaria perfeitamente na série para "flecha", da mesma forma que *puñ* do Kaingáng.

As séries para "pé", "um", "braço" e "flecha" coincidem grandemente com as séries para "mel", "fígado", "cinza" e "marido", mas diferem porque nas primeiras todas as línguas apresentam no início das palavras uma consoante labial não nasal (*p* ou *b* ou *w* ou *f*), enquanto que, nas últimas, algumas línguas (Apinayé, Kaingáng e Rikbaktsá, talvez também o Boróro) apresentam uma consoante labial nasal. Para explicar essa diferença, admitimos que na língua ancestral do tronco Macro-Jê as palavras para "pé", "um",

"braço", e "flecha" começariam por uma consoante labial não nasal (como, p. ex., *p*), mas as palavras para "mel", "fígado", "cinza" e "marido" começariam por uma consoante labial nasal (como, p. ex., *m*). A nasalidade dessa consoante teria em algum tempo desaparecido de certas línguas (Xavante, Maxakalí, Botocudo, Yatê, Kipeá, Karajá, Ofayé, Guató), acarretando a transformação da consoante labial nasal em consoante labial não nasal, análoga à que originalmente existia nas palavras para "pé", etc.

No caso da série para "marido", é possível que pertençam a ela a palavra *feto* do Yatê, que significa "homens", e a palavra *imedo* do Boróro, que quer dizer "homem", enquanto que as palavras para "marido" nessas duas línguas não são cognatas da série: Yatê *efo* e Boróro *oredy*. Se essa hipótese estiver correta, poderemos concluir que as antigas palavras para "marido" em Yatê e Boróro tiveram seu significado ampliado para "homem em geral" e acabaram sendo substituídas por outras palavras para o sentido estrito de "marido". No Kipeá, em que não encontramos nenhuma palavra cognata da série para "marido", esse conceito passou a ser expresso pela palavra *renge* "velho" ou pela expressão *ipadzu inu* "o pai de seus filhos".

Além da correspondência regular entre os sons e da identidade histórica de um certo número de palavras, as línguas das famílias propostas como membros do tronco Macro-Jê têm em comum também algumas características gramaticais. Por exemplo, todas elas exprimem a relação entre um objeto e seu possuidor por meio de elementos gramaticais antepostos ao nome do objeto. Esses elementos são em regra prefixos (partes dos nomes), mas em Kaingáng são pronomes, isto é, palavras distintas dos nomes. A maioria das línguas do tronco Macro-Jê distingue duas terceiras pessoas possuidoras, além da primeira ("meu") e da segunda ("teu"). Uma terceira pessoa é não reflexiva ("dele"), a outra é reflexiva ("dele mesmo") (como nas frases "João machucou a mão *dele* (isto é, de José)" e "João machucou a mão *dele mesmo* (isto é, do próprio João)"). O quadro seguinte mostra como esses elementos possessivos têm constituições sonoras semelhantes nas diversas línguas do tronco e podem, provavelmente, ter a mesma origem:

	<i>meu</i>	<i>teu</i>	<i>dele</i>	<i>dele mesmo</i>
Apinayé	i-	a-	i'-	
Xavânte	ii-	a-	í-	ti-
Kaingáng	iñ	ã	ti-	—
Maxakalí	ÿk-	ã-	ý-	ty-
Kamakã	ehk-	a-	í-	
Purí	eí-	—		
Botocudo	—	a-	—	
Yatê	i-	a-	e-	ta-
Kipeá	hi-	e-	i-	di-
Karajá	—	a-	i-	d'a-
Boróro	i-	a-	(e-)	ty-
Ofayé	x-	è-	ý-	
Guató	—	—	i-, è-	
Rikbaktsá	ik-	a-	i-	ta-

O Boróro *e*— significa "deles" e é possível cognato de *i*—, que na maioria das línguas do tronco significa "dele" ou "deles"; para o singular "dele" o Boróro tem *u*— ou zero (isto é, nenhum prefixo), que não parecem ser cognatos de *i*—. O Kaingáng aparentemente deslocou *ti* do uso reflexivo para o não reflexivo (e introduziu no uso reflexivo um outro pronome, *ã*, idêntico ao pronome de segunda pessoa, mas que não sabemos se tem a mesma origem que esse).

O Quadro 4 apresenta as línguas das diversas famílias que constituem o tronco Macro-Jê.

Quadro 4: Línguas do tronco Macro-Jê

Línguas	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
<b>Família Boróro</b>			
Boróro (Boróro Oriental, Orari)	199	MT	752
Umutína (Barbados)	198	MT	160
<b>Família Botocudo</b>			
Krenák, Nakrehé	12	MG, SP	70(15?)
<b>Família Jê</b>			
Akwén (Akwé)			
Xakriabá (Xikriabá)	16	MG	(3.500) ?
Xavánte (A'wé)	200	MT	4.413
Xerente (Akwé)	42	GO	850
Apinayé	40	GO	508
Kaingang (Coroadó)	2	RS, SC, PR, SP	10.426
<b>Kayapó</b>			
Gorotire	57	PA	1.030
Kararaô	55	PA	26
Kokraimôro	56	PA	120
Kubenkrangnotí	59	PA	?
Kubenkrankégn	58	PA	361
Menkrangnotí	60	PA	?
Tapayúna (?)	213	MT	26
Txukahamâe (Mentuktire)	216	MT	202
Xikrín (Xikrî)	53	PA	469
Kren-akarôre	212	MT	31
Suyá	214	MT	114
<b>Timbira</b>			
Canela Apâniekra	37b	MA	274
Canela Rramkókamekra	37a	MA	718
Gavião do Pará (Parakáteye)	45	PA	173
Gavião do Maranhão (Puko-byé)	38	MA	306
Krahô	41	GO	894
Kréyé (Krenjé)	39a	MA	30
Krikatí (Krinkati)	39b	MA	325
Xekléng (Aweikoma)	3	SC	634
<b>Família Karajá</b>			
Javaé	219	GO	383
Karajá	218	GO, MT	1.194
Xambioá	43	GO	102
<b>Família Maxakalí</b>			
Maxakalí	13	MG	500
Pataxó	14	BA	(1.762)?
Pataxó Hähähäe	15	BA	(1.270)?
<b>Outras línguas</b>			
Guató	10	MS	220
Ofayé (Ofayé-Xavánte)	7	MS	23
Rikbaktsá (Erikbaktsá, Arikpakteá)	193	MT	466
Yaté (Fulniô, Karnijó)	26	PE	4.000

## 5

### A FAMÍLIA KARÍB

O nome Karib (Caribe) é uma das designações pelas quais foi conhecido um povo indígena que ocupou, nos séculos passados, grande parte da costa norte da América do Sul e as Pequenas Antilhas, estendendo-se desde o norte da foz do Amazonas, passando pela Guiana Francesa (onde foram chamados Galibi), pelo Surinam (Karaiben, Kaliña), pela Guiana (Carib) até a Venezuela (Cariña). Esse povo, representado no Brasil pelos Galibi do Amapá, teve contato, desde o início da colonização das Pequenas Antilhas, da Venezuela e das Guianas (o que só se deu no século XVII), com os europeus que aí se foram estabelecendo (espanhóis e franceses, holandeses e ingleses) e tornou-se logo mais conhecido destes do que os povos aparentados que viviam no interior do continente. A situação dos Karib (chamados às vezes "verdadeiros Karib" ou Karib da Costa, para distingui-los de seus parentes lingüísticos no interior) lembra a dos antigos Tupí ou Tupinambá da costa oriental do Brasil, cujo nome serviu de referência para os povos de línguas aparentadas encontrados no interior. Assim, hoje, as línguas que apresentam parentesco genético com a língua Karib são consideradas integrantes da família linguística Karib.

A maioria das línguas da família Karib situa-se na grande região guianesa, que compreende não só os três centros de colonização não ibérica na América do Sul (Guiana Francesa, Holandesa — hoje Suriname — e Inglesa — hoje simplesmente Guiana), mas também a Guiana Venezuelana (do limite com a Guiana até o rio Orinoco) e a Guiana Brasi-

leira, que se estende ao norte do rio Amazonas, da costa atlântica até o oeste de Roraima. Assim, o maior número de línguas desta família no Brasil é falado ao norte do rio Amazonas, no Amapá, no norte do Pará, em Roraima e no Amazonas (entre os rios Nhamundá e Negro). Há também, entretanto, línguas Karib ao sul do rio Amazonas, situadas essencialmente ao longo do rio Xingu. Essas constituem três subgrupos: Arára, no baixo Xingu e Txikão, no alto Xingu; Kalapálo, Kuikúru e Nahukwá (incluindo Matipú), no alto Xingu; Bakairí, ao sudoeste do alto Xingu.

O quadro abaixo apresenta uma amostra comparativa de línguas do norte do rio Amazonas:

	<i>Galibi</i>	<i>Apalai</i>	<i>Wayâna</i>	<i>Hixkaryâna</i>	<i>Taulipâng</i>
lua	nuno	nuno	nunuy	nuno	kapyi
sol	wéiu	xixi	xixi	kamymy	wéi
água	tuna	tuna	tuna	tuna, paru	
chuva	konopo	konopo	kopo	tuna	kono'
céu	kapu	kapu	kapu	kahe	ka'
pedra	topu	topu	tepu	tohu	ty'
flecha	pyrywa	pyróu	pyréu	waiwy	pyrýu
cobra	okóiu	âkóia	ykyía	okóie	ykýi
peixe	wuoto	kana	kaa	kana	moro'
onça	kaituxi	kaikuxi	kaikui	kamara	kaikuse

As cinco línguas nesse quadro estão dispostas como se encontram hoje, de Leste para Oeste (o Galibí mais a leste, o Taulipâng (Taurepâ) mais a oeste). Línguas não incluídas no quadro estão associadas mais diretamente com uma ou com outra dessas cinco. Por exemplo, o Makuxí e o Ingarikó se associam ao Taulipâng, com palavras semelhantes para "lua", "sol" e "peixe" e com a perda da sílaba final —*pu* (ou —*po*), substituída por uma oclusão glotal ('), nas palavras "chuva", "céu" e "pedra". Essas línguas têm em comum também a substituição da vogal o por uma vogal não arredondada *y*, nas palavras "pedra", "flecha" (na segunda sílaba) e "cobra" (em ambas as sílabas), mas isto elas têm em comum também com o Wayâna (vogais não arredondadas *y* e *e*), que se situa bem mais a leste. Esta língua, por sua vez, tem como particularidade própria a perda de *n* em palavras como "chuva" e "peixe" (mas

não em "lua" e "água"), assim como a perda de *s* em "onça". Apesar dessas particularidades fonológicas e de algumas diferenças de vocabulário, é fácil perceber a grande homogeneidade que caracteriza as línguas norte-amazônicas da família Karib.

No quadro seguinte apresentam-se outras cinco línguas, agora do sul do rio Amazonas, dispostas na mesma sequência em que, no espaço geográfico, ocorrem de norte a sul:

	<i>Arára</i>	<i>Txikão</i>	<i>Nahukwá</i>	<i>Kuikúru</i>	<i>Bakairi</i>
lua	nuno	nuno	nune	ngune	nunâ
sol	txitxi	xixi	riti	riti	xixi
água	paru	ga	tuna	tunga	paru
chuva	kangpo	kongpo	konoho	kongofo	kòpâ
céu	kapo	kuli	kavy	kafy	kau
pedra	yupi	yby	tevu	tefu	tuhu
flecha	pyrom	pyrom	hyre	fyre	pyrâu
cobra	okoi	ogoi	ekè	ekè	âgâu
peixe	wat	uot	kana	kanga	kârâ
onça	okoro	akari	ikere	èkèrè	uddòdò

Qualquer inspeção rápida revela que estas são línguas estreitamente parentesas às norte-amazônicas. Quem primeiro reconheceu esse parentesco, com referência ao Bakairí (e, em seguida, também ao Nahukwá), foi o antropólogo Karl von den Steinen.<sup>1</sup> A descoberta de uma língua Karib no centro da América do Sul constituiu um dos resultados mais surpreendentes de sua primeira expedição, em 1884, às nascentes do rio Xingu. A diferença mais notável nas palavras acima em comparação com o quadro das línguas

1. O livro em que Karl von den Steinen estuda sistematicamente o parentesco do Bakairí com outras línguas da família Karib é *Die Bakairi-Sprache* (A língua Bakairí), K. F. Koheler's Antiquarium, Leipzig, 1892. Mais acessível é seu livro anterior, *Durch Central-Brasilien*, de 1886, que foi traduzido para o Português por Catarina B. Cannabarra com o título *O Brasil Central*, Companhia Editora Nacional (Coleção Brasiliiana, Série Extra, vol. 3), São Paulo, 1942, e no qual o mesmo assunto é tratado em forma preliminar. Uma discussão antropológica das relações entre os Bakairí e os demais povos Karib foi feita em outro livro de von den Steinen, *Unter der Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlim, 1894, traduzido para o Português por Egon Schaden sob o título *Entre os aborigenes do Brasil Central*, Departamento de Cultura, São Paulo, 1940.

norte-amazônicas está no termo para "onça"; com respeito a este, aliás, o Bakairí se distingue das demais línguas sul-amazônicas tanto quanto das norte-amazônicas.

Na amostra acima é fácil verificar, também, que o Arára e o Txikão, por um lado, e o Nahukwá e o Kuikúru, por outro lado, constituem pares de línguas com maior afinidade. O Bakairí tem alguns elementos especialmente em comum com o Arára e o Txikão (as palavras para "sol" e "água", por exemplo) e outras com o Nahukwá e o Kuikúru (substituição da vogal o por vogais não arredondadas na palavra "cobra" e nas últimas sílabas das palavras "lua" e "flecha", assim como a palavra "peixe"). Assim, é difícil dizer se o Bakairí tem maior afinidade com o Kuikúru e o Nahukwá, que lhe estão geograficamente mais próximos, ou com os mais longínquos Txikão e Arára.

É difícil perceber também as relações dessas línguas Karib sul-amazônicas com as norte-amazônicas. A palavra *paru* "água", comum ao Bakairí e ao Arára, encontra-se em muito poucas línguas do norte do Amazonas; uma dessas é o Taulipáng em Roraima (também na Venezuela, onde é mais conhecido como Pemong ou Pemón). Já a palavra para "peixe" em Arára e Txikão se identifica com a palavra correspondente do Galibi, a língua do litoral norte. O Nahukwá e o Kuikúru têm em comum com o Wayâna a vogal e em lugar do o das outras línguas, nas palavras para "lua", "pedra", "flecha" e "cobra". Já a perda da consoante *n*, característica do Wayâna (como vimos acima), ocorre também em Bakairí, na palavra para "chuva"; provavelmente o r na palavra "peixe" desta última língua representa um enfraquecimento do *n*, cuja nasalidade passou para as vogais vizinhas (no Wayâna houve aí também perda total do *n*).

Uma classificação interna, puramente lingüística, da fa-

mília Karib depende sobretudo da consideração de detalhes do comportamento dos sons, da gramática e do vocabulário. Esse estudo, embora iniciado no século passado (por von den Steinen e pelo francês Lucien Adam), ainda se mantém num estado rudimentar, devido à precariedade da documentação existente. Uma área crítica para o problema das migrações que levaram línguas Karib a ser faladas ao norte e ao sul do rio Amazonas, como é a do rio Xingu, deixa ainda muitíssimo a desejar do ponto de vista do conhecimento lingüístico. Há, entretanto, pesquisas em andamento

que poderão fazer avançar esse conhecimento num futuro próximo: com o Kuikúru, com o Arára, com o Txikão, com o Bakairí.<sup>2</sup>

Relaciona-se a família Karib com outras famílias linguísticas? Duas outras famílias têm sido mencionadas mais freqüentemente como possivelmente relacionadas com a Karib: a Aruák e a Tupí-Guaraní. Com a primeira, a única coisa que até agora foi possível apurar é a presença em línguas Aruák da Guiana de nomes de plantas e de animais comuns a línguas Karib norte-amazônicas, fato que só pode ser interpretado como indicativo de contato entre essas línguas num dado ambiente ecológico, mas sem implicar origem comum das próprias línguas.

Já com a família Tupí-Guaraní ou, melhor, com o tronco Tupí, têm sido descobertas relações ainda mais interessantes.<sup>3</sup> Podemos distinguir três categorias de relacionamento entre línguas Karib e línguas Tupí:

(a) palavras passadas recentemente de uma língua Karib a uma língua Tupí ou vice-versa: assim, no Amapá (e na Guiana Francesa) a língua Wayâna, da família Karib, recebeu várias palavras da língua Wayampí (Oyampí), da família Tupí-Guaraní, e esta recebeu palavras daquela, em consequência da migração dos Wayampí para o norte do rio Amazonas e ao longo do rio Jari, que já no século XVIII os levou a entrar em contato com os Wayâna e outros povos Karib, habitantes mais tradicionais da região; assim também a língua Bakairí, ao sul das cabeceiras do Xingu, apresenta palavras do Aweti (Tupí), uma das línguas mais meridionais do alto Xingu; também a Língua Geral (Nheengatú), que é um idioma Tupí-Guaraní descendente do antigo Tupinambá e que penetrou ao norte do rio Amazonas, durante os períodos colonial e imperial, na expansão da ação

2. Uma discussão de outros aspectos da família Karib é feita por Marshall Durbin, "A survey of the Carib language family", in Ellen B. Basso (org.), *Carib-Speaking Indians: culture, society, and language*, The University of Arizona Press (Anthropological Papers of the University of Arizona, n. 28), Tucson, 1977, pp. 23-38.

3. Sobre as relações da família Karib com o tronco Tupí há um estudo de Aryon D. Rodrigues, "Evidence for Tupi-Carib relationships", apresentado à reunião anual da Associação Antropológica Americana de 1978 (Los Angeles) e incluído no volume *South American languages: retrospect and prospect*, organizado por H. M. Klein e L. Stark, University of Texas Press, Austin, 1985, pp. 371-404.

colonizadora e missionária, forneceu muitas palavras a línguas Karib da área guianesa e recebeu também palavras de algumas dessas línguas;

(b) palavras comuns a grande número de línguas Karib, especialmente norte-amazônicas, e à totalidade das línguas da família Tupí-Guaraní (mas não a outras famílias do tronco Tupí), incluindo essencialmente nomes de animais (p. ex., maracajá), de plantas (p. ex., maracujá) e de alguns objetos culturais (p. ex., maracá); essas palavras devem ter passado de uma família à outra há muito mais tempo, certamente antes do descobrimento da América pelos europeus, em alguma situação de contato, provavelmente entre falantes da língua ancestral da família Tupí-Guaraní e do ancestral das línguas Karib, ou de parte destas;

(c) correspondências sonoras e de vocabulário muito menos óbvias, mas sistemáticas e relativamente numerosas, entre a totalidade das línguas Karib e a totalidade das línguas do tronco Tupí (p. ex., Tupinambá *pak*, Tuparí *epak* “acordar” = Waiwai, Taulipáng *paka*, Hixkaryána *haka* “acordar”; Tupinambá *momak* (*mo*+*pak*) “fazer acordar” = Hixkaryána *ompaka* (*om*+*haka*) “fazer acordar”; Tuparí *om*, Mundurukú *ym* “dar” = Waiwai, Hixkaryána *ym*, Apalai *um*, Bakairí *u* “dar”); essas correspondências, que incluem também elementos gramaticais, devem remontar a uma comunidade de origem entre a família Karib e o tronco Tupí.

A relação das línguas da família Karib faladas no Brasil é apresentada no Quadro 5.

4. Obras mais acessíveis sobre as línguas da família Karib faladas no Brasil são:

(a) Línguas ao norte do rio Amazonas:

*Apalai*: E. e S. Koehn, *Apalai language description*, SIL-AL 127, 1971. Veja também, na Bibliografia, Koehn e Koehn, 1971b; Gudschinsky, 1973.

*Hixkaryána*: Desmond Derbyshire, *Textos Hixkaryána*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Publicações Avulsas 3), Belém, 1965 (coleção de 30 textos com tradução literal para o Português e para o Inglês); idem, *Hixkaryána*, North Holland (Lingua Descriptive Studies I, Amsterdam, 1979 (descrição muito detalhada da gramática, seguindo um esquema bastante informativo e acessível).

*Makuxí*: Vicente Pira e Emanuele Amodio, *Makuxí maimu: guias para aprendizagem e dicionário da língua Makuxí*, Centro de Documentação de Culturas Indígenas de Roraima, Boa Vista, 1983 (ensaio

Quadro 5: Línguas da família Karib no Brasil

Línguas	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
Norte do Amazonas			
Apalai (Aparaí)	74, 80	PA	135
Atroari	69	RR	350
Galibi do Oiapoque	76b	AP	37
Hixkaryána	70	AM	308
Ingarikó (Kapóng, Akawáio)	84	RR	459
Kaxuyána	71	PA	198
Makuxí	83	RR	15.287
Mayongóng (Makiritáre, Yekuána)	90	RR	200
Taulipáng (Taurepá, Pemóng)	85	RR	220
Tiriyó (Tirió)	81	PA	264
Waimirí	68	AM	?
Waiwái	72	PA, RR	922
Warikyána	73	PA	300
Wayána (Urukuyána)	80	PA	125
Sul do Amazonas			
Arára do Pará	54	PA	72
Bakairí (Kúra)	201	MT	409
Kalapálo	209	MT	191
Kuikúru	206	MT	221
Matipú	207	MT	40
Nahukwá (Nafukwá)	211	MT	83
Tzikão	215	MT	107

de curso prático, seguido de um vocabulário Português-Makuxí, com perto de 1.500 palavras); Neusa Martins Carson, *Phonology and morphosyntax of Macuri (Carib)*, tese de doutorado, University of Kansas, 1981 (ensaio de análise sistemática da fonologia e da gramática do Makuxí). Veja também, na Bibliografia, Carson, 1981a; Abbott, 1976, 1985; Hodsdon, 1976.

*Tiriyó*: Ernesto Migliazza, *Notas fonológicas da língua Tiriyó*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Boletim, n. s., Antropologia 29), Belém, 1965; Ruth Wallace Garcia de Paula, *Notas verbais da língua Tiriyó*, Museu do Índio (Boletim, Série Lingüística, 1), Rio de Janeiro, 1980.

*Waiwái*: W. Neil Hawkins, *A fonologia da língua Waiwái*, Universidade de São Paulo (Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 157 = Etnografia e Tupí-Guaraní 25), São Paulo, 1952 (ex-

## 6

## AS FAMÍLIAS ARUÁK E ARAWÁ

Aruák ou Arawák (o que não é a mesma coisa que Arawá) é o nome de uma língua falada na costa guianesa da América do Sul, na Venezuela, na Guiana, no Suriname e na Guiana Francesa. Essa língua, também conhecida como Lokono, foi falada também em algumas ilhas antilhanas, como Trinidad. Quando os europeus iniciaram sua colonização na região do Caribe, os Aruák aí dividiam e disputavam o mesmo espaço com os Karib, e foi com uns e outros que aqueles tiveram seus primeiros contatos com a população nativa e com suas línguas. Tal como aconteceu com o nome Karib, também o nome Aruák veio a ser usado para designar o conjunto de línguas encontradas no interior do continente, aparentadas à língua Aruák. Esse conjunto também foi chamado de Maipure ou Nu-Aruák e corresponde ao que Martius há mais de um século chamou de Guck ou Coco.

As línguas da família Aruák se encontram na ampla região guianesa, intercaladas entre as línguas da família Karib, e daí se estendem para oeste, até as cabeceiras dos afluentes esquerdos do rio Orinoco, e para sudoeste, onde se encontram no rio Negro e nos seus afluentes mais setentrionais, especialmente no Içana. Mais ao sul e mais a oeste acham-se línguas aparentadas entre o Japurá e o Solimões e, ainda, ao sul deste último, em seus afluentes como o Purus e o Juruá, ou em afluentes do Marañón, no Peru, como o Ucayali. Outras línguas da família Aruák se acham mais ao sul, por um lado no nordeste amazônico da Bolívia; por outro lado, no oeste de Mato Grosso e no Brasil Central,

celente estudo, com exposição muito clara); idem, *A morfologia do substantivo na língua Uaiuái*, Museu Nacional (Publicações Avulsas 21), Rio de Janeiro, 1962 (estudo gramatical de notável clareza).

*Kaxuyána*: Ruth Wallace Garcia de Paula, *Língua Kaxuyána: fonologia segmental*, Museu Nacional (Lingüística IX), Rio de Janeiro, 1980. Veja também, na Bibliografia, Wallace, 1970.

(b) Línguas ao sul do rio Amazonas:

*Bakairí*: Estêvão Carlos Taukane (org.), *Vocabulário Bakairi-Português, Português-Bakairí*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978 (pequeno vocabulário com cerca de 500 palavras em cada parte, preparado por índios Bakairí); João Capistrano de Abreu, "Os Bacaeris", originalmente publicado na *Revista Brasileira*, de 1895, depois reproduzido no volume do mesmo autor *Ensaios e Estudos (Crítica e História)* (3.ª série), Sociedade Capistrano de Abreu e Livraria Briguiet, Rio de Janeiro, 1938; J. Wheatley, *Grammar of Bakairí*, SIL-AL 22, 1964.

*Trikão*: Charlotte Emmerich, *A fonologia segmental da língua Trikão: um exercício de análise*, Museu Nacional (Lingüística X), Rio de Janeiro, 1980 (trabalho baseado numa dissertação de mestrado).

no alto Xingu. A língua desta família falada mais ao sul é o Terêna, a leste do rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul.

As relações das línguas da família Aruák entre si são ainda pouco conhecidas nos seus detalhes. Embora um grande número dessas línguas esteja sendo estudado, tanto no Brasil como em outros países (Bolívia, Peru, Venezuela), não há ainda bons estudos comparativos para determinar como se relacionam umas com as outras. Essa falta de estudos comparativos afeta sobretudo línguas ou grupos de línguas a que se tem atribuído filiação à família Aruák, mas até agora sem a apresentação de evidências claras. Está nesse caso, em território brasileiro, a família Arawá, constituída por um conjunto de línguas estreitamente aparentadas entre si e situadas numa área geográfica bem definida, entre os rios Purus e Juruá. Algumas outras línguas brasileiras que foram consideradas por um ou por outro autor como pertencendo à família Aruák, tais como o Tukuna, no alto Solimões, e o Irántxe, no oeste de Mato Grosso, agora são reconhecidas como independentes.<sup>1</sup>

As línguas da família Aruák faladas no noroeste do Brasil incluem o Baníwa do Içana, o Warekéna, o Tariána e o Baré. O Baníwa do Içana (distinto da língua Baníwa ou Baniva propriamente dita, só falada na Venezuela) compreende um grande número de dialetos muito pouco diferenciados entre si e que correspondem aos muitos pequenos grupos em que se divide o povo Baníwa do Içana.<sup>2</sup> Esses grupos se distribuem ao longo de todo o curso do rio Içana, que é um dos principais afluentes do rio Negro, no extremo norte do Estado do Amazonas, e ao longo dos rios Aiari e Cuiari, principais afluentes do Içana, assim como em seus afluentes menores. Cada um desses grupos tem um nome específico em duas versões principais, uma na língua Baníwa do Içana, outra na Língua Geral Amazônica (Nheengatú). São mais de vinte grupos, que às ve-

zes são individualizados na literatura antropológica e lingüística e outras vezes são apresentados sob o nome coletivo de Baníwa do Içana ou sob nomes mais regionais, como Karútana para os do baixo Içana ou Koripáka (Koripáko) para os do alto Içana. Alguns dos nomes grupais, principalmente aqueles sob os quais estão publicados dados lingüísticos, são os seguintes:

<i>Em língua Baníwa do Içana:</i>	<i>Em Língua Geral:</i>	<i>Significado:</i>
Adáru-minanei (Karútana)	Arára-tapúya	Gente da arara
Adzáneni, Adyánene, Adyá-na (Koripáka)	Tatú-tapúya	Gente do tatu
Aini-dákenei, Máulieni	Káwa-tapúya	Gente da vespa
Awádzurunai	Akutí-tapúya	Gente da cutia
Dzawí-minanei (Karútana)	Yawareté-tapúya	Gente da onça
Dzúreme, Dzúremene	Yibóya-tapúya, Búia-tapúya	Gente da jibóia
Héma-dákene (Koripáka)	Tapiira-tapúya	Gente da anta
Hohôdene, Hôho	—	?
Kadaupurítana, Kataporítana	Pixúna-tapúya	Gente do preto (?)
Kapité-mnanei (koripáka)	Kuatí-tapúya	Gente do quati
Karútana (vide Adáru-minanei, Dzawí-minanei, Mapátse-dákenei, Wádzoli-dákenei)		
Koripáka, Koripáko, Kuripáka (vide Adzáneni, Kapité-mnanei, Kumadá-mnanei, Payualiene)		
Kumadá-mnanei, Kumándene (Koripáka)	Ipéka-tapúya, Páto-tapúya	Gente do pato
Mápanai, Mápa-dákenei	Ira-tapúya	Gente da abelha
Mapátse-dákenei (Karútana)	Yurupari-tapúya	Gente do jurupari
Maulieni (vide Aini-dákenei)		
Moriwene	Sukuriyú-tapúya	Gente da sucuri
Payualiene, Padzoaliene (Koripáka)	Pakú-tapúya	Gente do pacu
Wádzoli-dákenei (Karútana)	Urubú-tapúya	Gente do urubu
Walipéri-dákenei	Siusí-tapúya	Gente das Pléiades

1. Sobre as famílias Aruák e Arawá no Brasil veja-se Aryon D. Rodrigues, "Línguas ameríndias" in *Grande Encyclopédia Delta-Larousse, Delta, Rio de Janeiro, 1970*, pp. 4034-4036; Desmond Derbyshire, "Arawakan (Brazil) morphosyntax" in *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session, vol. 26, 1982*, pp. 1-81. Veja também, na Bibliografia, Shafer, 1959.

2. Sobre o Baníwa do Içana veja Curt Nimuendajú, *Textos indigenistas*, Edições Loyola, São Paulo, 1982, pp. 123ss., especialmente pp. 174-176.

O Warekana difere pouco do Baníwa do Içana e é falado no rio Xié, outro afluente do rio Negro. Os grupos em que se divide o povo Warekéna também têm nomes análogos aos dos Baníwa do Içana (por exemplo, Túke-dákenei ou Kuisí-tapúa, "gente do vagalume"). Também bastante semelhante ao Baníwa do Içana é o Tariána (Taliáséri), hoje quase extinto porque, tendo emigrado do Içana para o Uaupés, o povo Tariána veio a adotar a língua Tukáno, de seus novos vizinhos. Também se dividem em grupos com nomes específicos em Tariána e em Língua Geral do Amazonas. O grupo Iyemi ou Yuruparí-tapúa (não confundir com o outro grupo Yuruparí-tapúa mencionado acima, que é Baníwa do Içana e se chama em sua língua Mapátse-dákenei) é aparentemente o único que ainda mantém a língua Tariána.

O Baré é uma língua um pouco mais diferente das anteriores. Sua área é o próprio rio Negro, inclusive sua parte venezuelana. É duvidoso se ainda há falantes da língua Baré no Brasil; pelo menos a maioria dos Baré agora fala o Português. Também os remanescentes de dois outros povos de filiação Aruák se encontram no alto rio Negro, os quais agora aparentemente só usam o Português. São os Mandawáka e os Yabaána, oriundos dos altos cursos dos rios Cauabori e Padauiri, situados mais a leste.

No rio Branco, ao norte de Boa Vista, no Território Federal de Roraima, habitam os Wapixána. Sua língua também pertence à família Aruák, assim como a dos representantes mais orientais desta família, os Palikúr, que vivem na bacia do rio Oiapoque, no Território Federal do Amapá.

Ao sul do rio Amazonas há quatro áreas de línguas da família Aruák no Brasil. Uma está no sudoeste do Estado do Acre, e compreende as línguas Apurinã (ou Ipurinã), ao longo do rio Purus; Píro, falada pelos Manitenéri e pelos Maxinéri, no rio Iaco, afluente do alto Purus; e Kámpa, no alto rio Juruá.

Outra área ao sul do Amazonas fica no oeste do Estado de Mato Grosso, na região dos formadores do rio Juruena (afluente do Tapajós), onde se falam as línguas Paresí (ou Halítí) e Salumã. A terceira área é o alto Xingu, onde ainda são faladas três línguas da família Aruák: o Mehináku, o Waurá e o Yawalapítí. Estas três línguas têm caracteris-

ticas em comum, mas o Yawalapítí diverge um pouco mais das outras duas, que estas entre si.

A última área é a da língua mais meridional da família Aruák, o Teréna (Teréno), que é falado na região dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do rio Paraguai, no Estado de Mato Grosso do Sul. Um grupo de índios Teréna foi transferido na década de 30 para o Estado de São Paulo, para a área dos índios Nhandéva (Guaraní), perto de Bauru, no atual município de Avaí. Em consequência, já faz meio século que a língua Teréna é falada também aí.

O quadro abaixo inclui palavras que indicam a unidade da família Aruák, como amostras de algumas das línguas brasileiras dessa família:

	<i>língua</i>	<i>água</i>	<i>sol</i>	<i>mão</i>	<i>pedra</i>	<i>anta</i>
Karútana	inene	uni	kamui	kapi	hipa	hema
Warekéna	inene	one	kamoī	kapi	ipa	ema
Tariána	enene	uni	kamoī	kapi	hipada	hema
Baré	nene	uni	kamuhu	kabi	tiba	tema
Mandawáka	nene	uni	gamoui	kahi	iha	ema
Palikúr	nene	une	kamoī	(iwakti)	tipa	(aludpikli)
Wapixána	nenuba	wene	kamoo	kae	keba	(kudoi)
Apurinã	nene	weni	(atukatxi)	(piu)	(kai)	kema
Píro	nu	honu	(tkatxi)	(mio)	(sotlu)	hema
Paresí	nini	one	kamai	kahe	sehalí	(kotioi)
Waurá	nei	une	kamy	kapi	typa	teme
Yawalapítí	niati	u	kame	kapi	teba	tsema
Teréna	nene	une	(kaxe)	(vo'u)	...	kamo

Nesse quadro há quatro palavras cujo significado diverge ligeiramente do que nele é indicado, mas que têm a mesma origem que as demais palavras da respectiva série: Wapixána *kyba* significa "pedra de amolar", Apurinã *weni* significa "rio", Yawalapítí *kapi* quer dizer "unha" e Teréna *kamo* significa "cabalo". Nesta última língua, a anta é hoje designada por *maiane kamo* "(bicho) semelhante ao cavalo". Originalmente, o nome *kamo* significava "anta"; com o aparecimento do cavalo, introduzido pelos europeus,

foi aplicado também a esse animal, comparado àquela certamente devido ao volume de seu corpo; com o tempo, o cavalo tornou-se, para os Teréna cada vez mais ligados à vida das fazendas e das cidades, mais familiar que a anta e esta é que passou a ter uma designação secundária, comparativa.

A semelhança entre as palavras das diversas línguas em cada série no quadro acima é tão grande que dispensa qualquer comentário. Há, entretanto, casos em que a palavra original foi substituída por outra, sem relações com o restante da série. Pusemos essas palavras substitutas entre parênteses. Note-se que, às vezes, há correspondência entre as substitutas em mais de uma língua, revelando tradições mais particulares na designação de certos conceitos. Veja-se, por exemplo, o caso de "sol" em Apurinã e em Píro e provavelmente, também em Teréna; o de "mãe" em Apurinã e em Píro; e o de "anta" em Wapixána e em Paresí. Por outra parte, a pequena amostra de palavras da família Aruák que examinamos ilustra a regularidade dominante na derivação das línguas de uma família a partir de uma língua pré-histórica ou proto-língua, neste caso o Proto-Aruák: observando as séries para "pedra" e "anta", veja-se como ao *h* inicial do Karútana e do Tariána correspondem sistematicamente *t* em Baré e em Waurá e zero, isto é, ausência de consoante em Warekéna e em Mandawáka. Que o *k* do Wapixána (*kyba* "pedra") e do Apurinã (*kema* "anta") também corresponde regularmente aos sons iniciais dessas séries nas outras línguas, é mostrado por outras palavras que poderiam ter sido acrescentadas ao quadro, como, por exemplo, "rato": Karútana e Tariána *hiri* (com *h*), Mandawáka *iri* (com zero), Wapixána *kari* e Apurinã *keri* (ambos com *k*).<sup>3</sup>

### 3. Trabalhos mais acessíveis sobre línguas Aruák do Brasil são:

*Apurinã*: W. Pickering, *Apurinã grammar*, SIL-AL 8, 1971. Veja também, na Bibliografia, Pickering 1977a, 1977b e 1978.

*Paresí*: Orland e Phyllis Rowan, *Dicionário Parecis-Português e Português-Parecis*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978; Orland Rowan e Eunice Burgess, *Gramática Parecis*, SIL-AL 146, 1979. Veja também, na Bibliografia, Melo, 1942 e 1943; Rondon e Faria, 1948b; Rowan e Rowan, 1977.

*Teréna*: E. Muriel Ekdahl e Nancy E. Butler, *Aprenda Teréna*, vol. 1, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1979; idem, vol. 2 (xerox), Brasília, 1979 (curso prático, com lições e exercícios graduados, muito rico em informações lingüísticas); J. Bendor-Samuel, *Outline of the grammatical and phonological structure of Teréna*,

A família Arawá<sup>4</sup> é representada hoje pelas línguas Kulina, no alto Purus e no alto Juruá e também no baixo Juruá, no Jutaí, no Itacoai e, possivelmente, também no Curuçá, nos Estados do Amazonas e do Acre (também no Peru); Dení, no alto Cunhuá, afluente do Purus, e no Xiruá, afluente do Juruá, no Estado do Amazonas; Paumari (e Kamanantí) nos afluentes do Purus, Tapauá, Cunhuá, Pinhuá, Jacaré e Ituxi, no Estado do Amazonas; Yamamadí, Banavá-Jafí e Jarawára em afluentes do Purus acima e abaixo da cidade de Lábrea. Essas línguas da família Arawá são muito semelhantes entre si, sendo o Paumari um pouco mais diferenciado, como se pode ver no quadro abaixo:

	peixe	anta	água	sol	mão	fogo
Dení	aba	avi	pasu	mahi	zepe	zipu
Kulina	aba	awi	pasu	mahi	zepe	zipu
Yamamadí	aba	awi	paha	mahi	dopo	dzipu
Paumari	apa-	dama	paha	safini	çeei	sihu

SIL-AL 90-91, 1961; E. M. Ekdahl, *Teréna dictionary*, SIL-AL 95, 1969. Veja também, na Bibliografia, Butler, 1977 e 1978.

*Outras línguas*: veja na Bibliografia Giaccone, 1962 (Tariána); Dooley e Green, 1977 e Green e Green, 1972 (Palikúr); Jackson, 1977 e Richards, 1973 e 1977 (Waurá).

### 4. Trabalhos mais acessíveis sobre línguas brasileiras da família Arawá:

*Dení*: Gordon e Lois Koop, *Dicionário Dení-Português*, SIL-AL 145, 1985 (dicionário Dení-Português e Português-Dení, com mais de 2.000 verbetes, precedido de boa introdução gramatical); Paul Moran e Dorothy Moran, "Notas sobre morfologia verbar Dení" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 29-72.

*Yamamadí*: Robert Campbell, "Marcadores de fontes de informação na língua Yamamadí", *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 117-126.

*Kulina*: Abel O. Silva (Kanaú) e Ruth M. F. Monserrat, *Dicionário Kulina-Português e Português-Kulina*, 1984, (dicionário com pouco mais de 1.500 verbetes e, na parte Kulina-Português, cerca de 500 nomes de pessoas).

*Paumari*: Shirley Chapman, *Gramática pedagógica Paumari*, SIL-AL 152, 1983; idem, "Significado e função de margens verbais na língua Paumari" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 199-230; idem, "Dois conetivos contrastantes da língua Paumari" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 111-115.

No Quadro 6 estão relacionadas as línguas das famílias Aruák e Arawá atualmente faladas no Brasil.

Quadro 6: Línguas das famílias Aruák e Arawá no Brasil

Línguas	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
<b>Família Aruák</b>			
Apurinã (Ipurinã)	120	AC, AM	3.000
Baníwa do Içana	94, 95, 96	AM	4.672
Baré	113	AM	(?) ?
Kámpa	140	AC	235
Mandawáka	92a	AM	(24) ?
Mehináku	203	MT	95
Palikúr	77	AP	561
Paresí (Halití)	197	MT	631
Píro			
Manitenéri	144	AC	530
Maxinéri	145	AC	345
Salumã (Enawenê-nawê)	195	MT	154
Tariána (Taliásperi)	102	AM	(1.586) ?
Yurupari-tapuya (Iyemi)	—	AM	?
Teréna (Teréno)	8	MS, SP	9.848
Wapixána	82	RR	5.122
Warekéna (Werekéna)	93	AM	338
Waurá	204	MT	130
Yabaána	92b	AM	(?) ?
Yawalapítí	205	MT	135
<b>Família Arawá</b>			
Banavá-Jafí	153	AM	80
Dení	146	AM	560
Jarawára	164	AM	120
Kanamantí	149	AM	130
Kulína	127	AC, AM	2.437
Paumarí	150	AM	280
Yamamadí (Jamamadí)	151	AM	450

## FAMÍLIAS LINGÜÍSTICAS MENORES AO SUL DO AMAZONAS

Muitas línguas indígenas faladas no Brasil constituem famílias lingüísticas que, segundo o atual estado do conhecimento que delas temos, não se incluem em nenhum dos grandes agrupamentos genéticos a que nos referimos anteriormente — Tupí, Macro-Jê, Karib e Aruák. Trata-se de famílias com distribuição geográfica mais restrita, compreendendo, em regra, menor número de línguas. Em sua maioria situam-se na Amazônia, distribuindo-se ao longo de uma espécie de arco que coincide em sua extensão com as mais recuadas fronteiras do Brasil, desde o Pantanal matogrossense, ao sul, até a fronteira com a Venezuela, ao norte.

Ao sul temos a família lingüística Guaikurú, representada em território brasileiro pela língua Kadiwéu, na Serra de Bodoquena, em Mato Grosso do Sul.<sup>1</sup> As línguas da família Guaikurú são faladas por povos tipicamente chaqueiros, habitantes do Chaco paraguaio e argentino. O Kadiwéu é o membro mais oriental dessa família, único a leste do rio Paraguai. Ele é muito semelhante ao Mbayá, documentado no século XVIII pelo padre Sánchez Labrador,

1. Sobre a língua Kadiwéu veja-se Glyn e Cynthia Griffiths, *Aspectos da língua Kadiwéu*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 6), Brasília, 1976 (conjunto de estudos sobre vários aspectos da gramática e da fonologia, seguidos do formulário padrão do Museu Nacional preenchido para o Kadiwéu); Silvia Lúcia Bignonjal Braggio, *Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1981; Glyn Griffiths, "Numerals and demonstratives in Kadiwéu" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 1, 1975, pp. 63-77.

no Paraguai, mas difere bastante de outras línguas atribuídas à família Guaikurú, como, por exemplo, o Toba da Argentina.

Veja-se, por exemplo, a seguinte pequena amostra de palavras do Kadiwéu comparadas com suas correspondentes do Toba:

	<i>Kadiwéu</i>	<i>Toba</i>
cabeça	dakilo	qaik
cabelo	daamodi	hawe
orelha	napaaGate	tela
nariz	diimiqo	mik
mão	baaGadi	waq
pé	Gonagi	pi'a'
sangue	lawodi	tagoq
raiz	litodi	pa'a
pai	lataada	ta'a
mãe	ledeede	te'e
sol	aligeGe	la'
pedra	wetiGa	koma'
casa	diimigi	ma'

Como se vê, é muito difícil reconhecer qualquer semelhança entre as palavras dessas duas línguas. Apenas os pares de palavras para "pai" e "mãe" mostram uma correlação sonora mais sugestiva de uma correspondência regular. Além disso, as palavras para "nariz" e "mão" poderiam conter elementos de origem comum. Evidentemente, o parentesco entre o Kadiwéu e outras línguas atribuídas à família Guaikurú, como o Toba, parece ser muito mais remoto que aquele que resulta da comparação de línguas de famílias lingüísticas como a Tupí-Guaraní, a Jê, a Karib ou a Aruák.

Bem mais ao norte da língua Kadiwéu temos a família lingüística Nambikwára, a qual se situa exclusivamente em território brasileiro, estendendo-se do noroeste de Mato Grosso ao sueste de Rondônia.<sup>2</sup> Ela compreende três línguas:

2. Sobre a família Nambikwára: veja-se P. David Price, "The Nambiquara linguistic family" in *Anthropological Linguistics*, janeiro de 1978, pp. 14-37; idem, "Southern Nambiquara phonology" in

guas: o Sabanê, o Nambikwára do Norte e o Nambikwára do Sul.<sup>3</sup> Tanto o Nambikwára do Norte quanto o Nambikwára do Sul são mais propriamente complexos dialetais. O primeiro compreende quatro dialetos: Tawandê (também conhecido como Tagnaní), Lakondê, Mamaindê e Nagarotú. O segundo abrange uma maior variedade, reunida em quatro grupos: Mundúka, Nambikwára do Campo, Nambikwára do Guaporé e Nambikwára do Sararé, também chamado Kabixí. No quadro abaixo tem-se uma pequena amostra das três línguas da família Nambikwára (o Nambikwára do Norte está representado pelo dialeto Mamaindê, o Nambikwára do Sul pelo dialeto Kithäulú):

	<i>Sabanê</i>	<i>N. do Norte</i>	<i>N. do Sul</i>
dente	wi <sup>3</sup>	wi: <sup>3</sup>	w'i <sup>3</sup>
língua	pai:l <sup>4</sup>	hen' <sup>3</sup>	hel' <sup>3</sup>
ovo	no	nā: <sup>3</sup>	nau <sup>3</sup>
terra	nu	nū:	nu <sup>3</sup>
criança	mais <sup>3</sup>	wet <sup>3</sup>	wet <sup>3</sup>
lombriga	y'o: <sup>3</sup> y'o <sup>3</sup>	ya <sup>3</sup> yut' <sup>3</sup>	yū <sup>3</sup> yūn <sup>3</sup>
fumo	hais <sup>3</sup>	'et <sup>3</sup>	'et <sup>3</sup>
você	w'al <sup>4</sup>	wai: <sup>2</sup> an <sup>3</sup>	w'āin <sup>2</sup>
teu	ma <sup>4</sup>	wa <sup>4</sup>	w'ā <sup>2</sup>
arco	po:k <sup>3</sup>	huk' <sup>3</sup>	hukk' <sup>3</sup>
branco	pa:n <sup>3</sup>	hān <sup>3</sup>	hān <sup>3</sup>
beber	na: <sup>4</sup>	na: <sup>2</sup>	na: <sup>2</sup>
vir	ma: <sup>3</sup>	wa: <sup>2</sup>	w'ān <sup>2</sup>
cantar	pái:n <sup>3</sup>	hain <sup>3</sup>	hain <sup>3</sup>

*International Journal of American Linguistics*, vol. 42, 1976, pp. 338-348.

3. Trabalhos mais acessíveis sobre línguas da família Nambikwára:

*Nambikwára do Sul*: Barbara Kroeker, *Aspectos da língua Nambikwára*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1980 (curso prático, com exercícios graduados). Veja também, na Bibliografia, I. Lowe, 1975; M. H. Kroeker, 1976, 1977.

*Nambikwára do Norte*: Peter Kingston, "Sufixos referenciais e o elemento nominal na língua Mamaindé" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 31-82; idem, 11 textos em Mamaindé, SIL-AL 68, 1977; idem, *Repetition in Mamaindé discourse*, SIL-AL 67, 1973.

Nesse quadro os expoentes numéricos marcam os tons, já que essas línguas são tonais, tendo cada sílaba um tom específico: 1 = tom descendente (não aparece acima), 2 = tom ascendente, 3 = tom alto, 4 = tom baixo. O apóstrofo representa oclusão glotal, os dois pontos indicam alongamento da vogal precedente. Deixa-se de assinalar a laringalização das vogais. Observando-se o quadro, vê-se que o Sabanê é o mais divergente, mas a divergência se dá com a regularidade característica de línguas de uma mesma família: à consoante *p* do Sabanê corresponde *h* sistematicamente no Nambikwára do Norte e no Nambikwára do Sul (vide "língua", "arco", "branco", "cantar") e à consoante *m* do primeiro corresponde *w* no Nambikwára do Norte e no Nambikwára do Sul (vide "criança", "teu", "vir"); e outras correspondências sistemáticas que se podem perceber facilmente.

No vale do Guaporé e nos afluentes da margem direita do rio Madeira, no oeste de Rondônia e no sul do Amazonas, estendia-se até há não muito tempo uma das famílias lingüísticas menos conhecidas, a família Txapakúra. A ela se filiam as línguas dos Pakaanóva e dos Urupá em Rondônia e a dos Torá no Amazonas (também a dos Moré na Bolívia). Já nos séculos passados os Torá eram os representantes mais setentrionais da família. Ainda não existe nenhum estudo científico das línguas da família Txapakúra, embora haja missionários (Missão Novas Tribos) que conhecem e têm analisado a língua dos Pakaanóva. Abaixo damos, como amostra vocabular, uma lista de palavras das línguas Torá e Urupá:<sup>4</sup>

	Torá	Urupá
dente	iat	ieti
língua	kapiak	kapiaka
olho	tok	tyke
mão	um	tipra
sol	apyto	kumen
terra	timak	manakã

4. Os dados sobre as línguas Torá e Urupá são de Curt Nimuendajú, "As tribos do alto Madeira" in *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, tomo XVII, 1925, pp. 137-172. Veja também Curt Nimuendajú e E. H. do Valle Bentes, "Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazone", na mesma revista, tomo XV, 1923, pp. 215-222.

água	kom	kom
pai	ité	été
mãe	inia	ive
você	wâm	vim
anta	imin	imin
fumo	iuwâ	kahâb
arco	pari	mapip
canoa	anawa	arawa

A família lingüística Pano é bem maior que as precedentes e se encontra representada também na Bolívia e no Peru.<sup>5</sup> No Brasil, sua sede principal coincide com o sul e o oeste do Estado do Acre, de onde se estende para leste até a parte ocidental de Rondônia e, por outro lado, penetra para o norte no Estado do Amazonas, entre os rios Juruá e Javari. Inclui línguas como o Karipúna de Rondônia, o Kaxarari, o Yamináwa, o Kaxináwa, o Amawáka, o Katukína do Acre, o Poyanáwa, o Nukuini, o Marúbo, o Mayorúna, o Matís (Matsés). Um dos melhores trabalhos já feitos por pesquisador brasileiro sobre línguas indígenas incide sobre uma língua da família Pano, o Kaxináwa (Caxinauá), e se deve a João Capistrano de Abreu, o renomado historiador. Embora esse trabalho, publicado em 1914 (*Rā-txa hu-ni-ku-i: a língua dos caxinauás do rio Ibuaçú, afluente do Murú (prefeitura de Tarauacá)*, Rio de Janeiro), tenha podido constituir-se num excelente modelo e estímulo para a documentação e descrição de línguas sul-americanas, ele infelizmente caiu num vazio cultural, onde passou a figurar como mera curiosidade exótica na bibliografia de um historiador inteligente.<sup>6</sup> Hoje continua sendo a única contribuição científica sobre as línguas da família Pano no Brasil. O conhecimento dessa família se desenvolveu consideravelmente nos últimos trinta anos, mas exclusivamente no Peru e na Bolívia. Apesar do honroso pioneirismo esclarecido de Capistrano de Abreu, o Acre, onde se fala a maioria das línguas da família Pano, continua sendo a região brasileira menos pesquisada por lingüistas e antropólogos.

5. Sobre a família Pano: Olive Shell, *Pano reconstruction*, tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1965; tradução para o espanhol: *Las lenguas pano y su reconstrucción*, Instituto Lingüístico de Verano (Série Lingüística Peruana 12), Yarinacocha, 1975.

6. Do livro de Capistrano de Abreu foi publicada uma segunda edição pela Sociedade Capistrano de Abreu e Livraria Briguiet, Rio de Janeiro, 1941.

Uma amostra do vocabulário da família Pano é dada abaixo com uma lista de palavras do Kaxináwa, a qual inclui os mesmos conceitos presentes nas listas das famílias Guaikurú, Nambikwára e Txapakúra acima:

dente	xyta	água	hyNy
língua	hana	pedra	maxax
cabeça	buxka	pai	ypa
cabelo	bu	mãe	ywa
olho	byru	criança	baky
orelha	pabiki	você	mĩ
nariz	dykí	anta	awa
mão	myky	fumo	dumy
pé	tay	arco	kanú
sangue	himi	canoa	xaxu
ovo	batxi	branco	huxupa
sol	bari	beber	ak-
lua	uxy	vir	hu-
terra	mai	cantar	mawa-

A família Múra situa-se um pouco mais no interior do território brasileiro do que as demais aqui mencionadas. Ainda que os índios Múra tenham experimentado uma grande expansão geográfica no século XVIII, sua sede principal parece ter sido a margem direita do rio Madeira, entre o Manicoré e o Maici, onde hoje se encontram seus remanescentes, os Múra e os Pirahã. Só a língua Pirahã tem sido objeto de estudos científicos e estes têm progredido consideravelmente nos últimos anos. Como as línguas da família Nambikwára, as da família Múra também são tonais. Na lista de palavras abaixo, o tom alto da língua Pirahã é indicado pelo acento agudo e o tom baixo pela ausência de acento. Para as palavras da língua Múra, registradas há cerca de sessenta anos por Curt Nimuendajú, não temos esse tipo de informação.<sup>7</sup>

7. Os dados de Nimuendajú sobre a língua Múra foram publicados no mesmo artigo sobre as tribos do alto Madeira, citado acima, na nota 4. Sobre o Pirahã, veja-se Daniel L. Everett, *Aspectos da fonologia do Pirahã*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1979; idem, *A língua Pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectivas e teoria*, tese de doutorado, UNICAMP, 1983; L. Sheldon, *Pirahã pedagogical grammar*, SIL-AL 75, 1976; S. Sheldon, *Pirahã texts*, SIL-AL 73, 74,

	<i>Pirahã</i>	<i>Múra</i>
cabeça	'apapai	apai
língua	'iipópai	ipue
olho	kosí	kuse
orelha	'aoóí	apoe
nariz	'itaoí	tawi
mão	'oái	uwe
pé	'aaí	aai
sangue	biipai	be
ovo	sitoí	sitoe
sol	hisí	hueße
lua	kaháí'áii	kaha íai
água	pii	pe
pedra	'a'ái	ati
anta	kabatií	kabatxi
fumo	tí'i	txihí
canoa	'agaoa	arawa

A palavra para “canoas” é comum às famílias Múra e Txapakúra (em Pirahã 'agaoa tem a pronúncia 'aLaoa, em que L representa um som até agora só encontrado nessa língua, mas que é um “flap” — como o r do português *caro* —, porém lateral como o l do português *calo* e com a ponta da língua projetada para fora da boca sobre o lábio inferior). Como nome de um bem cultural, essa palavra constitui certamente um caso de difusão de uma língua a outra e não um indício de parentesco entre as duas famílias linguísticas.

A família Katukína, situada entre a família Múra e a família Pano, é tão desconhecida quanto a família Txapakúra. Suas línguas são (ou foram) faladas no sudoeste do Amazonas, nos altos cursos dos rios Juruá, Jutaí e Javari. Presentemente falam línguas desta família pelo menos os Katukína do rio Biá (afluente do Jutaí), os Txunhuá-djapá entre o Jutaí e o Jandiatuba e os Kanamarí do Juruá, do Xeruá, do Tarauacá, do Itacoá e do Jutaí.

76, 1976; S. e L. Sheldon, 4 textos Pirahã, SIL AL 77, 1976. Veja também, na Bibliografia, Everett, 1981; Heinrichs 1964 e 1967.

A lista seguinte é da língua Katukína como era falada no rio Juruá há mais de 150 anos:<sup>8</sup>

cabeça	ki	pé	ahman
cabelo	kitai	sangue	mimi
orelha	maseta	ovo	po
olho	iko	sol	txa
nariz	opakpo	lua	walia
boca	nunaki	terra	houng
língua	noko	pedra	kaliru
dente	i	água	watahi
braço	pang	fogo	ihta
mão	paki	anta	mu

O Quadro 7 apresenta as línguas atualmente faladas no Brasil pertencentes às famílias lingüísticas menores situadas ao sul do rio Amazonas.<sup>9</sup>

Quadro 7: Línguas brasileiras das famílias menores ao sul do rio Amazonas

Línguas	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
<b>Família Guaikurú</b>			
Kadiwéu	6	MS	850
<b>Família Nambikwára</b>			
Nambikwára do Norte (inclui: Tawandê ou Tagnani, Lakondê, Latundê, Mamaïndê e Nagarotú)	182, 184	RO, MT	180
Nambikwára do Sul (inclui: Mundúka, Galera, Ka- bixí, Nambikwára do Campo)	184	MT	550
Sabanê	181	RO	20
<b>Família Txapakúra</b>			
Pakaanóva (Orowari)	175	RO	1.147
Torá	160	AM	256
Urupá	192	RO	150
<b>Família Páno</b>			
Amawáka	138	AM	220
Karipúna	168	RO	?
Katukína do Acre (Wanináwa)	130a	AC	353
Kaxararí	147	RO	110
Kaxináwa (Kaxinawá)	142	AC, AM	1.987
Marúbo	134	AM	499
Matís (Matsés)	135	AM	141
Mayá (?)	129	AM	135
Mayorúna	125	AM	609
Nukuíni	136	AM	238
Poyanáwa	137	AC	227
Yamináwa	139	AC	357
Yawanáwa	141	AC	196
<b>Família Múra</b>			
Múra	67	AM	(1.340) ?
Pirahã	162	AM	200
<b>Família Katukína</b>			
Kanamarí	119	AM	647
Txunhuã-djapá	133	AM	37
Katukína do Biá/Jutai	130b	AM	253
Katawixí (?)	155	AM	10

8. A lista de palavras da língua Katukína foi extraída do vocabulário colhido por Johann Baptist von Spix, por volta de 1820, "num afluente sem nome (com águas pretas)" do rio Juruá e publicado por Martius, 1867 (pp. 161-163). Sobre a língua Kanamarí da família Katukína, veja-se Christa Groth, 1985.

9. Os dados do Toba argentino no quadro da p. 74 são de Harriet E. Manelis Klein, *Una gramática de la lengua Toba: morfología verbal y nominal*, Universidad de la República, Montevidéu, 1978.

## 8

**AS FAMÍLIAS TUKÁNO, MAKÚ E YANOMÁMI**

Ao norte do rio Amazonas encontram-se três famílias lingüísticas menores não relacionadas com nenhum dos troncos, nem com as famílias referidas anteriormente. São as famílias Tukáno, Makú e Yanomámi. Vamos aqui tratar brevemente de cada uma delas.

A família Tukáno divide-se basicamente em dois ramos, o Tukáno Ocidental e o Tukáno Oriental. O primeiro tem representantes no Peru, no Equador e na Colômbia, mas não no Brasil. O ramo oriental estende-se da Colômbia até o Brasil, no noroeste da Bacia Amazônica, sobretudo ao longo do rio Uaupés (na Colômbia: Vaupés), que é um dos grandes formadores do rio Negro. No Brasil são faladas, no Uaupés e em seus afluentes Tiquié e Papuri, pelo menos doze línguas da família Tukáno;<sup>1</sup> grande parte destas é falada também na Colômbia, onde há ainda outras. O ramo oriental da família, a que pertencem essas línguas, é muito homogêneo, com relativamente pouca diferenciação de língua a língua. Das línguas faladas no Brasil e mais conhecidas presentemente, só o Kubéwa (ou Kubewána) se distingue mais fortemente das demais, como se pode ver no quadro abaixo. A primeira língua incluída nesse quadro é a língua Tukáno, que hoje dá o nome à família (antes chamada Betóya). O Tukáno tem uma posição social privilegiada entre as demais línguas orientais da família, visto que, além de ser o idioma

1. Sobre as línguas da família Tukáno no Brasil, veja-se Curt Nimuendajú, *Textos indigenistas*, Edições Loyola, São Paulo, 1982, pp. 176-178; Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, *A civilização indígena do Uaupés*, São Paulo, s. e., 1962, pp. 79ss.

específico do povo Tukáno (rios Uaupés, Tiquié e Papuri), converteu-se em língua geral ou língua franca da área do Uaupés, servindo de veículo de comunicação entre falantes de idiomas diferentes. Também suplantou algumas outras línguas, completamente como no caso do Arapásu, ou quase completamente como no caso do Tariána.

	Tukáno	Barasána	Yebamasã	Wanána	Desána	Kubéwa
capim	ta	ta	ta	ta	tana	kōria
peixe	wai	wai	wai	wai	wai	moā
cobra	pirō	pinō	hinō	pinōno	pirō	aīky
rabo	pikōno	pikō	hikō	pitxono	pingono	pikomo
cabelo	poari	hoa	hoari	poari	poari	pora
olho	kahpea	kahea	kahea	parieke	kuiru	diakory
barriga	paa	paga	hera	para	poaru	iapipy
osso	o'āri	oāri	ngoā	koā	ngo'ā	koāro
flor	ori	ori	ngo	ko'oro	ngori	kowya
fogo	pehkame	pehkame	heame	pitxaka	peame	toabo
água	ahko	ohko	ide	ko	dehko	oko
pele	kahsero	kahero	wiro	kasero	ga'siro	kahe
homem	ymā	ymā	ymā	muinō	ymā	ymā
mulher	numiō	numiō	numiō	numinō	nomeō	numiō
pai	pahky	ka'ky	haky	pahkyra	pagy	paky
mãe	pahko	ka'ko	hako	pahkoro	pago	pako

O Barasána (ou Bará) e o Yebamasã (ou Yepamahsã) são falados no alto Tuquié; o Wanána fala-se no médio Uaupés; o Desána no Tiquié, no Papuri e no baixo Uaupés; e o Kubéwa no médio Uaupés. Os territórios das diversas línguas, na área do Uaupés, são um tanto interpolados e, portanto nem sempre são contínuos. Além disso, dadas as especiais características socioculturais dominantes na área, em que se pratica estrita exogamia — casamento só com mulher de fora de seu próprio povo — e a descendência pela linha do pai, em cada maloca os homens usam a língua local, que é herdada de seus pais, mas as mulheres casadas falam outras línguas, de acordo com as malocas onde nasceram, isto é, cada mulher tem sua própria língua paterna, diferente da língua de seu marido.

Como a cultura de todos os Tukáno orientais é praticamente a mesma, as línguas são entre eles os elementos mais imediatamente verificáveis de identificação "nacional", extremamente importantes para a observação das regras de respeito às línguas, que incluem o purismo quanto à línguagem. A isso corresponde um conjunto de atitudes com gua paterna, que deve ser falada perfeitamente, sem mistura com palavras ou construções de outras línguas, mesmo pelas mães, que não devem dar mau exemplo a seus filhos na aprendizagem da língua paterna; e o perfeccionismo no uso de outras línguas, não só pelas mulheres, mas também pelos homens, que em geral falam de três a cinco línguas, ou mesmo mais, havendo poliglotas que dominam oito a dez idiomas.<sup>2</sup>

Os Tukáno orientais são, assim, tipicamente multilíngües, seja quanto povos, seja quanto indivíduos. A esse respeito o Uaupés é uma área praticamente única no mundo. Os povos Tukáno orientais demonstram, provavelmente melhor do que quaisquer outros, como o ser humano tem capacidade para aprender em diferentes idades e dominar com perfeição numerosas línguas, independentemente do grau de diferença entre elas, e mantê-las conscientemente bem distintas, apenas com uma boa motivação social para fazê-lo. Embora haja no mundo muitas regiões onde se desenvolve o poliglotismo, é difícil encontrar outra onde todos os membros da sociedade sejam no mínimo trilíngües, como é o caso entre os povos da bacia do Uaupés.

O multilingüismo dos índios do Uaupés não inclui somente línguas da família Tukáno. Envolve também em muitos casos idiomas das famílias Aruák e Makú, assim como a Língua Geral Amazônica ou Nheengatú (família Tupí-Guaraní), o Português e o Espanhol. Trata-se de uma situação de importância extraordinária não só para a ciência linguística, mas também para a antropologia, para a psicologia e

2. As informações sobre a situação multilingüe dos povos do Uaupés devem-se sobretudo a Arthur Sorensen, "Multilingualism in the northwest Amazon", publicado originalmente em *American Anthropologist*, vol. 69, 1967, pp. 670-684, e a Jean Jackson, "Language identity of the Columbian Vaupés Indians", em *Explorations in the ethnography of speaking* (org. por Richard Bauman e Joel Scherzer), Cambridge University Press, Londres-Nova Iorque, 1974, pp. 50-64. Embora estes dois estudos tenham sido feitos no lado colombiano da área, suas observações devem ser válidas também para a parte brasileira.

para a educação, e que contrasta flagrantemente com a situação da sociedade brasileira, na qual se desenvolve um equivocado, antinatural e disfuncional culto do monolingüismo, que embota, por inibição psicológica, a maravilhosa capacidade do cérebro humano de operar com diversas línguas. Presentemente, no Uaupés brasileiro, dá-se um conflito formidável entre a acanhada concepção monolingüista dos missionários e outros agentes de nossa sociedade e a tradicional e rica experiência multilingüe dos povos indígenas daquela área. A escola missionária, baseada na segregação social das crianças, tem atuado não só no sentido de desarticular a cultura e a organização social indígena, mas também na implantação do monolingüismo português que, pelas implicações sociais e psicológicas que tem, representa um considerável retrocesso cultural para os povos da área.

O conhecimento das línguas da família Tukáno no Brasil é ainda muito limitado.<sup>3</sup> Na verdade, os estudos científicos da área lingüística do Uaupés de que dispomos, tanto os de natureza descritiva como os de cunho sociolinguístico ou de etnografia da fala, têm sido feitos só na parte colombiana da área. Do lado brasileiro, fora as contribuições de antropólogos-lingüistas clássicos como Theodor Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú (ou, mais modestas, de Ermano Stradelli), feitas no primeiro quartel deste século, só podemos destacar os trabalhos de dois padres salesianos, um missionário, o outro não. O missionário Antonio Giacone

3. Das línguas da família Tukáno faladas no Brasil só o Wanáno (Wanána, Kótiria) e o Tukáno (Tukána, Dahseyé) têm sido estudadas: Antônio Giacone, *Pequena gramática e dicionário da língua Kótiria ou Uanano*, Belém, s. d.; Antônio Giacone, *Gramática, dicionários e fraseologia da língua Dahceié ou Tucano*, Belém, 1965; Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, *Observações gramaticais da língua Dahseyé ou Tukano*, Centro de Pesquisas de Iauareté, s. l., 1966. Das outras línguas dessa família faladas no Brasil só temos coleções de vocabulários: Ermano Stradelli, "Pequenos vocabulários, grupo de línguas Tocanas", publicados no volume VI da 3.ª Reunião do Congresso Scientifico Latino-americano, Rio de Janeiro, 1910, pp. 253-317; Theodor Koch-Grünberg, "Die Betóya-Sprachen Nordwestbrasiliens und der angrenzenden Gebiete" in *Anthropos*, volumes VII a X-XI, Viena, 1912 a 1916; Curt Nimuendajú, "Reconhecimento dos rios Içana, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927: apontamentos lingüísticos, 2.ª parte", publicado no *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, tomo XLIV, 1955, pp. 149-177; Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, *Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi*, Centro de Pesquisas de Iauareté, São Paulo, 1961 (com 12 lps).

esforçou-se por organizar e transmitir o conhecimento que adquiriu, sobretudo da língua Tukáno, mas também do Wanána. Alcionílio Brüzzi Alves da Silva também concentrou seus esforços na língua Tukáno, mas produziu ainda uma ampla documentação, ainda que superficial, da quase totalidade das línguas da área; particularmente valiosa foi a publicação das gravações que ele fez ("Discoteca Folclórica do Uaupés"). Apesar da seriedade dessas contribuições, umas e outras se ressentem grandemente da falta de conhecimentos científicos lingüísticos e antropológicos.

Entre os rios Uaupés, Negro e Japurá situa-se a família lingüística Makú.<sup>4</sup> As línguas desta família, cujo número ainda não é bem conhecido, distribuem-se, de norte a sul, desde os rios Uaupés, Papuri e Tiquié, afluentes do Negro, até os afluentes da margem esquerda do Japurá; de leste a oeste, desde o rio Uneiuxi, afluente do Negro, até a fronteira com a Colômbia, na qual penetram.

Pelo menos seis grupos de índios Makú têm sido reconhecidos ultimamente em território brasileiro: Makú Bará, Makú Húpda, Makú Yahúp (Yahop), Makú Nadéb (Nadob), Makú Kamá e Makú Guariba. Os Makú Bará localizam-se ao norte do rio Uaupés, entre este e o Içana, no extremo noroeste do Amazonas. Os Húpda encontram-se entre os rios Papuri e Tiquié. Os Yahúp ocupam uma área que se estende ao sul do Tiquié, desde sua foz no Uaupés até a fronteira com a Colômbia. Os Nadéb (Nadob) vivem sobretudo ao longo do rio Uneiuxi, enquanto que os Guariba se acham no interior da margem esquerda do Japurá e os Kamá viveriam no alto rio Maiuari, afluente do Japurá.

Nos últimos anos têm sido estudadas com mais profundidade as línguas de três grupos de índios Makú: a dos Yahúp, a dos Húpda e a dos Nadéb. As duas primeiras são

4. Sobre as línguas brasileiras da família Makú podem consultarse os seguintes trabalhos: E. M. Helen Weir, *A negação e outros tópicos da gramática Nadéb*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1984; idem, "Desenvolvimento diacrônico de certos prefixos verbais na língua Nadéb" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* V, 1981, São Paulo, pp. 128-141; Barbara Moore e Gail Franklin, *Breves notícias la língua Makú-Húpda*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 6), Brasília, 1979; D. e C. Jore, *Descrição preliminar da estrutura fonológica da língua Yahup Makú*, SIL-AL 158, 1980.

muito semelhantes entre si, mais propriamente dialetos de uma mesma língua, ao passo que a terceira difere mais marcadamente, devendo ser considerada como outra língua da mesma família. Os Makú Guariba, também referidos por sua designação em Língua Geral Amazônica, *Wariwa-tapuya* ("gente guariba"), provavelmente falam a mesma língua dos Nadêb (ou dialetos dela), como os Makú do paraná Boá-Boá, à margem esquerda do Japurá, dos quais Harald Schultz anotou uma amostra lingüística em 1958.

Uma quarta língua, dos Makú que segundo Nimuendajú se chamam (ou chamavam) Dou e habitam (habitavam) num dos igarapés do rio Papuri, na altura de São Gabriel, difere tanto da língua dos Yahúp e Húpda, quanto da dos Nadêb. Uma outra língua, ainda, é falada pelos Makú do rio Querari, afluente do Uaupés na Colômbia.

Pelo quadro abaixo pode-se fazer uma idéia das semelhanças e diferenças no vocabulário das línguas Yahúp, Húpda, Nadêb e Dou:

	<i>Yahúp</i>	<i>Húpda</i>	<i>Nadêb</i>	<i>Dou</i>
dente	tâgn	tâgn	tâgn	togn
orelha	bu'uitòk	bò'tòk	nâbui	kumaé
pele	bò'dk	bòk	byh	byg
mão	pôh	dèpûh	môh	xoup
pedra	paih	paih	pâ	paas
sol	wèrhò	wèdòh	papýi	hotybm
onça	iã'am	iã'am	'awad	iampy
peixe	hôp	hop	tahyb	háp
piolho	ném	ném	nam	âunèm
machado	mom	mom	mym	mam
rede	iagn	iagn	iagn	ièg
flecha	ki'ig	mûh	k'âtoi	bitog
casa	mõi	mõi	tòb	tob

Os muitos grupos de índios Yanomámi que têm seu território no extremo norte do Brasil, no Território Federal de Roraima e no Estado do Amazonas, falam línguas estrei-

tamente aparentadas, que constituem uma família lingüística a que recentemente se tem dado o nome de família Yanomámi, mas que anteriormente era chamada de família Xiriána ou Xirianá, tendo sido usados também os nomes de família Yanoáma ou Yanomáma e família Waiká.<sup>5</sup> Distinguem-se quatro línguas nesta família, todas faladas no Brasil e na Venezuela: Ninám ou Yanám, com dialetos nos rios Mucají, ao sul, e Uraricaá, ao norte (também no Paraguai, na Venezuela); Sanumá, com dialetos no alto Urari-cuera e no Auaris, no noroeste da área, estendendo-se para o norte e o oeste na Venezuela; Yanomámi (Yanomáme, Yanomám) no oeste e sudoeste da área, com dialetos no alto Catrimani, no alto Mucajái, no Uraricuera abaixo dos Sanumá, na região da Serra de Surucucus e, mais para o sul e sudoeste, nos altos cursos de afluentes do rio Negro, como o Demini, o Aracá, o Padauari, o Marauiá, e o Cauaburi; e Yanomám ou Yainomá no leste e sueste da área, com dialetos no médio Catrimani, no alto Ajarani e no alto Apiaú, e estendendo-se para o norte até o alto Parima. Pode-se dizer que a área da língua Yanomám se acha a leste da Serra Parima e nos afluentes da margem direita do rio Branco, do Catrimani para o norte; ao passo que a área da língua Yanomámi, a maior das quatro que constituem o domínio da família, situa-se a oeste da Serra Parima, nos afluentes do alto Orinoco e, ao sul da mesma serra, nos afluentes da margem esquerda do rio Negro.

Uma amostra comparativa das quatro línguas da família Yanomámi é dada abaixo:

5. Acerca das línguas Yanomámi no Brasil, veja-se: Ernesto Migliazza, "Grupos lingüísticos do Território Federal de Roraima" in *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, vol. 2 (Antropologia), Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1967, pp. 153-173; idem, *Yanomama grammar and intelligibility*, tese de doutorado, Indiana University, 1974; Alcida Rita Ramos, *Manual para treinamento na língua Yanomam*, Universidade de Brasília, Brasília, 1975; Loretta Emiri, *Gramática pedagógica da língua Yānomamè*, Missão Catrimâni, Boa Vista, 1981; Frances V. Tracy, *The phonology and outline grammar of the Aikamtheli dialect of Shiriana, with notes on other dialects*, dissertação de mestrado, University of Pennsylvania, 1966; *Dicionário Sanuma, grupo Yanomami*, Meva, Boa Vista, 1983 (dicionário Sanumá-Português-Inglês, com mais de 3.000 verbetes, provavelmente organizado por D. Borgman, da Missão Evangélica da Amazônia).

	<i>Yanomámi</i>	<i>Yanomám</i>	<i>Ninám</i>	<i>Sanumá</i>
cabeça	he	fe	he	he
olho	mamo	mamo	mamo	mamo
boca	kahiky	kafik	kahik	kai
dente	na	na	nak	na
língua	aka	aka	aka	aka
braço	poko	poko	poko	poko
mão	ikyky	imik	íthak	matha
pé	mamiky	mafuk	mähe	ami
joelho	maheko	mafeko	mahekok	maeko
tucano	maiopy	maiup	matxop	matsupy
anta	xama	xama	xama	tsama
tatu	opo	opo	oposi	opo
abelha	himoto	himoto	himoto	himoto
mosca	mroo	mroro	rōo	moo
presente	nomrai	nomai	norāi	noamai
amigo	nohi	nofi	nohi	noi
rapaz	húia	fíia	hytxa	hitsa
quente	iopri	iopi	txori	tsopi
vazio	proke	proke	roke	poke
sujo	xami	xami	xami	tsami
longe	prahawâ	praha	rahami	paa
abanan	iahuha	iafufa	txahyha	tsauha
cortar carne	hany	hany	hany	hany
derramar	rypra	rupra	ryra	lypa
lavar	iaru	iaru	txary	tsalu
fazer	pra	pra	ra	pa

Como é comum em qualquer família lingüística, as línguas da família Yanomámi apresentam palavras inteiramente idênticas, palavras parcialmente semelhantes e palavras inteiramente distintas. Vejam-se, por um lado, as palavras para “olho”, “língua”, “braço”, “abelha” e “cortar carne” e, por outro lado, as palavras para “mão” e “pé”. As palavras parcialmente semelhantes podem diferir pelo acréscimo em alguma das línguas de um elemento adicional (cf. “tatu” em Ninám), mas em geral se diferenciam em obediência a regras bem-estabelecidas de mudança sonora. Assim é regular a correspondência do *x* das outras línguas ao *ts* do Sanumá (“anta”, “sujo”) e do *f* do Yanomám ao *h* das outras línguas (“cabeça”, “boca”, “joelho”, “amigo”, “rapaz”, “abanan”). Mas existe *h* também em Yanomám, o qual cor-

responde igualmente a *h* nas demais línguas (“abelha”, “longe”, “cortar carne”). No Sanumá o *h* só é conservado sistematicamente, nos dois casos, no início de palavras, ao passo que no interior destas é geralmente eliminado (“boca”, “joelho”, “amigo”, “longe”, “abanan”). O Yanomámi e o Yanomám apresentam casos de *i* antes de outra vogal (*i* que não faz sílaba, como no português *iaiá*), os quais correspondem a *tx* no Ninám e a *ts* no Sanumá (“tucano”, “rapaz”, “quente”, “abanan”, “lavar”). O Sanumá tem *l* onde as demais línguas têm *r* (“derramar”, “lavar”), exceto quando o *r* do Yanomámi é precedido por outra consoante (em regra *p* ou *m*); nesse caso, o Sanumá eliminou o *r* em vez de transformá-lo em *l*, simplificando, assim, os grupos de consoantes. Na mesma situação, o Ninám também simplificou esses grupos, mas conservando o *r* e eliminando a outra consoante, *p* ou *m* (“mosca”, “presente”, “quente”, “vazio”, “longe”, “derramar”, “fazer”).

No Quadro 8 são relacionadas as línguas das famílias Tukáno, Makú e Yanomámi atualmente faladas no Brasil.

Quadro 8: Línguas das famílias Tukáno, Makú e Yanomámi no Brasil

Línguas	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
<b>Família Tukáno</b>			
Barasána (Barasáno, Bará)	109	AM	43
Desána (Desáno, Winá)	101	AM	960
Jurití (Yurití-tapúya, Wahyara)	107	AM	35
Karapanã (Karapanã-tapúya, Mehtã)	112	AM	49
Kubéwa (Kubéu, Kubewána, Pamiwa)	99	AM	150
Pirá-tapúya (Waikana)	106	AM	613
Suriána (Surirá)	110	AM	10
Tukáno (Tukána, Dahseyé) (Arapáso, Koneá)	105 114	AM	2.635 268
Miriti, Miriti-tapúya, Neenoá) (Tariána)	108 102	AM	49 1.586 ?
Tuyúka (Dohká-poára)	103	AM	465
Wanána (Wanáno, Kótiria)	100	AM	555
Yebá-masá (Yepá-mahsá, Yepá-matsó)	98	AM	55
<b>Família Makú</b>			
Bará (Makú-Bará)	97	AM	?
Guaríba (Waríwa-tapúya)	117	AM	180
Húpda	104	AM	1.431
Kamã	116	AM	?
Nadêb (Nadéb)	115	AM	300
Yahúp	111	AM	300
<b>Família Yanomámi</b>			
Ninám (Yanám)	87	RR	466
Sanumá	89	RR	462
Yanomám (Yainomá)	88	RR	6.000
Yanomámi	91	AM, RR	2.000

## AS LÍNGUAS ISOLADAS

Além das línguas pertencentes às famílias lingüísticas apresentadas nos capítulos precedentes, existem ainda as chamadas línguas isoladas (ou isolados lingüísticos), isto é, línguas que não revelam parentesco genético com nenhuma outra. Delas tanto podemos dizer que não pertencem a nenhuma família (ou tronco), quanto podemos dizer que constituem famílias de um só membro.

Em certo sentido, as línguas isoladas representam tipos lingüísticos únicos, em contraste com as línguas de uma família, cujas características básicas se reencontram em outras línguas da mesma família. Embora toda língua tenha propriedades únicas, que se perdem quando essa língua desaparece sem ter sido devidamente documentada, essa perda é muito maior quando se extingue uma língua isolada. Perde-se então não apenas um conjunto de nomes e verbos com que se designam, como nas demais línguas, os objetos e as atividades familiares aos membros de determinada sociedade humana, mas se perdem, sobretudo, modos únicos de codificar a experiência social e o conhecimento humano, os quais sem dúvida integram um como que patrimônio cognitivo da humanidade e têm importância crítica para a compreensão não só da linguagem, mas da própria capacidade cognoscitiva do homem. Assim como o desaparecimento de diversas culturas indígenas está acarretando um empobrecimento cultural do Brasil e do mundo, na medida em que conhecimentos e técnicas eficazes para a vida do homem nos trópicos, desenvolvidos por muitas gerações de seres inteligentes e responsáveis, estão sendo eliminados por agentes de uma sociedade que não toma (e parece não que

rer tomar) conhecimento deles, embora não disponha de conhecimentos e técnicas especiais para substituí-los (vejam-se os desastres ecológicos, sanitários e econômicos que estão ocorrendo nas novas zonas de colonização da Amazônia), assim também a extinção de tipos lingüísticos únicos reduz significativamente o banco de experiências cognitivas desenvolvidas em meios socioculturais e ecológicos diversos.

É por isso extremamente preocupador o fato de que a maioria das línguas isoladas ainda faladas no Brasil se encontre ameaçada de desaparecimento, em alguns casos realmente iminente dado o extremamente diminuto número de pessoas que ainda as falam, e que várias delas não tenham sido estudadas de modo nenhum. Apenas o Tukúna (ou Tikuá), no Solimões, conta com uma grande população — cerca de 18.000 pessoas. Embora os índios Tukúna tenham sido estudados por diversos antropólogos, e sua língua tenha sido estudada no Peru, onde também é falada, só agora começa esta a ser pesquisada no Brasil. As demais línguas isoladas são faladas por pouca gente: nenhuma atinge o número de 200 falantes, e diversas delas, como se verá adiante, estão a ponto de extinguir-se.

O Aikaná (conhecido como Tubarão e, na literatura, também como Huarí e Masaká; os índios que o falam têm sido chamados também de Kasupá e Mundé), a leste do alto Pimenta Bueno, no sueste de Rondônia, é falado hoje por cerca de 80 pessoas. Essa língua começou a ser estudada em 1984 e ainda pouco sabemos de sua estrutura.

Entre os Aikaná vivem os que são, aparentemente, os sete últimos falantes da língua Koaiá, conhecidos naquela área como "Arara". Nenhum estudo foi feito desta língua, nem do respectivo povo. Outra língua isolada em Rondônia é o Kanoê (Kapixaná), cujos poucos falantes (cerca de 20) parecem estar hoje espalhados em diversas partes do novo estado, uns perto de Porto Velho, outros próximos a Guajará-Mirim, outros ainda no Posto Indígena Guaporé. Também de sua língua não existe ainda nenhum estudo. Esta é igualmente a situação do Jabutí, no mesmo estado, cujos falantes, em número de 40, vivem com os Makuráp no Posto Indígena Guaporé e em outra área no município de Guajará-Mirim. No alto Rio Branco, ainda em Rondônia, foram encontrados, em 1968, quatorze falantes de Arikapú, provavelmente uma variedade do Jabutí, mas desde então não tem mais havido notícia deles.

No alto Juruena, no norte de Mato Grosso, os índios Irántxe e Mynky (Münkü) falam outra língua isolada. Os Irántxe são apenas uns 150, ao passo que os Mynky estão reduzidos a apenas 30. Há somente estudos elementares da língua dos Irántxe e Mynky.<sup>1</sup>

No alto Xingu há também uma língua isolada, que é o Trumái, com menos de 40 falantes. Desta língua foi registrado um primeiro vocabulário no fim do século passado, mas só há vinte anos foi ela estudada por lingüista.<sup>2</sup>

Em Roraima deve haver ainda falantes de duas outras línguas isoladas. Uma é o Awakê, falado no alto Uraricaá por menos de 20 pessoas e de que não existe nenhum estudo. A outra é o Máku, de que talvez haja ainda um ou outro falante. Desta língua há dois pequenos estudos, um de fonologia, o outro de gramática.<sup>3</sup>

A mesma importância crítica das línguas isoladas como exemplares únicos de organização lingüística e cognitiva têm também as línguas que, embora mostrem indícios de filiar-se a um grande tronco, como o Tupí e o Macro-Jê, não se relacionam diretamente a nenhuma das famílias constituintes do tronco. Essas línguas são relativamente isoladas e podem diferir consideravelmente das demais línguas do tronco, sem encontrar paralelo em nenhuma outra língua para as propriedades nelas desenvolvidas. Nesse caso está, por exemplo, o Guató do alto rio Paraguai (tronco Macro-Jê), o qual é falado por muito poucas pessoas, já que a maioria dos remanescentes dos Guató, que não têm mais terras próprias e vivem esparsos ao longo do rio, desde Corumbá até a lagoa Gaiba, fala somente português. A língua Guató foi recentemente objeto de estudo detalhado, que muito contribuiu para seu melhor conhecimento.

1. Sobre a língua Irántxe: Robert Meader, *Iranxe: notas gramaticais e lista vocabular*, Museu Nacional (Publicações, Série Diversos, Lingüística II), Rio de Janeiro, 1967. Veja também, na Bibliografia, Moura, 1960.

2. Acerca do Trumái veja-se: Aurore Monod-Becquelin, *La pratique linguistique des indiens Trumai*, Selaf, Paris, 1975. Veja também, na Bibliografia, Monod-Becquelin, 1976 e 1977.

3. Sobre a língua Máku veja-se: Ernesto Migliazza, *Fonologia Máku*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Boletim, n. s., Antropologia n.º 25), Belém, 1965; idem, *Esboço sintático de um corpus da língua Máku*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Boletim, n. s., Antropologia n.º 32), Belém, 1966.

Também o Rikbaktsá (cerca de 500 falantes) e o Karajá (cerca de 1.500 falantes) têm situações isoladas dentro do tronco Macro-Jê.<sup>4</sup> Ambos têm sido estudados nos últimos anos. Ainda outra língua relativamente isolada no âmbito do tronco Macro-Jê é o Krenák (também conhecido como Botocudo de Minas Gerais e Espírito Santo), hoje falado só por muito poucas pessoas, algumas em Minas Gerais (município de Respiendor), outras em São Paulo (Posto Indígena Vanuíre, no município de Tupã). O estudo do Krenák, que vem sendo empreendido ultimamente, tem-se revelado extremamente difícil devido a que as pessoas que ainda o sabem já quase não o usam mais (usam o português) e têm perdido o hábito de falá-lo.

No tronco Tupí o caso mais crítico é o do Puruborá, de que se conhecem só poucas palavras e de cujo povo talvez haja ainda algum remanescente na Rondônia ocidental. O povo Puruborá vivia antes no rio São Miguel, afluente do Guaporé. Por outro lado, no Xingu, a língua dos índios Jurúna tornou-se uma língua relativamente isolada. As duas únicas línguas relacionadas com ela ao nível de família — Xipáya e Manitsawá — já desapareceram completamente. Do Manitsawá não temos mais que uma pequena lista de palavras registradas há cem anos, por ocasião da primeira viagem de exploração do alto Xingu, pelo célebre etnólogo Karl von den Steinen. Do Xipáya, além de listas de palavras, temos algumas notas gramaticais feitas por Curt Nimuendajú na segunda década deste século. Só o Jurúna, falado hoje por cerca de 120 pessoas, agora abrigadas no Parque Nacional do Xingu, representa a sua família lingüística; mas essa língua continua hoje tão desconhecida do ponto de vista científico como quando foi documentada no fim do século passado e no início deste, com algumas das clássicas listas de palavras e umas poucas frases.<sup>5</sup>

Também o Karitiána, no estado de Rondônia, hoje com cerca de 100 falantes, se tornou o único representante da família Arikém, igualmente do tronco Tupí.<sup>6</sup> As outras lí-

guas dessa família, de que se tem notícia, o Arikém e o Kabixiána, já estão extintas e são conhecidas apenas através de listas de palavras.

Nos quadros abaixo apresentamos pequenas amostras dos vocabulários de várias das línguas isoladas ainda faladas no Brasil:

	<i>Tukúna</i>	<i>Aikaná</i>	<i>Koaiá</i>	<i>Kanoé</i>	<i>Jabuti</i>
cabeça	eru	tinūpa	tsoty	kote	ekoaka
olho	'ety	kamuka	'etī	kāi	honka
orelha	txiny	kha'nidō	gasi	teū	nipi
nariz	rāy	kha'nawā	tsaroani	kāiū	ninikote
boca	'ā	khawa	ekhāi	kere	rakui
língua	kony	walu		tau	nutere
dente	pyta	mui	miki	pe	ru
mão	me	ine	tsoy	so	ruhore
sol	ya'ky	deri	khoosa	kuikae	toho
lua	tawemaky	jadone'ī	hakori	mīte	kupa
terra	nanu	du	tsaana	tepyh	mika
água	de'a	hane	hāā	kunī	mbirukuku
fogo	yy	hine	hi	ini	pitse
pedra	nūta	haji	aki	aki	ta
anta	naky	'aryme	aruin	itse'	ōwa
onça	oi	i've	ñeretso	opere	va

	<i>Irántxe</i>	<i>Trumái</i>	<i>Awakē</i>	<i>Máku</i>
cabeça	mate	kut	kakoati	kete
olho	kutake'i	hon	gakoa	sukute
orelha	yaakihi	hapyt	witika	tikate
nariz	kamihī	alaxa	'koia	pi
boca	ia'pawa	hop	komé	wytsi
língua	iakīnāti	ano	takohē	dute
dente	biuhu	i	ake	wumu
mão	mimā	kanap	umatakoma suko	
sol	ire'i	atela	uiji	ke'le
lua	wirapu	atelpak	atam	ia
terra	bata	tenetne	ihē	bu'te
água	māna	misu	okoā	na'me
fogo	āina	so	a'ne	nūhē
pedra	alo'u	liki	mo'ka	line
anta	opiíri	monoto	mano	dū'ü
onça	iúnari	fede	kai'ia	do'wi

4. Para o Rikbaktsá e o Karajá, assim como para o Guató, veja as indicações na nota 3 ao capítulo 4.

5. Sobre o Jurúna, o Xipáya e o Manitsawá veja-se, na Bibliografia, Steinen, 1886/1942; Coudreau, 1897; Nimuendajú, 1923-1924, 1929 e 1932; Snethlage, 1910 e 1932.

6. Para o Karitiána vejam-se as indicações na nota 3 ao capítulo 3.

No Quadro 9 são relacionadas as línguas isoladas, hoje faladas no Brasil.

Quadro 9: Línguas isoladas faladas no Brasil

Línguas	N.º no Mapa do Cimi	Estado	Falantes
Aikaná (Aikaná, Huarí, Masaká, Tubarão, Kasupá, Mundé, Corumbiara)	171, 183	RO	80
Arikapú	—	RO	?
Awakê	86	RR	17?
Irántxe (Iránxe; Mynky, Münkü)	194, 196	MT	195
Jabutí	174	RO	40
Kanoê (Kapixaná)	172	RO	20
Koaiá (Arara)	—	RO	7
Máku	—	RR	?
Trumáí	210	MT	34
Tukúna (Tikúna)	121	AM	18.000

10

## AS LÍNGUAS GERAIS

A expressão “língua geral” foi inicialmente usada, pelos portugueses e pelos espanhóis, para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área. Assim, na América espanhola, o Quêchua já no século XVI foi chamado de “Língua Geral do Peru”<sup>1</sup> e o Guaraní, no início do século XVII, de “Língua Geral da Província do Paraguai”<sup>2</sup>. No Brasil, entretanto, tardou bastante o uso dessa expressão por parte dos portugueses. A língua dos índios Tupinambá, que no século XVI era falada sobre enorme extensão, ao longo da costa atlântica (do litoral de São Paulo ao litoral do Nordeste), não teve consagrada a designação de “língua geral” nos dois primeiros séculos da colonização. O padre Anchieta intitulou sua gramática, a primeira que dela se fez (publicada em 1595), “Arte de gramática da língua mais

1. Para a Língua Geral do Peru (Quêchua) vejam-se, por exemplo, os títulos das seguintes obras dos séculos XVI e XVII: Domingo de S. Thomas, *Grammatica, o arte de la lengua general de los Indios de los Reynos del Peru*, Valladolid, 1560; Anônimo, *Arte y vocabulario en la lengua general del Peru llamada Quechua...*, Lima, 1586; Diego González Holguín, *Gramatica y arte nueva de la lengua general de todo el Peru llamada lengua Qquichua o lengua del Inca*, Lima, 1607; Juan Roxo Mexia y Ocón, *Arte de la lengua general de los indios del Perú*, Lima, 1648.

2. Para o Guaraní, tratado como língua geral, confira-se a expressão de frei Antônio Daza em 1611, acerca de frei Luís de Bolaños: “Supo muchas lenguas de indios, y en [la] general de aquella tierra tradujo la doctrina y catecismo” (a terra referida é a Província do Paraguai e a língua geral é o Guaraní Antigo) e “Fray Luis de Bolaños a sido el maestro de todos en la lengua general guarani” (segundo Rómulo D. Carbia, *Fray Luis de Bolaños*, Buenos Aires, 1929, citado por Edelweiss, 1947, p. 30).

usada na Costa do Brasil". Outros autores referiram-se a ela como a "língua do Brasil", a "língua da terra" (isto é, desta terra, da terra do Brasil), a "língua do mar" (isto é, a língua falada na costa, junto ao mar). Mas o nome cujo uso se firmou, sobretudo ao longo do século XVII, foi o de "Língua Brasílica". Assim, o catecismo publicado em 1618 chamou-se "Catecismo na Língua Brasílica"; a segunda gramática, feita pelo padre Luís Figueira e cuja primeira impressão é de 1621, foi a "Arte da Língua Brasílica"; o dicionário dos jesuítas, cujo manuscrito melhor conhecido é do mesmo ano de 1621, traz o nome de "Vocabulário na Língua Brasílica", e assim por diante.<sup>3</sup>

O nome Tupinambá, como designação dessa língua, aparece tardiamente, no século XVIII, já com a intenção de distingui-la, enquanto língua dos índios Tupinambá (do Pará), da língua então corrente da população mestiça, já sensivelmente diferente daquela;<sup>4</sup> mas, no início do século XIX, passou a ser usado para designar essa mesma língua corrente, vulgar na Província do Pará.<sup>5</sup> Já o nome Tupí se torna usual somente no século XIX, quando já tinha desaparecido a grande maioria dos índios Tupinambá, restando poucos remanescentes, como os Tupinikín (Tupiniquim) do Espírito Santo, de quem o Imperador D. Pedro II anotou algumas palavras, ou os Potiguára da Baía da Traição, na Paraíba (esses dois grupos de remanescentes subsistem até hoje, mas agora só falam a língua portuguesa).<sup>6</sup>

3. Para as obras referentes à Língua Brasílica veja-se, na Bibliografia, Araújo, 1618; Figueira, 1622; Anônimo, 1952-1953.

4. Para o uso de *Tupinambá* no século XVIII veja-se, por exemplo, *Vocabulário Português-Brasiliiano*, França, 1859, Anônimo, 1951), constante de um manuscrito datado de 1757; "Padre, paý; a qual palavra pertence genuinamente à língua tupinambá"; "Guelras de peixe, çenecuýra, tupinambá: japecuýra"; "Estripar, id est, tirar as tripas, acepotioc, ou açyioc e este he o proprio que uza o Tupinambá dizendo estripar".

5. Sobre o uso de *Tupinambá* no início do século XIX, como designação da língua vulgar do Pará, que é a Língua Geral Amazônica, veja-se, por exemplo, Bernardo Maria de Cannecattim, *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense e diccionario abreviado da lingua congueza*, 2.ª ed., Lisboa, 1859 (a 1.ª edição é de 1805), p. XVIII: "...a lingua geral das costas do Brasil, que chamam a língua tupinambá"; Inacio Accioli de Cerqueira e Silva, *Corografia Paraense*, Typographia do Diario, Bahia, 1833, p. 8: "...que no idioma Tupinambá significa pão pintado".

6. Acerca do registro de palavras do Tupinikín por D. Pedro II, em sua visita de 1860 ao Espírito Santo, veja-se Perota e outros, 1979.

Já no século XVI a Língua Brasílica passou a ser aprendida pelos portugueses, que de início constituíam pequena minoria junto aos índios Tupinambá. Como grande parte dos colonos vinham para o Brasil sem mulheres, passaram a viver com mulheres indígenas, com a consequência de que a Língua Brasílica (isto é, o Tupinambá) veio a ser a língua materna de seus filhos.<sup>7</sup> Essa situação atenuou-se em alguns lugares, com o aumento da imigração portuguesa e com a dizimação dos índios, mas intensificou-se em outros. Foi nas áreas mais afastadas do centro administrativo da Colônia (que era a Bahia) que se intensificou e generalizou o uso da Língua Brasílica como língua comum entre os portugueses e seus descendentes — predominantemente mestiços — e escravos (inclusive africanos), os índios Tupinambá e outros índios incorporados às missões, às fazendas e às tropas: em resumo, toda a população, não importa qual sua origem, que passou a integrar o sistema colonial.

A essa língua popular, geral a índios missionados e aculturados e a não-índios, é que foi mais sistematicamente aplicado o nome de Língua Geral. O uso desse nome começa já na segunda metade do século XVII, embora às vezes com sentido diverso, como acontece com o Padre Vieira, para o qual "Língua Geral" significa, por vezes, o mesmo que para nós "língua da família Tupí-Guaraní", isto é, qualquer língua reconhecidamente afim do Tupinambá, mas não idêntica a ele (como, por exemplo, o Guajajára do Maranhão).<sup>8</sup>

7. A propósito do uso da língua indígena como língua familiar dos portugueses em São Paulo, escreveu o padre Antônio Vieira em 1694: "É certo que as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua, que nas ditas famílias se fala, é a dos índios, e a Portuguesa a vão os meninos aprender à escola" (*Obras várias*, vol. II, Lisboa, 1856, p. 249). Vejam-se outros testemunhos dessa situação em Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 7.ª ed., pp. 88-93, e em Serafim da Silva Neto, *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, pp. 62-77.

8. Sobre o uso da expressão *Língua Geral* pelo padre Vieira, veja-se: "Mas tornando à nossa missão dos guajajaras, são estes índios de língua geral, mais semelhante porém à dos carijós que a nenhuma outra do Brasil" (*Cartas, seleção de Novais Teixeira, W. M. Jackson Inc.*, Rio de Janeiro, p. 127); "...para de lá tornarem ao sertão do Pará, e tirarem dele os índios tupinambás e outros de língua geral..." (idem, p. 142).

No sul da Colônia constituiu-se uma Língua Geral distinta da Língua Geral do Norte ou Língua Geral Amazônica. A Língua Geral do Sul, ou Língua Geral Paulista, menos conhecida que a outra, teve sua origem na língua dos índios Tupí de São Vicente e do alto rio Tietê, a qual diferia um pouco da língua dos Tupinambá. É a língua que no século XVII falavam os bandeirantes que de São Paulo saíram a explorar Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e o Sul do Brasil. Por ser a língua desses pioneiros e aventureiros, penetrou essa Língua Geral em áreas onde nunca tinham chegado índios Tupí-Guaraní e aí deixou sua marca no vocabulário popular e na toponímia. Em São Paulo ela foi dominante no século XVII, mas passou a ser suplantada pelo Português no século XVIII. No início do século XIX só se faz referência a um ou outro falante no interior do Estado de São Paulo, na área de Porto Feliz, no rio Tietê.

Já a Língua Geral Amazônica desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, mais tarde do que a do Sul, a partir do Tupinambá. Ao contrário de São Vicente e São Paulo, onde a colonização teve início já na primeira metade do século XVI, no Maranhão a conquista portuguesa começou quase cem anos depois, na primeira metade do século XVII. O litoral do Maranhão, onde primeiro se estabeleceram os portugueses, estava densamente povoado pelos índios Tupinambá, que se estendiam para oeste até a foz do rio Tocantins. Em consequência dessa situação, aí o Tupinambá foi a língua predominante na população colonial durante o século XVII e acabou dando origem à nova Língua Geral, que foi falada pelas tropas e missões que foram penetrando e criando núcleos de povoamento no vale amazônico. Portanto, o Tupinambá e essa Língua Geral em que ele se transformou, é que foi a língua da ocupação portuguesa da Amazônia nos séculos XVII e XVIII. Aí ela foi o veículo não só da catequese, mas também da ação social e política portuguesa e luso-brasileira até o século XIX. Ainda hoje é falada, especialmente na bacia do rio Negro, sendo que no Uaupés e no Içana, além de ser a língua materna da população cabocla, ainda mantém o caráter de língua de comunicação entre índios e não-índios, ou entre índios de diferentes línguas.

As duas línguas gerais, faladas em novos contextos sociais, alteraram-se paulatinamente em sua estrutura. Da Língua Geral Paulista, chamada Tupí Austral por Martius,

não sabemos muita coisa; na verdade, só conhecemos dela um documento (um dicionário de verbos) bastante tardio, provavelmente do século XVIII, publicado pelo mesmo Martius em 1863.<sup>9</sup> Já a Língua Geral Amazônica, também conhecida, a partir do terceiro quartel do século XIX, pelo nome de Nheengatú (ie'éngatú "língua boa"), além de continuar sendo falada até hoje, é conhecida por muitos documentos (gramáticas, dicionários, catecismos, lendas), tanto do século XVIII, como dos séculos XIX e XX. Esta língua se expandiu consideravelmente ao longo de todo o vale amazônico, chegando até a fronteira com o Peru no oeste e penetrando na Colômbia pelo vale do rio Uaupés no noroeste. Ao longo do rio Negro chegou também à Venezuela (onde é chamada Yeral). Tal como o Tupí Austral, a Língua Geral Amazônica passou a ser falada em regiões onde nunca habitaram índios Tupí-Guaraní e deixou forte marca na toponímia e na língua portuguesa da Amazônia.

A Língua Geral Amazônica de hoje (Nheengatú) difere não só da língua Tupinambá, mas também da Língua Geral Amazônica do século XVIII. As diferenças em relação a esta última se devem não apenas a mudanças ocorridas com o passar do tempo (cerca de 250 anos), mas também ao fato de que certamente se constituíram diversos dialetos da Língua Geral Amazônica, segundo as diferentes regiões em que ela veio a ser falada: baixo Tocantins, baixo Tapajós, rio Negro, Solimões etc.

O quadro abaixo mostra algumas dessas diferenças, em comparação com a Língua Geral Paulista:<sup>10</sup>

9. O dicionário de verbos da Língua Geral Paulista foi incluído por Martius no 2.º volume de suas *Contribuições para a Etnografia do Brasil*, sob o título: "Diccionario de verbos. Zeitwörter. Portuguez — Tupi-austral — Deutsch". Martius diz que recebeu o manuscrito anônimo — em parte bichado e de leitura difícil — de Ferdinand Denis, da Biblioteca de Sainte Geneviève em Paris, para o qual o mesmo fora levado do Brasil por um senhor Emile Adêt. Veja-se Martius, 1867, vol. II, pp. 92-122.

10. No quadro comparativo das Línguas Gerais os exemplos da Língua Geral Paulista provêm do dicionário de verbos publicado por Martius; os exemplos de Língua Geral Amazônica do século XVIII foram tomados ao *Dicionário Português-Brasiliense*, Anônimo, 1795, na reedição de 1934; ao *Caderno da língua*, atribuído a frei Onofre, na edição de 1937; e ao *Vocabulário Português-Brasilico*, manuscrito anônimo de 1757, na edição de 1951.

	<i>Tupinambá</i> séc. XVII	<i>L. G. Paul.</i> séc. XVIII	<i>L. G. Amaz.</i> séc. XVIII	<i>L. G. Amaz.</i> séc. XX
criança	pitânga	mitânga	taína	taína
pai	túba	...	páia	páia
mãe	sy	...	máia	máia
roupa	aóba	aóva	óba	xirúra
chapéu	akângaoába	xapéw	akangaóba	xapéwa
agulha	—	itámirí	abí	awí
panela	ia'êpepó	...	já'êpepó	panéra
um	oiepê	ñepeí	ojepé	iepé
acabou-se	opáb	opá	opáw	upáw
eu caio	a'ár	a'a	a'ár	xa'ári
eu ergo	asupír	amojupí	amopu'áme	xamupu'áma
eu apago	aimowéb	amowé	amowéw	xamuéw
nasce	o'ár	osé	osémo	usémo
você não ouve	neresenúbi	neresenúi	nitíw resenú	intí resenú
tingir de preto	moún	úna japó	mopixúne	mupixúna
batizar	moiasúk	seróka	serók	muserúka

As diferenças de vocabulário não são muito numerosas. Trata-se sobretudo ou de coisas e conceitos estranhos às culturas indígenas (como "roupa", "chapéu", "agulha", "panela (de metal)", "batizar"), ou de substituição de palavras nativas por palavras portuguesas na situação de bilingüismo ("pai", "mãe") ou, ainda, de reelaboração de construções nativas devida a mudanças estruturais e à ampliação ou restrição no significado de certas palavras ("eu ergo", "nasce", "você não ouve", "tingir de preto", "batizar"). De um modo geral, o vocabulário da Língua Geral Amazônica continua sendo o do Tupinambá. As alterações fonológicas, isto é, na pronúncia, também não foram muito intensas: o som *b* do Tupinambá (T) (com fricção como o *b* do espanhol em *caballo*) passou a *w* na Língua Geral Amazônica (LGA), confundindo-se com o antigo *w* (T kába, LGA káwa "vespa"; T iawára "onça", LGA iawára "cachorro"); o som *o* passou a *u*, confundindo-se com o antigo *u* (T so'o, LGA su'u "animal"; T su'u, LGA su'u "morder"); na LGA acrescentou-se sistematicamente uma vogal no final dos verbos

que em T terminavam em consoante (T pák, LGA páka "acordar-se"; T wasém, LGA wasémo "achar"; T pór, LGA púri "pular"; T we'én, LGA we'éna "vomitar"), mas os verbos que terminavam em *b* passaram a terminar em *w* (T páb, LGA páw "acabar-se"; T monéb, LGA munéw "meter"), enquanto que a consoante *ng* deixou de ser pronunciada, mas nasalizou a vogal precedente (T a'áng, LGA sa'ã "experimentar"; T me'eng, LGA me'ẽ "dar").

As maiores alterações sofridas pelo Tupinambá no processo de tornar-se Língua Geral resultam de uma progressiva simplificação das formas gramaticais, acompanhada de reorganização da construção das frases. O sistema de demonstrativos do Tupinambá, que era bastante complexo e distinguia formas para "este", "esse", "aquele visível", "aquele invisível", "esse fisicamente presente", "esse de que falamos" etc., ficou reduzido na LGA a um sistema de apenas duas formas: kwá "este", iã'ã "aquele". O sistema de pronomes pessoais do Tupinambá, que distinguia três formas para "nós" (uma para "eu e ele(s)", outra para "eu, você(s) e ele(s)" e a terceira para "eu e você(s)", mas com a particularidade de que as duas últimas também significavam, respectivamente, "ele(s) (assunto da conversa)" e "ele(s) (não assunto da conversa)", e que não tinha formas só de terceira pessoa ("ele(s)"), reajustou-se num sistema de tipo basicamente europeu, distinguindo três pessoas do singular e três pessoas do plural ("eu", "tu", "ele", "nós", "vós", "eles"). O sistema verbal do Tupinambá, que distinguia cinco modos — indicativo, imperativo, gerúndio, circunstancial e subjuntivo — passou a ter só um modo na LGA, cuja forma corresponde à do antigo indicativo. Também os substantivos se simplificaram muito. No Tupinambá havia um sistema de declinação dos substantivos com seis formas casuais: um caso nominativo, um caso vocativo, um caso atributivo e três casos locativos. Esse sistema desapareceu na LGA, na qual agora os substantivos têm uma só forma (com exceção de uma classe de palavras, que ainda distingue um caso locativo).

Vejamos uma mesma frase traduzida para o Tupinambá do início do século XVI e para a Língua Geral Amazônica do fim do século XIX. É a primeira sentença da oração dominical, conforme se encontra no catecismo publicado pelos jesuítas em 1618 e no catecismo escrito e publicado

pelo então bispo do Amazonas, D. José Lourenço da Costa Aguiar, em 1898:

Tupinambá:

*oré rúb ybákype tekwár imoetépyramo né réra t oikó.*

Língua Geral Amazônica:

*iané páia iné reiku wa'á iwáka upé ne réra iumuité.*

Apesar de muito diferentes, as duas frases são tradução de “Pai nosso que estás no céu, santificado seja teu nome!” Essa sentença contém uma invocação (ó nosso pai que estás no céu!) e uma expressão de desejo (teu nome seja santificado!). A invocação é formada de duas partes, um nome (ó nosso pai!) e uma explicação desse nome em forma de oração relativa (que estás no céu). Em Tupinambá o nome (*orér r-úb*) está no caso vocativo, que é a forma usada especialmente para invocações, ao contrário de outras formas usadas para outros fins, como, por exemplo, o nominativo que se emprega em grande parte das declarações (*oré r-úb-a*, com a terminação —a, em *oré r-úb-a o-sém* “nosso pai saiu”). A palavra correspondente a “nosso” é *oré*, um dos três pronomes de primeira pessoa do plural que tem o Tupinambá: *oré* significa “eu e ele(s)” (é o chamado “nós exclusivo”, porque exclui a pessoa a quem a gente está falando), ao passo que *iané* significa “eu e você(s)” (“nós inclusivo”) e *asé* quer dizer “eu, você(s) e ele(s)” (também “nós inclusivo”, mas incluindo ainda uma ou mais terceiras pessoas, ao contrário de *iané*). Se alguém chama outro de “nosso pai”, é claro que exclui o ouvinte, pois este não é pai de si mesmo. Assim, das três maneiras de dizer “nós” em Tupinambá, a tradução do catecismo de 1618 emprega (naturalmente) a forma apropriada.

Em vez de orações com pronomes relativos do tipo de “que”, “o qual”, o Tupinambá usa nomes derivados dos verbos (como, em português, *voador* é derivado de *voar*; note-se a equivalência entre “animal que voa” e “animal voador”), os quais são simplesmente acrescentados (apostos) ao nome principal. Esses nomes apostos formam uma unidade gramatical com o nome principal e por isso recebem o mesmo tratamento que ele: se o nome principal está no caso vocativo, o nome aposto também aparece no caso vocativo. O aposto de *oré r-úb* é *ybák-ype t-ekw-ár*, em que *ybák-ype* é uma expressão de lugar (caso locativo de

*ybak* “céu”, que no nominativo é *ybák-a*, com a terminação —a do nominativo em lugar da terminação —ype do locativo) e *t-ekw-ár* é um nome derivado do verbo *ekó* “estar em movimento, estar vivo” com o sufixo —ár, formador de nomes que indicam o agente, isto é, quem está agindo ou fazendo alguma coisa (na combinação com o sufixo —ár a vogal ó do verbo muda-se em w). O prefixo *t-* indica que o ser referido por esse nome é humano, é uma pessoa (como o Tupinambá distingue entre humano e não-humano, classificando como não-humano os animais, as plantas e os objetos inertes, a única alternativa para o tradutor foi usar a forma para humano ao referir-se ao Deus cristão). O nome *t-ekw-ár* significa, portanto, “pessoa-que-está”, o que se poderia dizer mais literalmente, se o Português tivesse essa palavra, “estador”, “pessoa estadora”. Esse nome está no caso vocativo (o nominativo seria *t-ekw-ár-a*) em concordância com o nome principal. Ao pé da letra, *oré r-úb ybák-ype t-ekw-ár* significa, pois, “ó pai de mim e deles, estador no céu!”

Na expressão do desejo tem-se uma oração com um sujeito (teu nome), um verbo (seja) e um complemento predicativo que exprime a qualidade que se quer atribuir ao sujeito (santificado). Em Tupinambá o sujeito é *né r-ér-a* “teu nome”, sendo que *né* é o pronome de segunda pessoa do singular, que corresponde ao “tu” ou “você” do Português, e *r-ér-a* é “nome” e se acha no caso nominativo (com a terminação —a; o prefixo *r-* no início dessa palavra apenas indica que ela tem um determinante antes de si, que é o pronome *né*: “de ti nome”, isto é, “teu nome”). O verbo aparece no fim da oração e é *o-ikó*, formado pelo tema *ikó*, que é uma variante de *ekó* “estar”, e o prefixo *o—*, que aí indica que o sujeito é de terceira pessoa, “ele”, isto é, “o teu nome”. O verbo está precedido pela partícula *ta*, que perdeu o —a diante da vogal inicial do verbo e que exprime desejo ou incitação: *t o-ikó* “que esteja” ou “quero que esteja”. O complemento predicativo, *i-mo-eté-pýr-amó*, é um nome derivado do verbo *mo-eté* “tornar importante” com o sufixo —pýr, formador de nomes que indicam o paciente, isto é, quem está recebendo o efeito de alguma ação. No caso nominativo, *i-mo-eté-pýr-a* quer dizer “o (que é) tornado importante”; mas o caso que foi usado é o caso atritutivo, com a terminação —amo, o qual significa “na qualidade de” ou “na condição de”: *i-mo-eté-pýr-amó né r-ér-a t o-ikó* “que teu nome esteja na condição de tornado importante”, isto é, “que teu nome seja honrado”.

Na LGA a palavra para “pai” é *páia* (de origem portuguesa), que, como todos os demais nomes da LGA, é invariável, não distinguindo os diversos casos (normativo, atritutivo, vocativo, locativo) que havia no Tupinambá. “Nosso” é expresso por *iané*, que é o único pronome de primeira pessoa do plural na LGA, na qual, tal como no Português, não se distinguem as diversas combinações inclusivas e exclusivas, tendo sido eliminados os pronomes *oré* e *asé* do Tupinambá. Assim, *iané páia* é “pai de nós” ou “nossa pais”. Em vez de um nome aposto derivado de um verbo, a LGA desenvolveu uma oração relativa, com um verbo propriamente dito e uma partícula que marca a relação entre esse verbo e o nome principal. Diferentemente do Português, que põe a partícula correspondente (pronomé relativo *que*) antes do verbo (*que estás*), a LGA põe a sua partícula (*wa'á*) depois do verbo (*re-ikú wa'á*, em que *re-ikú* é a segunda pessoa do singular do verbo *ikú* “estar”, proveniente do verbo *ikó* do Tupinambá). O complemento de lugar “no céu” é expresso pela palavra para “céu” da LGA, *iwáka* (originada no Tupinambá *ybak-a*, caso nominativo), seguida de uma posposição *upé*, que corresponde à preposição *em* do Português. A ordem das palavras também mudou do Tupinambá para a LGA: o complemento de lugar passou para o fim da oração (como no Português); além disso, nesta tradução foi posto no início da oração relativa o pronomé *iné* “tu, você”, com o qual concorda a forma do verbo *re-ikú*, na qual *re-* indica que o sujeito é da segunda pessoa do singular.

Na expressão do desejo as palavras da LGA são basicamente as mesmas do Tupinambá, mas a construção da frase é bastante diferente. Para “teu nome” temos *ne r-éra*, correspondente a *né r-ér-a* do Tupinambá. A diferença maior aqui nem aparece na pronúncia: o *a* final do Tupinambá era um sufixo, um elemento da gramática da língua que marcava o caso nominativo; na LGA ele é parte fixa do nome, não marcando mais nada, tal como o *a* final da palavra *iwáka* “céu”. Para traduzir “seja santificado” tem-se *iu-mu-ité*, em que *mu-ité* é o mesmo que o Tupinambá *mo-eté* “tornar importante, honrar”, ao passo que *iu-* é o prefixo da LGA que torna reflexivos os verbos, isto é, neste caso, muda o sentido de “tornar importante” para o de “tornar-se importante”. Assim, *ne r-éra iu-mu-ité* quer dizer, literalmente, “teu nome se torne importante”.

Uma outra versão do Padre-nosso rezada em Manaus e no Solimões no fim do século passado e publicada em 1890 pelo notável botânico João Barbosa Rodrigues, corresponde a uma tradução um pouco mais livre:

*iané iára Tupána reikó waá iwáka opé ne réra iamoité iaikó.*

“Nosso senhor (*iané iára*) Deus, que estás no céu, teu nome nós estamos (*ia-ikó*) [nós] honrando (*ia-mo-ité*).”

Além da troca de “nosso pai” por “nosso senhor Deus”, houve a substituição da expressão de desejo (“teu nome seja santificado!”) por uma expressão declarativa (“nós estamos honrando teu nome”). Note-se também a diferença na pronúncia que afeta todas as palavras que nesta versão têm a vogal *o*, as quais na versão do bispo Costa Aguiar têm *u*. ”

11. Para o texto do Padre-nosso em Tupinambá veja-se Araújo, 1618, folha 13v; para o texto em Língua Geral Amazônica veja-se Aguiar, 1898, p. 37; para a versão de Manaus veja-se J. B. Rodrigues, 1890, p. 282.

## BIBLIOGRAFIA

- ABBOTT, Míriam, *Estrutura oracional da língua Makuxi*, (Série Lingüística 5). Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 231-266.
- \_\_\_\_\_, "Subordinate clauses in Macushi", in David L. Fortune (org.), *Porto Velho workpapers*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1985, pp. 254-267.
- ABRAHAMSON, Arne e Joyce, "Os fonemas da língua Júma" in Robert A. Dooley (org.), *Estudos sobre línguas Tupí do Brasil*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 11), Brasília, 1984, pp. 157-174.
- ABREU, João Capistrano de, "Os Bacaerys" in *Revista Brasileira*, ano I, tomo III, Rio de Janeiro, 1895, pp. 209-228; tomo IV, pp. 43-50, 234-243 (reproduzido in J. Capistrano de Abreu, *Ensaios e Estudos (Crítica e História)*, 3.ª série, Sociedade Capistrano de Abreu e Livraria Briguie, Rio de Janeiro, 1938, pp. 217-274).
- \_\_\_\_\_, *Rã-tra hu-ni-ku-í: a língua dos Caxinauás do rio Ibuaçú, affluente do Muruá* (Prefeitura de Tarauacá) Typographia Leuzinger, Rio de Janeiro, 1914 (2.ª ed., Sociedade Capistrano de Abreu e Livraria Briguie, Rio de Janeiro, 1941).
- AGUIAR, José Lourenço da Costa, *Christu muhençáua curimaan-uára arama nhihingatú rupi cariua hinhinga recuiára irumo quaindápe*, Pacheco, Silva & C., Petrópolis, 1898.
- ALBISSETTI, César — VENTURELLI, Ângelo Jayme, *Encyclopédia Bororo* (vol. I: Vocabulários e etnografia), Museu Regional D. Bosco, Campo Grande, 1962.
- \_\_\_\_\_, *Encyclopédia Bororo* (vol. II: Lendas e antropônimos), Museu Regional D. Bosco, Campo Grande, 1969.
- ALMEIDA, Antônio — Irmãzinhas de Jesus — PAULA, Luiz Gouvêa de *A língua Tapirapé*, Xerox (Biblioteca Reprográfica Xerox), Rio de Janeiro, 1983.
- AMORIM, Antônio Brandão de, "Lendas em Nheêngatú e em Portuguez" in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 100, vol. 154, Rio de Janeiro, 1928, pp. 3-475.
- ANCHIETA, Joseph de, *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*, Antônio Mariz, Coimbra, 1595 (há várias reproduções facsimilares, sendo as mais comuns a da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1933, e a da Editora Anchieta, São Paulo, 1946).
- \_\_\_\_\_, *Teatro de Anchieta* (obras completas, 3º volume), tradução de Armando Cardoso, Edições Loyola, São Paulo, 1977.

- \_\_\_\_\_, *Lírica Portuguesa e Tupi* (obras completas, 5º volume, I), tradução de Armando Cardoso, Edições Loyola, São Paulo, 1984.
- ANÔNIMO, *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, Officina Patriarchal, Lisboa, 1795.
- \_\_\_\_\_, "Diccionario Portuguez-Brasiliano e Brasiliano-Portuguez: reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2.ª parte até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa" in *Revista do Museu Paulista*, tomo XVIII, 1934, pp. 17-322.
- \_\_\_\_\_, *Vocabulário Português-Brasilico*: MSS. do séc. XVIII, transcritos e ordenados por Plínio Ayrosa, Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim n. 135, Etnografia e Tupi-Guarani n. 21), São Paulo, 1951.
- \_\_\_\_\_, *Vocabulário na Lingua Brasílica*, 1º vol. (A-H), 2.ª edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa, por Carlos Drummond, Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim n. 137, Etnografia e Tupi-Guarani n. 23), São Paulo, 1952.
- \_\_\_\_\_, *Vocabulário na Lingua Brasílica*, 2º vol. (I-Z), 2.ª edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa, por Carlos Drummond, Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim n. 164, Etnografia e Tupi-Guarani n. 26), São Paulo, 1953.
- ARAÚJO, Antônio de, *Catecismo na Lingoa Brasílica*, Pedro Crasbeeck, Lisboa, 1618, (há edição facsimilar: Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1952).
- ARAÚJO, Antônio de — LEAM, Bertholameu de, *Catecismo brasilico da doutrina christãa*, Miguel Deslandes, Lisboa, 1686.
- ARRONCHES, João de, "O Caderno da Língua ou vocabulario Portuguez-Tupi de Frei João de Arronches, 1739: notas e comentários à margem de um manuscrito do sec. XVIII [por] Plínio Ayrosa" in *Revista do Museu Paulista*, tomo XXI, 1937, pp. 49-322.
- AZEVEDO, Gilda Maria Corrêa de, *Língua Kariri: descrição do dialeto Kipeá*, dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1965.
- BANDEIRA, Maria de Lurdes, *Os Kariris de Mirandela: um grupo indígena integrado*. Universidade Federal da Bahia (Estudos Baianos 6), Salvador, 1972.
- BARBOSA, A. Lemos, "Juká, o paradigma da conjugação tupi: estudo etimológico-gramatical" in *Revista Filológica*, ano II, n. 12, Rio de Janeiro, 1941, pp. 74-84.
- \_\_\_\_\_, "Nova categoria gramatical tupi: a visibilidade e a invisibilidade nos demonstrativos" in *Verbum*, tomo IV, fasc. 2, Rio de Janeiro, 1947, pp. 67-74.
- \_\_\_\_\_, *Pequeno vocabulário Tupi-Português*, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1955 (3.ª ed.: Livraria São José, Rio de Janeiro, 1967).
- \_\_\_\_\_, *Curso de Tupi Antigo*, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956.
- \_\_\_\_\_, *Pequeno vocabulário Português-Tupi*, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1970.
- BARCATTÀ DE VAL FLORIANA, Mansueto, "Diccionarios Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang" in *Revista do Museu Paulista*, tomo XII, 1920, pp. 1-392.
- BENDOR-SAMUEL, D., "Gramática pedagógica da língua Guajajára" in *Arquivo Lingüístico*, n. 29, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1969.

- BENDOR-SAMUEL, J., "Outline of the grammatical and phonological structure of Terêna" in *Arquivo Lingüístico*, n. 90 e 91, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1961.
- BETTS, La Vera D., *Dicionário Parintintin-Português-Parintintin*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1981.
- BONTKES, Carolyn, "Subordinate clauses in Suruí" in David L. Fortune (org.), *Porto Velho workpapers*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1985, pp. 189-207.
- BONTKES, Willem — DOOLEY, Robert A., "Verification particles in Suruí" David L. Fortune (org.), *Porto Velho workpapers*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1985, pp. 166-188.
- BOSWOOD, Joan, "Evidências para a inclusão do Aripaktsá no filo Macro-Jê" in *Série Lingüística* 1, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973, pp. 67-78.
- \_\_\_\_\_, "Algumas funções de participante nas orações Rikbaktsa" in *Série Lingüística* 3, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974a, pp. 7-33.
- \_\_\_\_\_, "Citações no discurso narrativo da língua Rikbaktsa" in *Série Lingüística* 3, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974b, pp. 99-129.
- \_\_\_\_\_, *Quer falar a língua dos Canoeiros? Rikbaktsa em 26 lições*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978.
- BOUDIN, Max H., *Dicionário de Tupi moderno (dialeto tembéténé-téhar do alto rio Gurupi)*, 2 vols., Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, São Paulo, 1978.
- BRAGGIO, Sílvia Lúcia Bigonjal *Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1981.
- BRIDGEMAN, Loraine Irene, *O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guaraní*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1981.
- BURGESSION, Eunice, "Duas análises das sílabas do Xavânte" in *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971.
- BURUM, Martinho (org.), *Aypapayú'üm'üm ékawen: lendas mundurukús*, 3 vols., Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977-1979.
- BUTLER, Nancy, "Derivação verbal na língua Terêna" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 73-100.
- \_\_\_\_\_, "Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terêna" in *Ensaios lingüísticos* 1, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978.
- CÂMARA JR., J. Mattoso, *Princípios de lingüística geral*, 4.ª ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1964.
- \_\_\_\_\_, *Introdução às línguas indígenas brasileiras*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1965 (há reimpressões posteriores pela Livraria Acadêmica e pela Livraria Padrão, ambas do Rio de Janeiro).
- CAMPBELL, Robert, "Marcadores de fontes de informação na língua Jamamadí" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 117-126.
- CARSON, Neusa Martins, "Macuxi (Caribe) e os universais de Greenberg" in *Revista do Centro de Artes e Letras*, vol. 3, n. 1, Santa Maria, 1981a, pp. 66-70.
- \_\_\_\_\_, *Phonology and morphosyntax of Macuxi (Carib)*, tese de doutorado, University of Kansas, 1981b.

- CHAPMAN, Shirley, "Significado e função de margens verbais na língua Paumari" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 199-230.
- \_\_\_\_\_, "Dois conetivos contrastantes da língua Paumari" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 111-115.
- \_\_\_\_\_, "Gramática pedagógica Paumari" in *Arquivo Lingüístico*, n. 152, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1983.
- COLBACCHINI, Antônio — ALBISSETTI, César. *Os Boróros Orientais Orarimogodogue do Planalto Central de Mato Grosso*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- COMODO, Cristina Helena Rohwedder. *Concordância em Mundurukú*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1981a.
- \_\_\_\_\_, "Concordância nominal em Mundurukú" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* 4, Araraquara, 1981b, pp. 265-272.
- COSTA, Frederico, "Elementos necessários para aprender o Nheengatú" in *Carta Pastoral de Dom Frederico Costa, Bispo do Amazonas*, Tip. Minerva, Fortaleza, 1909, pp. 155-249.
- COUDREAU, Henri, *Voyage au Xingú*, A. Lahure, Paris, 1897.
- CROFTS, Marjorie, "Notas sobre dois dialetos do Mundurukú" in *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica* 2, Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1967, pp. 85-91.
- \_\_\_\_\_, "Repeated morphs in Mundurukú" in *Estudos de Línguas e Culturas Indígenas*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971, pp. 60-80.
- \_\_\_\_\_, *Gramática Mundurukú*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 2), Brasília, 1973.
- \_\_\_\_\_, "Ideófonos na narração Mundurukú" in Robert A. Dooley (org.), *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 11), Brasília, 1984.
- \_\_\_\_\_, *Aspectos da língua Mundurukú*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1985.
- CROFTS, Marjorie et al., *Dicionário bilingüe em Português e Mundurukú*, Fundação Nacional do Índio, Brasília, 1977.
- CROWELL, Thomas, "The phonology of Boróro verb postposition and noun paradigms" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 2, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1977, pp. 157-178.
- \_\_\_\_\_, *A grammar of Boróro*, tese de doutorado, Cornell University, 1979.
- CUNHA, Antônio Geraldo, *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Edições Melhoramentos e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.
- DAVIS, Irvine, "Proto-Jé phonology" in *Estudos Lingüísticos, Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, vol. 1, n. 2, São Paulo, 1967, pp. 10-24.
- \_\_\_\_\_, "Some Macro-Jé relationships" in *International Journal of American Linguistics*, vol. 34, Bloomington, Indiana, 1968, pp. 42-47.
- DERBYSHIRE, Desmond. *Textos Hixkaryána*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Publicações Avulsas 3), Belém, 1965.
- \_\_\_\_\_, *Hixkaryána*, North Holland (Lingua Descriptive Studies I), Amsterdam, 1979.
- \_\_\_\_\_, "Arawakan (Brazil) morphosyntax" in *1982 Work papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session*, vol. 26, Summer Institute of Linguistics, Huntington Beach, Califórnia, 1982.
- DOBSON, Rose, "Notas sobre substantivos do Kayabí" in *Série Lingüística* 1, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973, pp. 30-56.
- \_\_\_\_\_, "Repetição em Kayabí" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 83-106.
- DOOLEY, Robert A., "A constituent boundary marker in Guarani" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 2, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1977, pp. 145-155.
- \_\_\_\_\_, *Vocabulário do Guarani*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1982a.
- \_\_\_\_\_, "Options in the pragmatic structuring of Guarani sentences" in *Language* 58, Linguistic Society of America, Baltimore, 1982b, pp. 307-331.
- \_\_\_\_\_, "Spatial deixis in Guarani" in *Ciência e Cultura* 35 (9), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, 1983, pp. 1243-1250.
- \_\_\_\_\_, "Nasalização na língua Guarani" in Robert A. Dooley (org.), *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 11), Brasília, 1984, pp. 7-35.
- DOOLEY, Robert A. — GREEN, Harold, "Aspectos verbais e categorias discursivas na língua Palikúr" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977.
- DURBIN, Marshall, "A survey of the Carib language family" in Ellen B. Basso (org.), *Carib-speaking Indians: culture, society, and language*, The University of Arizona Press, Tucson, 1977.
- EDELWEISS, Frederico G., *Tupis e Guaranis: estudos de etnonímia e lingüística*. Secretaria da Educação e Saúde (Publicações do Museu da Bahia, n. 7), Bahia, 1947.
- \_\_\_\_\_, *O caráter da segunda conjugação tupi*, Livraria Progresso Editora, Bahia, 1958.
- \_\_\_\_\_, *Estudos Tupis e Guaranis: confrontos e revisões*, Livraria Brasiliiana Editora, Rio de Janeiro, 1969.
- EKDAHL, E. Muriel, "Terêna dictionary" in *Arquivo Lingüístico*, n. 95, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1969.
- EKDAHL, E. Muriel — BUTLER, Nancy E., *Aprenda Terêna*, vol. 1, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1979a.
- \_\_\_\_\_, *Aprenda Terêna*, vol. 2, Summer Institute of Linguistics (xerox), Brasília, 1979b.
- ELGIN, Suzette Haden, *Que é lingüística?* Trad. de A. Soares da Rocha, H. M. Camacho e J. Malles, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1974.
- EMIRI, Loretta, *Gramática pedagógica da língua Yānomamè*, Missão Catrimâni, Boa Vista, 1981.
- EMMERICH, Charlotte, *A fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise*, Museu Nacional (Lingüística X), Rio de Janeiro, 1980.
- EMMERICH, Charlotte — MONTSERRAT, Ruth M. F., *Sobre a fonologia da língua Aweti*, Museu Nacional (Boletim do Museu Nacional, n.s., Antropologia 25), Rio de Janeiro, 1972.

- \_\_\_\_\_, *Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos: notas lingüísticas*, Museu Nacional (Boletim do Museu do Índio, Antropologia 3), Rio de Janeiro, 1975.
- EVERETT, Daniel L., *Aspectos da fonologia do Pirahã*, dissertação de mestrado, UNICAMP, 1979.
- \_\_\_\_\_, "Acentuação, tom e silabificação no Pirahã" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* 5, São Paulo, 1981, pp. 115-127.
- \_\_\_\_\_, *A língua Pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectivas e teoria*, tese de doutorado, UNICAMP, 1983.
- FIGUEIRA, Luís, *Arte da Língua Brasílica*, Manoel da Silva, Lisboa, 1621 (nova edição): *Arte de grammatica da Lingua Brasílica*, Miguel Deslandes, Lisboa, 1687. Reprodução facsimilar por J. Platzmann: *Grammatica da língua do Brasil*, B. G. Teubner, Leipzig, 1878. Reedição mais recente por Emílio Allain: *Arte de grammatica da Lingua Brasílica*, Lombaerts & C., Rio de Janeiro, s.d.
- FORTUNE, David L., "Gramática Karajá: um estudo preliminar em forma transformacional" in *Série Lingüística 1*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973, pp. 101-161.
- FORTUNE, David L. — FORTUNE, Gretchen, "Karajá men's-women's speech differences with social correlates" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 1, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1975, pp. 109-124.
- FRANÇA, Ernesto Ferreira, *Chrestomathia da Lingua Brasílica*. F. A. Brockhaus, Leipzig, 1859.
- GIACOME, Antônio, *Pequena gramática e dicionário da língua "Ta-liáseri ou Tariano"*, Escola Tipográfica Salesiana, Salvador, 1962.
- \_\_\_\_\_, *Gramática, dicionários e fraseologia da língua Dahceié ou Tucano*, s.e., Belém, 1965.
- \_\_\_\_\_, *Pequena gramática e dicionário da língua Kótiria ou Uanano*. Imprensa Universitária, Belém, 1967 (?).
- GRAHAM, Albert — GRAHAM, Sue, "Assinalamento fonológico das unidades gramaticais em Sateré" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 3, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1978, pp. 219-231.
- GRAHAM, Albert e Sue — HARRISON, Carl H., "Prefixos pessoais e numerais da língua Sateré-Mawé" in Robert A. Dooley (org.), *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1984, pp. 175-205.
- GREEN, Harold e Diana, *Surface structure of Palikur grammar*, Summer of Linguistics (mimeografado), Brasília, 1972.
- GRIFFITHS, Glyn, "Numerals and demonstratives in Kadiwéu" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 1, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1975, pp. 63-77.
- GRIFFITHS, Glyn — GRIFFITHS, Cynthia, *Aspectos da língua Kadiwéu*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 6), Brasília, 1976.
- GRIMES, Barbara (org.), *Ethnologue: languages of the world*, 10.<sup>a</sup> ed., Wycliffe Bible Translators, Dallas, 1984.
- GROTH, Christa, "Syntax of the phrase types in Canamari" in David L. Fortune (org.), *Porto Velho workpapers*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1985, pp. 93-129.
- GUDSCHINSKY, Sarah C., "Ofaié-Xavánte, a Jê language" in *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971, pp. 1-16.
- \_\_\_\_\_, "Sistemas contrastivos de marcadores de pessoa em duas línguas Carib: Apalaí e Hixkaryána" in *Série Lingüística 1*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973, pp. 57-62.
- \_\_\_\_\_, "Fragments de Ofaié: a descrição de uma língua extinta" in *Série Lingüística 3*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974, pp. 177-249.
- GUDSCHINSKY, Sarah C. — AARON, Waldo M., "Some relational post-positionals of Guarani" in "Estudos sobre línguas e culturas indígenas", Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971, pp. 81-95.
- GUDSCHINSKY, Sarah C. — POPOVICH, Harold — POPOVICH, Frances, "Native reaction and phonetic similarity in Maxakalí phonology" in *Language*, vol. 46, Linguistic Society of America, Baltimore, 1970, pp. 77-88.
- GUEDES, Marymarcia, *Subsídios para uma análise fonológica do Mbiá*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1983.
- GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur, "O nexo lingüístico Boróro — Merrime-Caiapó" in *Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, tomo 2, n. 1, Curitiba, 1939, pp. 61-74.
- \_\_\_\_\_, "Estudos sobre a língua Caingangue" in *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. II, Curitiba, 1942, pp. 97-177.
- \_\_\_\_\_, "Estudos sobre a língua Camacá: pequeno vocabulário, nótulas gramaticais, investigações etimológicas" in *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. IV, Curitiba, 1945, pp. 291-320.
- HALL, Joan, *Os sistemas fonológicos e gráficos Xavánte e Português (análise contrastiva)*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 4), Brasília, 1979.
- HAM, Patrícia, "Apinayé grammar" in *Arquivo Lingüístico*, n. 108, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1961.
- \_\_\_\_\_, "Apinayé text 1, 2, 3" in *Arquivo Lingüístico*, n. 109-111, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1962.
- \_\_\_\_\_, "Morfofonêmica Apinayé" in *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, vol. 2, Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1967, pp. 123-126.
- HAM, Patrícia — WALLER, Helen — KOOPMAN, Linda, *Aspectos da língua Apinayé*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1979.
- HARRISON, Carl H., *Gramática Asurini*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 4), Brasília, 1975.
- \_\_\_\_\_, "A forma lingüística de uma teoria folclórica dos Kamaiurás" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. 2, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1977, pp. 81-98.
- HARTT, Charles Frederick, "Notas sobre a língua geral ou tupi moderno do Amazonas" in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 51, Rio de Janeiro, 1938, pp. 303-390.
- HAWKINS, W. Neil, *A fonologia da língua Uaiuái*, Universidade de São Paulo (Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras cional (Publicações Avulsas n. 21), Rio de Janeiro, 1962.
- \_\_\_\_\_, *A morfologia do substantivo na língua Uaiuái*, Museu Nacional (Publicações Avulsas nº 21), Rio de Janeiro, 1962.
- HEINRICH, Arlo, *Os fonemas do Mura-Pirahã*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Boletim, n.s., Antropologia 21), Belém, 1964.
- \_\_\_\_\_, "Notas preliminares sobre núcleos oracionais contrastivos em Mura-Pirahã" in *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*,

- vol. 2, Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1967, pp. 127-131.
- HODSDON, Cathy Ann, "Análise de cláusulas semânticas na língua Makúsi" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 267-300.
- JACKSON, Evelyn, "Discurso processual em Waurá" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. 2, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1977, pp. 179-197.
- JACKSON, Jean, "Language identity of the Columbian Vaupés Indians" in Richard Bauman e Joel Scherzer (orgs.), *Explorations in the ethnography of speaking*. Cambridge University Press, Cambridge e Nova Iorque, 1974, pp. 50-64.
- JENSEN, Cheryl J. S., "Um estudo de frases não verbais em Oiam-pí" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. 3, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1978, pp. 263-283.
- \_\_\_\_\_, "Algumas consequências morfológicas do desenvolvimento fonológico da língua Wayapí (Oyampí)" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* 7, São Paulo, 1983, pp. 16-25.
- \_\_\_\_\_, *O desenvolvimento histórico da língua Wayampí*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1984.
- JORE, D. e C., "Descrição preliminar da estrutura fonológica da língua Yahup Makú" in *Arquivo Lingüístico*, n. 158, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1980.
- KAKUMASU, James, "Gramática gerativa preliminar da língua Urubú" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 171-198.
- KINGSTON, Peter, "Repetition in Mamaíndé discourse" in *Arquivo Lingüístico*, n. 67, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973.
- \_\_\_\_\_, "Sufixos referenciais e o elemento nominal na língua Mamaíndé" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976.
- \_\_\_\_\_, "11 textos em Mamaíndé" in *Arquivo Lingüístico*, n. 68, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor, "Betóya-Sprachen Nordwestbrasiliens und der angrenzenden Gebiete" in *Anthropos*, 1912-1916: vol. VII (1912), pp. 429-612; vol. VIII (1913), pp. 944-976; vol. IX (1914), pp. 151-195, 569-589, 812-832; vol. X-XI (1915-1916), pp. 114-158, 421-449.
- KOEHN, Edward — KOEHN, Sally, "Fonologia da língua Apalái" in *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971a, pp. 17-28.
- \_\_\_\_\_, "Apalái language description" in *Arquivo Lingüístico*, n. 127, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971b.
- KOOP, G. e L., "Dicionário Dení-Português, Português-Dení" in *Arquivo Lingüístico*, n. 145, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1985.
- KOOPMAN, Linda, "Cláusulas semânticas na língua Apinajé" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 301-330.
- KROEKER, Barbara, *Aspectos da língua Nambikuára*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1980.
- KROEKER, Menno H., "Condicionamento múltiplo de vogais na língua Nambikuára" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 107-130.
- \_\_\_\_\_, "The role of tone in Nambikuára" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. 2, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1977, pp. 119-143.
- LANDIN, David, *Dicionário e léxico Karitiána-Português*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1983.
- \_\_\_\_\_, "An outline of the syntactic structure of Karitiána sentences" in Robert A. Dooley (org.), *Estudos sobre línguas Tupí do Brasil*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 11), Brasília, 1984, pp. 219-254.
- LANDIN, David e Rachel, "Textos Karitiána n. 1-6" in *Arquivo Lingüístico*, n. 150, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974.
- LAPENDA, Geraldo, *Estrutura da língua iaté*, Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária, Recife, 1968.
- LARRUCEA DE TOVAR, Consuelo, *Suplemento al Catálogo de las lenguas de América del Sur*, Valsartina Editore e Consiglio Nazionale delle Ricerche, Florença, 1972.
- LEITE, Yonne de Freitas, *Aspectos da fonologia e morfofonologia tapirapé*, Museu Nacional (Lingüística VIII), Rio de Janeiro, 1977.
- LEMLE, Miriam, "Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family" in *Tupí Studies I* (D. Bendor-Samuel, ed.), Summer Institute of Linguistics, Norman, 1971, pp. 107-129.
- LÉRY, Jean de, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique*, Antoine Chappin, La Rochelle, 1578.
- \_\_\_\_\_, *Viagem à terra do Brasil* (trad. de Sérgio Milliet), Livraria Martins (Biblioteca Histórica Brasileira, VII), São Paulo, 1951.
- LOUKOTKA, Chestmír, "La familia lingüística Masakali" in *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, tomo II, Tucumán, 1931, pp. 21-47.
- \_\_\_\_\_, "La familia lingüística Kamakan del Brasil" in *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, tomo II, 1932, pp. 493-524.
- \_\_\_\_\_, "La familia lingüística Coroadó" in *Journal de la Société des Américanistes*, n.s., tomo XXIX, Paris, 1937, pp. 157-214.
- \_\_\_\_\_, "A língua dos Patachos" in *Revista do Arquivo Municipal*, n. 55, São Paulo, 1939, pp. 5-15.
- \_\_\_\_\_, *Les langues de la famille Tupi-Guarani*, Universidade de São Paulo (Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 104, Etnografia e Língua Tupi-Guarani 16), São Paulo, 1950.
- \_\_\_\_\_, *Classification of South American Indian languages*, Latin American Center, University of California, Los Angeles, 1968.
- LOWE, Ivan, "Estrutura do tema verbal Nambiquara" in *Pilei, Actas del Simposio de Montevideo*, México, 1975, pp. 223-230.
- LYONS, John, *Introdução à lingüística teórica* (trad. de Rosa V. Mattos e Silva e Hélio Pimentel), Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- MAGALHÃES, José Vieira Couto de, "Curso de língua geral pelo método Ollendorf, textos de lendas indígenas" in J. V. Couto de Magalhães, *O selvagem*, Typographia da Reforma, Rio de Janeiro, 1876, (nova edição: Livraria Itatiaia Editora Ltda. e Editora da Universidade de São Paulo (Coleção Reconquista do Brasil, 16), Belo Horizonte, 1975.

- MAMIANI, Luis Vincencio, *Catecismo da doutrina christã na lingua brasilica da nação Kiriri*, Miguel Deslandes, Lisboa, 1698 (reproduzido sob o título *Catecismo Kiriri*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1942).
- \_\_\_\_\_, *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam Kiriri*, Miguel Deslandes, Lisboa, 1699 (reeditada no Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1877).
- MARTIUS, Carl Friedrich Phil. von, *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, vol. II: "Wörter-sammlung brasiliianischer Sprachen, Glossaria linguarum brasiliensium, Glossarios de diversas linguas e dialetos, que fallão os indios do imperio do Brazil", Friedrich Fleischer, Leipzig, 1867.
- MATTOS, Rinaldo de, "Fonêmica Xerente" in *Série Lingüística* 1, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973, pp. 79-100.
- MCLEOD, Ruth "Fonemas Xavânte" in *Série Lingüística* 3, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974, pp. 131-152.
- MCLEOD, Ruth — MITCHELL Valerie, "Aspectos da língua Xavânte", Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977.
- MEADER, Robert E., *Iranxe: notas gramaticais e lista vocabular*, Museu Nacional (Publicações, Série Diversos, Lingüística II), Rio de Janeiro, 1967.
- \_\_\_\_\_, *Indios do Nordeste: levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste brasileiro*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 8), Brasília, 1978.
- MEER, Tine Hivan der, "A nasalização em limite de palavra no Surui" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* 4, Araraquara, 1981, pp. 282-287.
- \_\_\_\_\_, *Fonologia da língua Surui*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1982.
- \_\_\_\_\_, "Ideofones e palavras onomatopaicas em Surui" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* 7, São Paulo, 1983, pp. 10-15.
- MELAND, Douglas, "Fulniô grammar" in *Arquivo Lingüístico*, n. 36, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1968.
- MELAND, Douglas e Doris, "Fulniô phonology" in *Arquivo Lingüístico* n. 25, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1967.
- MELIÀ, Bartomeu — GRÜNBERG Georg — GRÜNBERG, Friedl, *Los Paï-Tavyterá: etnografía guaraní del Paraguay contemporáneo*, Centro de Estudios Antropológicos, Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", Assunção, 1976.
- MELO, Alonso S. de, *Esboço gramatical do idioma Pareci*, s.e., São Paulo, 1942.
- \_\_\_\_\_, "Índice de posse na língua dos Parecis" in *Estudos*, ano III, n. 6, Porto Alegre, 1943, pp. 62-67.
- MEVA, *Dicionário Sanuma, grupo Yanomami*, Missão Evangélica da Amazônia, Boa Vista, 1983.
- MIGLIAZZA, Ernesto, *Fonologia Máku*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Boletim, n.s., Antropologia n. 25), Belém, 1965a.
- \_\_\_\_\_, *Notas fonológicas da língua Tiriyó*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Boletim, n.s., Antropologia nº 29), Belém, 1965b.
- \_\_\_\_\_, *Esboço sintático de um corpus da língua Máku*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Boletim, n.s., Antropologia nº 32), Belém, 1966.
- \_\_\_\_\_, "Grupos lingüísticos do Território Federal de Roraima" in *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, vol. 2, Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1967, pp. 153-173.
- \_\_\_\_\_, *Yanomama grammar and intelligibility*, tese de doutorado, Indiana University, 1974.
- MONOD-BECQUELIN, Aurore, *La pratique linguistique des indiens Trumai*, SELAF, Paris, 1975.
- \_\_\_\_\_, "Classes verbales et construction ergative en Trumai" in *Amérindia* 1, Paris, 1976, pp. 117-143.
- \_\_\_\_\_, "Les amants punis: conte trumai (Haut-Xingù, Brésil)" in *Amérindia* 2, Paris, 1977, pp. 163-173.
- MONSERRAT, Ruth Maria Fonini, *Prefixos pessoais em Aweti*, Museu Nacional (Lingüística III), Rio de Janeiro, 1976.
- MOORE, Barbara, "Some discourse features of Hupda Macú" in Robert E. Longacre, *Discourse grammar: studies in indigenous languages of Colombia, Panama, and Ecuador*, 2nd part, Summer Institute of Linguistics, Dallas, 1977, pp. 25-42.
- MOORE, Barbara — FRANKLIN, Gail, *Breves notícias da língua Makú-Hupda*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 6), Brasília, 1979.
- MOORE, Dennis A., *Syntax of the language of the Gavião Indians of Rondônia, Brasil*, tese de doutorado, City University of New York, 1984.
- MORAN, Paul — MORAN, Dorothy, "Notas sobre morfologia verbal Dení" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 29-72.
- MOURA, José de, *Os Münkü: segunda contribuição ao estudo da tribo Iranche*, Instituto Anchieta de Pesquisas (Pesquisas, Antropologia n. 10), Porto Alegre, 1960.
- NANTES, Bernardo de, *Katēcismo indico da lingua Kariris*, Valentim da Costa Deslandes, Lisboa, 1709 (reproduzido por Júlio Platzmann, B. G. Teubner, Leipzig, 1896).
- NICHOLSON, Velda, "Textos Asurini: 25 histórias, 7 mitos" in *Arquivo Lingüístico*, n. 15, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976a.
- \_\_\_\_\_, "Asurini domains dictionary" in *Arquivo Lingüístico*, n. 17, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976b.
- \_\_\_\_\_, *Aspectos da língua Asurini*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978.
- \_\_\_\_\_, *Breve estudo da língua Asurini do Xingu*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 5), Brasília, 1982.
- NIMUENDAJÚ, Curt, "Zur Sprache der Šipáia-Indianer" in *Anthropos*, vol. 18-19, Viena, 1923-1924, pp. 836-857.
- \_\_\_\_\_, "As tribus do alto Madeira" in *Journal de la Société des Américanistes*, tomo XVII, 1925, pp. 137-172.
- \_\_\_\_\_, "Wortliste der Šipáia-Sprache" in *Anthropos*, vol. 24, Viena, 1929, pp. 821-850; 863-896.
- \_\_\_\_\_, "Idiomas indígenas del Brasil" in *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, tomo II, Tucumán, 1932, pp. 543-618.
- \_\_\_\_\_, "Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés, março a julho de 1927: apontamentos lingüísticos" (2.ª parte), in *Jour-*

- nal de la Société des Américanistes*, tomo XLIV, Paris, 1955, pp. 147-177.
- \_\_\_\_\_, *Textos indigenistas*, Edições Loyola, São Paulo, 1982.
- NIMUENDAJÚ, Curt — BENTES, E. H. do Valle, "Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazone" in *Journal de la Société des Américanistes*, tomo XV, 1923, pp. 215-222.
- OLSON, Gary, "18 textos Oiapí (dialeto Jari)" in *Arquivo Lingüístico*, n. 100, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976.
- \_\_\_\_\_, *Descrição preliminar de orações Wajapí*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 3), Brasília, 1978.
- OLSON, Roberta, *Dicionário por tópicos nas línguas Oiapí (Wajapí)-Português*, Summer Institute of Linguistics (Ensaios Lingüísticos 2), Brasília, 1978.
- PALACIO, Adair Pimentel, *Guató, a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai*, tese de doutorado, Unicamp, 1984.
- PARINTINTÍN, *Morögita: lendas dos Parintintín*, Summer Institute of Linguistics, Rio de Janeiro, 1966.
- PAULA, Ruth Wallace Garcia de, *Língua Karuyana: fonologia segmental e afixos*, Museu Nacional (Lingüística IX), Rio de Janeiro, 1980a.
- \_\_\_\_\_, *Notas verbais da língua Tiriýó*, Museu do Índio (Boletim, Série Lingüística, 1), Rio de Janeiro, 1980b.
- PEASE, Helen, "Parintintín grammar" in *Arquivo Lingüístico*, n. 83, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1968.
- PEROTA, Celso, et al., "A comunidade indígena de Caeiras Velhas" in *Revista de Cultura Ufes*, ano L, n. 2, Vitória, 1979, pp. 12-20.
- PICKERING, Wilbur, "Apurinã grammar" in *Arquivo Lingüístico*, n. 8, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971.
- \_\_\_\_\_, "Interrogativos Apurinã". *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. 2, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1977a, pp. 99-117.
- \_\_\_\_\_, "Relativização em Apurinã" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977b, pp. 127-140.
- \_\_\_\_\_, "Negação no Apurinã" in *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. 3, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1978, pp. 233-261.
- PIRA, Vicente — AMODIO, Emanuele, *Makuri maimu: guia para a aprendizagem e dicionário da língua Makuri*, Centro de Documentação das Culturas Indígenas de Roraima, Boa Vista, 1983.
- POPJES, Jack D. (org.), *Lendas e contos Canela-Krahô*, 6 vols., Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1982.
- POPOVICH, Harold, "Large grammatical units and the space-time setting in Maxakalí" in *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, vol. 2, Conselho Nacional de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1967, pp. 195-199.
- \_\_\_\_\_, "The sun and the moon, a Maxakalí text" in *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1971, pp. 29-59.
- PRICE, P. David, "Southern Nambiquara phonology" in *International Journal of American Linguistics*, vol. 42, 1976, pp. 338-348.
- \_\_\_\_\_, "The Nambiquara linguistic family" in *Anthropological Linguistics*, vol. 20, n. 1, 1978, pp. 14-37.
- RAMOS, Alcida Rita, *Manual para treinamento na língua Yanomam*, Universidade de Brasília, Brasília, 1975.
- RICHARDS, Joan, "Dificuldades na análise da possessão nominal na língua Waurá" in *Série Lingüística* 1, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1973, pp. 11-29.
- \_\_\_\_\_, "Orações em Waurá" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 141-184.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna, "O artigo definido e os numerais na língua Kirirí, vocabulários Português-Kirirí e Kirirí-Português" in *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. II, Curitiba, 1942, pp. 179-212.
- \_\_\_\_\_, "A composição em Tupi" in *Logos*, ano VI, n. 14, Curitiba, 1951, pp. 63-70.
- \_\_\_\_\_, "Análise morfológica de um texto Tupi" in *Logos*, ano VII, n. 15, Curitiba, 1952, pp. 56-77.
- \_\_\_\_\_, "Morfologia do verbo Tupi" in *Letras*, n. 1, Curitiba, 1953, pp. 121-152.
- \_\_\_\_\_, "As línguas 'impuras' da família Tupi-Guaraní" in *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, São Paulo, 1955a, pp. 1055-1071.
- \_\_\_\_\_, "Morphologische Erscheinungen einer Indianersprache" in *Münchener Studien zur Sprachwissenschaft*, vol. 7, Munique, 1955b, pp. 79-88.
- \_\_\_\_\_, "Classification of Tupi-Guaraní" in *International Journal of American Linguistics*, vol. 24, 1958, pp. 231-234.
- \_\_\_\_\_, *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. -Tese de doutorado, Universität Hamburg, 1959.
- \_\_\_\_\_, (Comparação das línguas Umutina e Boróro) in Harald Schultz, "Informações etnográficas sobre os Umutina" in *Revista do Museu Paulista*, s.n., vol. 13, São Paulo, 1962, pp. 99-108.
- \_\_\_\_\_, "A classificação do tronco lingüístico Tupi" in *Revista de Antropologia*, vol. 12, São Paulo, 1964, pp. 99-104.
- \_\_\_\_\_, "Classificação da língua dos Cinta-Larga" in *Revista de Antropologia*, vol. 14, São Paulo, 1966, pp. 27-30.
- \_\_\_\_\_, "Línguas ameríndias" in *Grande Encyclopédia Delta-Larousse*, Delta, Rio de Janeiro, 1970, pp. 4034-4036.
- \_\_\_\_\_, "O sistema pessoal do Tupinambá" in *Ensaios de Lingüística* 1, Belo Horizonte, 1978, pp. 167-173.
- \_\_\_\_\_, "A língua dos índios Xetá como dialeto guarani" in *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 1, Campinas, 1979, pp. 7-11.
- \_\_\_\_\_, "Tupinambá e mudurukú: evidências fonológicas e lexicais de parentesco genético" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* 3, Araraquara, 1980, pp. 194-209.
- \_\_\_\_\_, "Abertura e ressonância" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* 4, Araraquara, 1981a, pp. 324-333.
- \_\_\_\_\_, "Nasalização e fronteira de palavra em Maxakalí" in *Anais do V Encontro Nacional de Lingüística*, vol. 2, Rio de Janeiro, 1981b, pp. 305-311.
- \_\_\_\_\_, "Relações internas na família lingüística Tupi-Guaraní" in *Revista de Antropologia*, vols. 27/28, São Paulo, 1985, pp. 33-53.
- \_\_\_\_\_, "Evidence for Tupi-Carib relationships" in Harriet M. Klein e Luisa Stark (orgs.), *South American Indian languages: retrospect and prospect*, University of Texas Press, Austin, pp. 371-404.

- RODRIGUES, Daniele Marcelle Grannier, *Fonologia do Guarani Antigo*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1974.
- RODRIGUES, João Barbosa de, "Poranduba amazonense" in *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XIV, fascículo 2, Rio de Janeiro, 1890, pp. I-XV, 1-334.
- RONDON, Cândido Mariano da Silva — FARIA, João Barbosa de, *Esbôco gramatical e vocabulário da língua dos índios Boróro*. Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro, 1948a.
- \_\_\_\_\_, *Esbôco gramatical; vocabulário; lendas e cânticos dos índios Ariti (Parici)*, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro, 1948b.
- ROWAN, Orland B., *Textos em Haliti (Parecis) I*, Summer Institute of Linguistics, Cuiabá, 1983.
- ROWAN, Orland — BURGESS, Eunice, "Gramática Parecis" in *Arquivo Lingüístico*, n. 146, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1979.
- ROWAN, Orland — ROWAN, Phyllis, "Estrutura discursiva Parecis" in *Série Lingüística* 7, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1977, pp. 101-110.
- \_\_\_\_\_, *Dicionário Parecis-Português e Português-Parecis*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978.
- RUIZ DE MONTOYA, Antonio, *Tesoro de la lengua Guarani*, Juan Sanchez, Madri, 1639 (reprodução facsimilar por J. Platzmann, B. G. Teubner, Leipzig, 1876. Nova edição pelo Visconde de Porto Seguro, Faesy y Frick, Viena; Maisonneuve y Cia., Paris, 1876).
- \_\_\_\_\_, *Arte, y Bocabulario de la lengua Guarani*, Juan Sanchez, Madri, 1640 (reprodução facsimilar por J. Platzmann, em dois volumes separados: *Arte de la lengua Guarani*, B. G. Teubner, Leipzig, 1876, *Bocabulario de la lengua Guarani*, B. G. Teubner, Leipzig, 1876. Nova edição pelo Visconde de Porto Seguro, Faesy y Frick, Viena; Maisonneuve y Cia., Paris, 1876).
- SAELZER, Meinke, "Fonologia provisória da língua Kamayurá" in *Série Lingüística* 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976, pp. 131-170.
- SCHUCHARD, Barbara, *Nane ñë: gramática guarani para castellano hablantes*, Ayuda para el Campesino del Oriente Boliviano (APCOB) e Centro Boliviano de Investigación y Acción Educativas (Cebiae), Santa Cruz de la Sierra, 1979.
- SEKI, Lucy, "O Kamaiurá: língua de estrutura ativa" in *Língua e Literatura* 5, São Paulo, 1976, pp. 217-227.
- SHAFER, Robert, "Algumas equações fonéticas em Arawakan" in *Anthropos*, vol. 54, Friburgo, 1959, pp. 542-561.
- SHELDON, L., "Pirahã pedagogical grammar" in *Arquivo Lingüístico*, n. 75, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976.
- SHELDON, S., "Pirahã texts" in *Arquivo Lingüístico*, n. 73, 74, 76, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976.
- SHELDON, S. e L., "4 textos Pirahã" in *Arquivo Lingüístico*, n. 77, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976.
- SHELL, Olive A., "Grammatical outline of Kraho (Ge family)" in *International Journal of American Linguistics*, vol. 18, 1950, pp. 115-129.
- \_\_\_\_\_, *Pano reconstruction*, tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1965, (tradução para o Espanhol: *Las lenguas pano y su reconstrucción*, Instituto Lingüístico de Verano (Serie Lingüística Peruana 12), Yarinacocha, 1975).
- SILVA, Abel O. (Kanaú) — MONSERRAT, Ruth M. F., *Dicionário Kulina-Português e Português-Kulina (dialeto do Igarapé do Anjo)* s. e., s. l., 1984.
- SILVA, Alcionilio Brüzzi Alves da, *Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi*, Centro de Pesquisas de Iauareté, São Paulo, 1961 (com 12 lps.).
- \_\_\_\_\_, *A civilização indígena do Uaupés*, s. e., São Paulo, 1962.
- \_\_\_\_\_, *Observações gramaticais da língua Daxseyé ou Tukano*. Centro de Pesquisas de Iauareté, s. l., 1966.
- SILVA, Márcio Ferreira da, *A fonologia segmental Kamayurá*, Dissertação de mestrado, Unicamp, 1981.
- SMITH, M., "Collection of 18 Apinayé texts" in *Arquivo Lingüístico*, n. 2, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1966.
- SNETHLAGE, Emilie, "Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé" in *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 42, Berlim, 1910, pp. 609-637 (tradução para o Português no *Boletim do Museu Goeldi*, VII, Belém, 1913, pp. 49-99).
- \_\_\_\_\_, "Chipaya- und Curuaya Wörter" in *Anthropos*, vol. 28, Viena, 1932, pp. 65-93.
- SORENSEN, Arthur, "Multilingualism in the northwest Amazon" in *American Anthropologist*, vol. 69, 1967, pp. 670-684 (reproduzido in Patricia Lyon (org.), *Native South Americans: ethnology of the least known continent*, Little, Brown, and Company, Boston e Toronto, 1974, pp. 138-158; e J. B. Pride e J. Holmes (orgs.), *Sociolinguistics*, Penguin Books, Harmondsworth, 1972, pp. 78-93).
- STEINEN, Karl, von den, *Durch Central-Brasilien*, F. A. Brockhaus, Leipzig, 1886 (tradução para o Português por Catarina B. Cannabava, *O Brasil Central*, Companhia Editora Nacional [Coleção Brasiliana, Série Extra, vol. 3], São Paulo, 1942).
- \_\_\_\_\_, *Die Bakairi-Sprache*, K. F. Kohler's Antiquarium, Leipzig, 1892.
- \_\_\_\_\_, *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Geographische Verlagsbuchhandlung von Dietrich Reimer, Berlim, 1894 (tradução para o Português por Egon Schaden, *Entre os aborígenes do Brasil Central*, Departamento de Cultura, São Paulo, 1940).
- STOUT, Mickey — THOMSON, Ruth, "Fonêmica Txukuhamei (Kayapó)" in *Série Lingüística* 3, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974a, pp. 153-176.
- \_\_\_\_\_, "Modalidade em Kayapó" in *Série Lingüística* 3, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974b, pp. 69-97.
- STRADELLI, Ermano, "Pequenos vocabulários, grupo de línguas Tocanás" in *3.ª Reunião do Congresso Latino-Americano*, vol. VI, Rio de Janeiro, pp. 253-317.
- STRADELLI, Ermano, "Vocabulários da língua geral portugues-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de grammatica nheênga-umbuê-sáua-miri e seguidos de contos em língua geral nheêngatú poranduua" in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 104, vol. 158, Rio de Janeiro, 1929, pp. 5-768.
- TASTEVIN, Constantino, "Grammatica da língua Tupy" in *Revista do Museu Paulista*, tomo XIII, São Paulo, 1922a, pp. 535-597.

- \_\_\_\_\_, "Vocabulario Tupy-Portuguez" in *Revista do Museu Paulista*, tomo XIII, 1922b, pp. 599-686.
- \_\_\_\_\_, "Nomes de plantas e animais em lingua Tupy" in *Revista do Museu Paulista*, tomo XIII, São Paulo, 1922c, pp. 687-763.
- \_\_\_\_\_, "A lenda do jabuti" in *Revista do Museu Paulista*, tomo XV, São Paulo, 1927, pp. 385-427.
- TATEVIN, Constant (= Constantino Tastevin), *La langue Tapihüya dite Tupi ou Neengatu (Belle Langue): grammaire, dictionnaire et textes*, Kaiserliche Akademie der Wissenschaften (Schriften der Sprachenkommission, Band II), Viena, 1910.
- TAUKANE, Estêvão Carlos (org.), *Vocabulário Bakairi-Português, Português-Bakairi*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1978.
- TAYLOR, John, "4 Kaiwá texts" in *Arquivo Lingüístico*, n. 47, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976.
- \_\_\_\_\_, "A interrogação na língua Kaiwá" in Robert A. Dooley (org.), *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 11), Brasília, 1984a, pp. 123-156.
- \_\_\_\_\_, "Marcação temporal na língua Kaiwá" in Robert A. Dooley (org.), *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*, Summer Institute of Linguistics (Série Lingüística 11), Brasília, 1984b, pp. 37-121.
- TAYLOR, John — TAYLOR, Audrey, "Statement of Kaiwá grammar from clause to morpheme level" in *Arquivo Lingüístico*, n. 44, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1966a.
- \_\_\_\_\_, "Nove contos contados pelos Kaiwás e Guaranis" in *Revista de Antropologia*, vol. 14, São Paulo 1966b, pp. 81-104.
- THEVET, André, *La cosmographie universelle*, 2 vols., Pierre l'Huillier, Paris, 1575.
- \_\_\_\_\_, *Les français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI siècle: le Brésil et les brésiliens* (selection et notes par Suzanne Lussagnet), Presses Universitaires de France, Paris, 1953.
- THOMSON, Ruth, *Mebakukamā-re'ā ujarenh-neja: lendas Kayapó*, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1982.
- THOMSON, Ruth — STOUT, Mickey, "Elementos proposicionais em orações Kayapó" in Série Lingüística 3, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1974, pp. 35-68.
- TOVAR, Antonio, *Catálogo de las lenguas de América del Sur*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1961.
- TRACY, Frances V., *The phonology and outline grammar of the Ai-kamtheli dialect of Shiriana, with notes on other dialects*, dissertação de mestrado, University of Pennsylvania, 1966.
- TREMAINE, S., "Rikbaktsa narrative discourse" in *Arquivo Lingüístico*, n. 162, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1981.
- WALLACE, Ruth (= Ruth Wallace Garcia de Paula), *Notas fonológicas da língua Karuyana*, Museu Paraense Emílio Goeldi (Boletim, n. s., Antropologia 43), Belém, 1970.
- WALLER, Helen, "5 Apinayé texts" in *Arquivo Lingüístico*, n. 103, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1976a.
- \_\_\_\_\_, "A conjunção nhūm na narrativa Apinajé" in Série Lingüística 5, Summer Institute of Linguistics, Brasília 1976b, pp. 7-29.
- WEIR, E. M. Helen, "Desenvolvimento diacrônico de certos prefixos verbais na língua Nadëb" in *Estudos Lingüísticos (Anais de Seminários do GEL)* 5, São Paulo, 1981, pp. 128-141.
- \_\_\_\_\_, *A negação e outros tópicos de gramática Nadëb*, dissertação de mestrado, Unicamp, 1984.
- WHEATLEY, James, "Grammar of Bakairí" in *Arquivo Lingüístico*, n. 22, Summer Institute of Linguistics, Brasília, 1964.
- WIESEMANN, Ursula, *Dicionário Kaigáng-Português, Português-Kaingáng*, Summer Institute of Linguistics, Rio de Janeiro, 1971.
- \_\_\_\_\_, *Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache*, Mouton, The Hague, 1972.
- \_\_\_\_\_, Os dialetos da língua Kaingáng e Xokléng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, vol. 3, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques, Rio de Janeiro, 1978, pp. 197-217.

## ÍNDICE DE LÍNGUAS

- Adáru-minanei (= Baniwa do Içana)  
Adyána, Adyánene (= Adzáneni, Baniwa do Içana)  
Adzáneni (= Baniwa do Içana)  
Aikaná (língua isolada), 94, 97, 98  
Aini-dákenei (= Baniwa do Içana)  
Ajurú (Wayoró)  
Akawáio (= Ingariqué)  
Akuti-tapuya (= Awádzurunai, Baniwa do Içana)  
Akwáwa (fam. Tupí-Guaraní) 37, 39  
Akwén (grupo da fam. Jê) 48, 49, 56  
Amanayé (fam. Tupí-Guaraní) 39  
Amawáka (fam. Páno) 77, 81  
Anambé (fam. Tupí-Guaraní) 39  
Apalaí (fam. Karib) 58, 62, 63  
Apâniekra (= Canela)  
Aparái (= Apalaí)  
Apiaká (fam. Tupí-Guaraní) 39  
Apinajé (= Apinayé)  
Apinayé (fam. Jê) 24, 48, 50, 53, 55, 56  
Apuriná (fam. Aruák) 68, 69' 70, 72  
Arapásó, Arapásu (fam. Tukáno) 84, 92  
Arára (fam. Karib) 58, 59, 60, 61, 63  
Arára (fam. Ramaráma) 46  
Arára (= Koaiá)  
Arára do Pará (= Arára, fam. Karib)  
Arára-tapuya (= Adáru-minanei, Baniwa do Içana)  
Arawá, família 66, 71, 72  
Araweté (fam. Tupí-Guaraní) 39  
Arikapú (língua isolada) 94, 98  
Arikém (fam. Arikém) 97  
Arikém, família (tronco Tupí) 42, 46, 96-97  
Arikpaksá (= Rikbaktsá)  
Aruá (fam. Mondé) 46  
Aruák, família 61, 65ss. 72, 73, 74, 85  
Asuriní do Coatinema (= A. do Xingu)  
Asuriní do Tocantins (= Akwáwa)  
Asuriní do Trocará (= Akwáwa)  
Asuriní do Xingu (fam. Tupí-Guaraní) 37, 39  
Atroarí (fam. Karib) 63  
Ava (= Chiriguano)  
Avá (fam. Tupí-Guaraní) 39  
Awádzurunai (= Baniwa do Içana)  
Awaeté (= Asuriní do Xingu)  
Awaké (língua isolada) 95, 97, 98  
Aweikóma (= Xokléng)  
Awetí (tronco Tupí) 42, 43, 44, 45, 61  
Bakairí (fam. Karib) 11, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64  
Banavá-Jafi (fam. Arawá) 71, 72  
Baniva (= Baniwa)  
Baniwa (fam. Aruák) 66  
Baniwa do Içana (fam. Aruák) 66, 67, 68, 72  
Bará (fam. Makú) 87, 92  
Bará (= Barasána)  
Barasána, Barasáno (fam. Tukáno) 84, 92  
Baré (fam. Aruák) 66, 68, 72  
Beiço de Pau (= Tapayúna)  
Betóya, família (= Tukáno, família)  
Boróro (fam. Boróro) 12, 50, 51, 53, 54, 55, 56  
Boróro, família (tronco Macro-Jê) 49, 56  
Boróro Oriental (= Boróro)  
Botocudo (fam. Bocotudo) 50, 52, 54, 55

Botocudo, família (tronco Macro-Jê) 49, 56  
 Búia-tapúa (= Dzúreme, Baniwa do Içana)  
 Canela (v. Timbira)  
 Canoeiro (= Avá)  
 Canoeiro (= Rikbaktsá)  
 Chiriguano (fam. Tupí-Guaraní) 33  
 Cinta-Larga (fam. Mondé) 43, 46  
 Coroado (fam. Purí) 49  
 Coroado (= Kaingáng)  
 Coroado, família (= Purí, família)  
 Corumbiara (= Aikaná)  
 Dahseyé (= Tukáno)  
 Dení (fam. Arawá) 71, 72  
 Desána, Desáno (fam. Tukáno) 84, 92  
 Diahói (v. Parintintín)  
 Digüt (= Gavião, fam. Mondé)  
 Dohká-poára (= Tuyúka)  
 Dou (fam. Makú) 88  
 Dzawí-minanei (= Baniwa do Içana)  
 Dzubukuá (fam. Kariri) 49, 52  
 Dzúreme, Dzúremene (= Baniwa do Içana)  
 Enawené-nawé (= Salumã)  
 Erikbaktsá (= Rikbaktsá)  
 Fulniô (= Yatê)  
 Galera (fam. Nambikwára) 81  
 Galibí (fam. Karib) 58, 60, 63  
 Galibí do Oiapoque (= Galibí)  
 Gavião (fam. Mondé) 43, 44, 46  
 Gavião do Maranhão (= Pukobyé)  
 Gavião do Pará (= Parakáteye)  
 Gorotíre (v. Kayapó)  
 Guaikurú, família 73, 74, 81  
 Guajá (fam. Tupí-Guaraní) 39  
 Guajajára (v. Tenetehára)  
 Guarani (fam. Tupí-Guaraní; veja também Guarani Antigo, Kaiwá, Mbiá, Nhandéva) 19, 32, 33, 36, 39, 99  
 Guarani Antigo (fam. Tupí-Guaraní) 30, 31, 34, 35, 36, 37  
 Guarani Boliviano (= Chiriguano)  
 Guarani Paraguai (fam. Tupí-Guaraní) 33  
 Guariba (fam. Makú) 87, 92  
 Guató (tronco Macro-Jê) 49, 50, 51, 54, 55, 56, 95

Hähähäe (Pataxó Hähähäe)  
 Haliti (= Paresí)  
 Héma-dákene (= Baniwa do Içana)  
 Hixkaryána (fam. Karib) 58, 62, 63  
 Höho, Hohôdene (= Baniwa do Içana)  
 Huarí (= Aikaná)  
 Húpda (fam. Makú) 87, 88, 92  
 Ikôrô (= Gavião, fam. Mondé)  
 Ingarikó (fam. Karib) 58, 63  
 Ipéka-tapúa (= Kumadá-mnanei, Baniwa do Içana)  
 Ipuriná (= Apuriná)  
 Ira-tapúa (= Mápa-dákenei, Baniwa do Içana)  
 Irántxe (língua isolada) 95, 97, 98  
 Itogapük (fam. Ramaráma) 46  
 Iyemi (= Tariána)  
 Jabutí (língua isolada) 94, 97, 98  
 Jaikó (fam. Jê) 48  
 Jamamadí (= Yamamadí)  
 Jarawára (fam. Arawá) 71, 72  
 Javaé (fam. Karajá) 56  
 Jê, família (tronco Macro-Jê) 47ss., 56, 74  
 Juma (v. Parintintín)  
 Jurití (fam. Tukáno) 92  
 Jurúna (fam. Jurúna) 43, 46, 96  
 Jurúna, família (tronco Tupí) 42, 43, 46, 96  
 Kabixí (= Nambikwára do Saramé)  
 Kabixiána (fam. Arikém) 97  
 Kadaupurítana (= Baniwa do Içana)  
 Kadiwéu (fam. Guaikurú) 23, 24, 25, 26, 73, 74  
 Kagwhív (= Parintintín)  
 Kaingáng (fam. Jê) 12, 24, 48, 50, 53, 54, 55, 56  
 Kaiwá (v. Guarani) 33, 36, 39  
 Kalapálo (fam. Karib) 58, 63  
 Kamá (fam. Makú) 87, 92  
 Kamaká (fam. Kamaká) 49, 50, 52, 53, 55  
 Kamaká, família (tronco Macro-Jê) 49  
 Kamayurá (fam. Tupí-Guaraní) 37, 39  
 Kambéba (= Omágua)  
 Kámpa (fam. Aruák) 68, 72

Kanamantí (fam. Arawá) 71, 72  
 Kanamarí (fam. Katukina) 79, 81  
 Kanoê (língua isolada) 94, 97, 98  
 Kapité-mnanei (= Baniwa do Içana)  
 Kapixaná (= Kanoê)  
 Kapóng (= Ingarikó)  
 Karajá (fam. Karajá) 49, 50, 51, 54, 55, 56, 96  
 Karajá, família (tronco Macro-Jê) 49, 56  
 Karapanã (fam. Tukáno) 92  
 Karapanã-tapúa (= Karapanã)  
 Kararaô (v. Kayapó)  
 Karib, família 57ss., 63, 65, 73, 74  
 Karipúna (fam. Panó) 77, 81  
 Kariri, família (tronco Macro-Jê) 49  
 Karitiána (fam. Arikém) 42, 44, 46, 96  
 Karnijó (= Yatê)  
 Káro (= Arára, fam. Ramaráma)  
 Karútana (= Baniwa do Içana) 67, 69, 70  
 Kasupá (= Aikaná)  
 Kataporítana (= Kadaupurítana, Baniwa do Içana)  
 Katawixí (fam. Katukina?) 81  
 Katukina (fam. Katukina) 79, 80, 81  
 Katukina, família 79, 81  
 Katukina do Acre (fam. Páno) 77, 81  
 Káwa-tapúa (= Aini-dákenei, Baniwa do Içana)  
 Kaxarari (fam. Páno) 77, 81  
 Kaxináwa (fam. Páno) 11, 77, 78, 81  
 Kaxuyána (fam. Karib) 63, 64  
 Kayabi (fam. Tupí-Guaraní) 39  
 Kayapó (fam. Jê) 47, 48, 49, 50, 51, 56  
 Kipeá (fam. Kariri) 11, 20, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55  
 Kiriri (= Kipeá)  
 Koaiá (língua isolada) 94, 97, 98  
 Kokáma (fam. Tupí-Guaraní) 39  
 Kokaimôro (v. Kayapó)  
 Koripáka, Koripáko (= Baniwa do Içana)  
 Koropó (fam. Purí) 49  
 Kótiria (= Wanána)  
 Kotoxó (fam. Kamaká) 49  
 Krahô (v. Timbira)  
 Kreen-akarôre (fam. Jê) 48, 56

Krenák (fam. Botocudo) 49, 56, 96  
 Krénjé (= Krénjé)  
 Kreyé (v. Timbira)  
 Krikati (= Krinkatí)  
 Krinkatí (v. Timbira)  
 Kuati-tapúa (= Kapité-mnanei, Baniwa do Içana)  
 Kubenkrangnoti (v. Kayapó)  
 Kubenkrankégn (v. Kayapó)  
 Kubéu (= Kubéwa)  
 Kubéwa, Kubewána (fam. Tukáno) 83, 84, 92  
 Kuikúru (fam. Karib) 58, 59, 60, 61, 63  
 Kuisi-tapúa (= Túke-dákenei, Warekéna)  
 Kulina (fam. Arawá) 71, 72  
 Kumadá-mnanei (= Baniwa do Içana)  
 Kumándene (= Kumadá-mnanei, Baniwa do Içana)  
 Kúra (= Bakairí)  
 Kuripáka (=Koripáka, Baniwa do Içana)  
 Kuruáya (fam. Mundurukú) 46  
 Lakondê (fam. Nambikwára) 75, 81  
 Latundê (fam. Nambikwára) 81  
 Língua Brasílica (= Tupinambá) 11, 100, 101  
 Língua da terra 100  
 Língua do Brasil 100  
 Língua do mar 100  
 Língua Geral 99ss.  
 Língua Geral Amazônica (fam. Tupí-Guaraní) 11, 32, 38, 39, 61, 68, 85, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109  
 Língua Geral do Norte (= Língua Geral Amazônica)  
 Língua Geral do Sul (= Língua Geral Paulista)  
 Língua Geral Paulista (fam. Tupí-Guaraní) 102, 103, 104  
 Macro-Jê, tronco 47ss., 56, 73, 95, 96  
 Makiritáre (= Mayongóng)  
 Máku (língua isolada) 95, 97, 98  
 Makú, família 83, 85, 87, 88, 92  
 Makuráp (fam. Tuparí) 46  
 Makuxí (fam. Karib) 58, 62, 63  
 Mamaindê (fam. Nambikwára) 75, 81  
 Mandawáka (fam. Aruák) 68, 69, 72

Manitenéri (= Píro)  
 Manitsawá (fam. Jurúna) 43, 96  
 Mápá-dákenei, Mápanai (= Baníwa do Içana)  
 Mapátse-dákenei (Baníwa do Içana)  
 Marúbo (fam. Páno) 77, 81  
 Masaká (= Aikaná)  
 Masakará (tronco Macro-Jê) 49  
 Matipú (fam. Karib) 58, 63  
 Matis, Matsés (fam. Páno) 77, 81  
 Máulieni (= Aini-dákenei, Baníwa do Içana)  
 Mawé (tronco Tupí) 42, 43, 46  
 Maxakali (fam. Maxakali) 19, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56  
 Maxakali, família (tronco Macro-Jê) 49, 56  
 Maxinéri (= Píro)  
 Mayá (fam. Páno) 81  
 Mayongóng (fam. Karib) 63  
 Mayorúna (fam. Páno) 77, 81  
 Mbayá (fam. Guaikurú) 73  
 Mbiá, Mbüa, Mbyá (v. Guaraní) 19, 32, 33, 36, 39  
 Mehináku (fam. Aruák) 68, 72  
 Mehtä (= Karapanã)  
 Mekén (fam. Mondé) 46  
 Menién (fam. Kamaká) 49  
 Menkrangnotí (v. Kayapó)  
 Mentuktíre (= Txukahamæ)  
 Mondé (fam. Mondé) 46  
 Mondé, família (tronco Tupí) 42, 43, 46  
 Mongoyó (fam. Kamaká) 49  
 Moré (fam. Txapakúra) 76  
 Moriwene (= Baníwa do Içana)  
 Mudjetíre (= Suruí do Tocantins)  
 Mundé (= Aikaná)  
 Mundúka (fam. Nambikwára) 75, 81  
 Mundurukú (fam. Mundurukú) 43, 44, 45, 46, 62  
 Mundurukú, família (tronco Tupí) 42, 44, 46  
 Múra (fam. Múra) 78, 79, 81  
 Múra, família 78, 79, 81  
 Münkü, Mynky (= Irántxe)  
 Nadéb, Nadéb, Nadob (fam. Makú) 87, 88, 111  
 Nafukwá (= Nahukwá)  
 Nagarotú (fam. Nambikwára) 75, 81  
 Nahukwá (fam. Karib) 58, 59, 60, 63

Nakrehé (fam. Botocudo) 56  
 Nambikwára, família 74ss., 81  
 Nambikwára do Campo (fam. Nambikwára) 75, 81  
 Nambikwára do Guaporé (fam. Nambikwára) 75  
 Nambikwára do Norte (fam. Nambikwára) 75, 76, 81  
 Nambikwára do Sararé (fam. Nambikwára) 75  
 Nambikwára do Sul (fam. Nambikwára) 75, 76, 81  
 Nhandéva (v. Guaraní) 19, 39  
 Nheengatú (= Língua Geral Amazônica)  
 Ninám (fam. Yanomámi) 83, 90, 92  
 Ntogaipid (= Itogapúk)  
 Nukuini (fam. Páno) 77, 81  
 Ofayé (tronco Macro-Jê) 49, 50, 52, 54, 55, 56  
 Ofayé-Xavánte (= Ofayé)  
 Omágua (fam. Tupí-Guaraní) 39  
 Orari (= Boróro)  
 Oyampí (= Wayampí)  
 Padzoaliene (= Payualiene, Baníwa do Içana)  
 Paitér (= Suruí, fam. Mondé)  
 Pakaanóva (fam. Txapakúra) 76, 81  
 Pakú-tapuya (= Payualiene, Baníwa do Içana)  
 Palikúr (fam. Aruák) 68, 69, 71, 72  
 Pamíwa (= Kubéwa)  
 Páno, família 77, 78, 79, 81  
 Parakáteye, Parakatejé (v. Timbira)  
 Paresí (fam. Aruák) 68, 69, 70, 72  
 Parintintín (fam. Tupí-Guaraní) 32, 36, 37, 39  
 Pataxó (fam. Maxakali) 56, 52  
 Pataxó Hähähæ (fam. Maxakali) 56  
 Páto-tapuya (= Kumadá-mnanei, Baníwa do Içana)  
 Paumari (fam. Arawá) 71, 72  
 Payualiene (= Baníwa do Içana)  
 Pemón, Pemóng (= Taupiáng)  
 Pirá-tapuya (fam. Tukáno) 92  
 Pirahá (fam. Múra) 78, 79, 81  
 Píro (fam. Aruák) 68, 69, 70, 72  
 Pixúna-tapuya (= Kadaupurítana, Baníwa do Içana)  
 Português (fam. Romântica) 19, 23, 24, 25, 105  
 Poyanáwa (fam. Páno) 77, 81  
 Proto-Arikém 45

Proto-Aruak 84  
 Proto-Jê 60  
 Proto-Mondé 45  
 Proto-Tupí 45, 46  
 Proto-Tupí-Guaraní 41, 45  
 Pukobyé (v. Timbira)  
 Purí (fam. Purí) 49, 50  
 Purí, família (tronco Macro-Jê) 49  
 Puruborá (tronco Tupí) 42, 46, 96  
 Quêchua  
 Ramaráma, família (tronco Tupí) 42, 43, 46  
 Ramkókamekra (= Canela)  
 Rikbaksá (tronco Macro-Jê) 49, 50, 52, 53, 55, 56, 96  
 Sabané (fam. Nambikwára) 75, 76, 81  
 Salamái (= Mondé)  
 Salumá (fam. Aruák) 68, 72  
 Sanamaiká (= Mondé)  
 Sanumá (fam. Yanomámi) 89, 90, 91, 92  
 Sateré (= Mawé)  
 Siusí-tapuya (= Walipéri-dákenei, Baníwa do Içana)  
 Sukuriyú-tapuya (= Moriwene, Baníwa do Içana)  
 Suriána, Surirá (fam. Tukáno) 92  
 Suruí (fam. Mondé) 43, 46  
 Suruí do Tocantins (v. Akwáwa)  
 Suyá (fam. Jê) 48, 56  
 Tagnani (= Tawandê)  
 Taliásperi (= Tariána)  
 Tapayúna (fam. Jê) 48, 56  
 Tapiíra-tapuya (= Héma-dákenei, Baníwa do Içana)  
 Tapirapé (fam. Tupí-Guaraní) 32, 37, 39  
 Tariána (fam. Aruák) 66, 68, 69, 70, 71, 72  
 Tatú-tapuya (= Adzáneni, Baníwa do Içana)  
 Taupiáng, Taurepá (fam. Karib) 58, 60, 62, 63  
 Tawandê (fam. Nambikwára) 75, 81  
 Tembé (v. Tenetehára)  
 Tenetehára (fam. Tupí-Guaraní) 33, 37, 39, 101  
 Tenharin (v. Parintintín)

Teréna, Teréno (fam. Aruák) 69, 70, 71, 72  
 Tikúna (= Tukúna)  
 Timbira (fam. Jê) 47, 48, 51, 56  
 Tirió, Tiriyó (fam. Karib) 63  
 Toba (fam. Guaikurú) 74  
 Torá (fam. Txapakúra) 76, 77, 81  
 Trumái (língua isolada) 95, 97, 98  
 Tubarão (= Aikaná)  
 Tukáno, Tukána (fam. Tukáno) 68, 84, 86, 87, 92  
 Tukáno, família 83ss., 92  
 Túke-dákenei (= Warekéna)  
 Tukúna (língua isolada) 94, 97, 98  
 Tupari (fam. Tupari) 44, 45, 46, 62  
 Tupari, família (tronco Tupí) 42, 46  
 Tupí (veja também Tupí Antigo, Tupinambá, Língua Geral Amazônica, Língua Geral Paulista) 19, 100  
 Tupí, tronco 41ss., 47, 61, 62, 73, 95, 96  
 Tupí Antigo (= Tupinambá) 11, 20, 30, 31, 32, 34, 36  
 Tupí Austral (= Língua Geral Paulista)  
 Tupí Moderno (= Língua Geral Amazônica)  
 Tupí-Guaraní, família (tronco Tupí)  
 Tupinambá (fam. Tupí-Guaraní) 11, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 35, 36, 43, 44, 62, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108  
 Tupinikín, Tupiniquim (= Tupinambá) 100  
 Turiwára (v. Anambé)  
 Tuyúka (fam. Tukáno) 92  
 Txapakúra, família 76, 79, 81  
 Txikão (fam. Karib) 58, 59, 60, 63, 64  
 Txukahamæ (v. Kayapó)  
 Txunhuā-djapá (fam. Katukina) 79, 81  
 Urubú (fam. Tupí-Guaraní) 37, 38, 39  
 Urubú-Kaapór (= Urubú)  
 Urubú-tapuya (= Wádzoli-dákenei, Baníwa do Içana)  
 Uruewauwáu (fam. Tupí-Guaraní) 39  
 Urukú (= Arára, fam. Ramaráma)  
 Urupá (fam. Txapakúra)

Wádzoli dákenei (= Baníwa do Içana)  
 Wahyára (= Jurutí)  
 Waiká, família (= Yanomámi, família)  
 Waíkana (= Pirá-tapúya)  
 Waimirí (fam. Karib) 63  
 Waiwái (fam. Karib) 63, 64  
 Walipéri-dákenei (= Baníwa do Içana)  
 Wanána, Wanáno (fam. Tukáno) 84, 86, 87, 92  
 Wanináwa (= Katukína do Acre)  
 Wapixána (fam. Aruák) 68, 69, 70, 72  
 Warekéna (fam. Aruák) 66, 68, 69, 70, 72  
 Warikyána (fam. Karib) 63  
 Waríwa-tapúya (= Guariba)  
 Waurá (fam. Aruák) 68, 69, 71, 72  
 Wayampí (fam. Tupí-Guaraní) 32, 38, 39, 61  
 Wayána (fam. Karib) 58, 60, 61, 63  
 Wayoró (fam. Tuparí) 46  
 Winá (= Desána)  
 Xakriabá (fam. Jê) 48, 56  
 Xambioá (fam. Karajá) 56  
 Xavánte (fam. Jê) 48, 50, 51, 54, 55, 56  
 Xerente (fam. Jê) 48, 51, 56  
 Xetá (fam. Tupí-Guaraní) 26, 27, 39  
 Xikriabá (= Xakriabá)  
 Xikrín (v. Kayapó)  
 Xipáya (fam. Jurúna)  
 Xiriána, Xiraná, família (= Yanomámi, família)

Xokléng (fam. Jê) 19, 48, 56  
 Yabaána (fam. Aruák) 68, 72  
 Yahúp, Yahop (fam. Makú) 87, 88, 92  
 Yainomá (= Yanomám, mas não Yanomámi, língua)  
 Yamamadi (fam. Arawá) 71, 72  
 Yamináwa (fam. Páno) 77, 81  
 Yanám (= Ninám)  
 Yanoáma, Yanomámá, família (= Yanomámi, família)  
 Yanomám (fam. Yanomámi) 89, 90, 91, 92  
 Yanomám, Yanomáme (= Yanománi, língua)  
 Yanomámi (fam. Yanomámi) 89, 90, 91, 92  
 Yanomámi, família 83, 88ss., 92  
 Yatê (tronco Macro-Jê) 19, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56  
 Yawalapítí (fam. Aruák) 68, 69, 71  
 Yawanáwa (fam. Páno) 81  
 Yawareté-tapúya (= Dzawí-minanei, Baníwa do Içana)  
 Yebamasã (fam. Tukano) 84, 92  
 Yekuána (= Mayongóng)  
 Yepamahsã, Yepá-matsó (= Yebamasã)  
 Yibóya-tapúya (= Dzúreme, Baníwa do Içana)  
 Yurití-tapúya (= Jurití)  
 Yurupari-tapúya (= Íyemi, Tariáná)  
 Yurupari-tapúya (= Mapátse-dáke-nei, Baníwa do Içana)  
 Zoró (fam. Mondé) 46.

## SUMÁRIO

Prefácio .....	5
Introdução .....	9
1. As línguas indígenas .....	17
2. A família Tupí-Guarani .....	29
3. O tronco Tupí .....	41
4. O tronco Macro-Jê .....	47
5. A família Karib .....	57
6. As famílias Aruák e Arawá .....	65
7. Famílias lingüísticas menores ao sul do Amazonas .....	73
8. As famílias Tukano, Maku e Yanomami .....	83
9. As línguas isoladas .....	93
10. As Línguas Gerais .....	99
Bibliografia .....	111
Índice de línguas .....	129

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DE EDIÇÕES LOYOLA  
RUA 1822 N.º 347 — TELEFONE: 914-1922 — SÃO PAULO